CARTAS FILOSOFICAS

A

ATTICO.

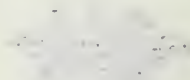
POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Et solum mihi super est sepulchrum.
Job.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1815.

Com Licença.

A' Illustrissima Senhora

D. JOANNA THOMAZIA DE BRITO LOBO DE S. PAIO,

Religiosa Cisterciense no Real Mosteiro d'Odivellas.

DEDICATORIA.

N*Em lisonja, nem dependencia poderião sustentar, e dirigir huma penna tão imparcial como esta, que ainda não louvou senão o mérito, nem queimou insensos mais que á virtude: só este mérito, e esta virtude que existe em V. S. em grão supremo me constituirão no dever, e na obrigação de lhe dedicar, e consagrar estas Cartas, que entre as obras que tenho composto merecem hum lugar distincto. Não seria eu capaz de lhas consagrar, se V. S. não fosse, tanto como he, capaz de as avaliar, e de as entender. Pelos dotes do seu entendimento augmenta V. S. o catálogo das mulheres illustres deste, e do passado seculo. Muito se distingue, he verdade, pelo no-*

bre sangue que lhe gira nas vêas, procedendo de huma familia tão illustre, e tão antiga, que o seu primeiro tronco dáta com o berço da Monarchia Portugueza; mas isto he hum accidente da Fortuna, não he hum dote da Natureza Ha ainda em V. S. coisas mais respeitaveis, e a quem só a Razão, e a Justiça devem dar valor. Quiz V. S., e voluntariamente o quiz, nos mais tenros annos, renunciar o Mundo, e as esperanças, arrancar-se do seio da sua familia, e consagrar ao Ceo com a formosura passageira, hum espirito elevado, que lhe podia bem affiançar a estima, e os applausos do seculo. Abraçou o Instituto Cisterciense nesse antigo Mosteiro, e deo-se toda a Deos,

e ao estudo, cultivando sem detrimento da regular observancia seu natural engenho; e eu que sou delle o admirador, devo tambem ser delle o annunciador, para não ficar em Portugal sepultado o que em outro qualquer Reino, onde aos talentos se désse preço, cançaria a voz da Fama. Florença, Roma, a Italia toda, admirárão, e coroárão como Poeta a improvisadora Corilla Olympica, que se julgaria menos digna deste premio, se fóra do Claustro, e naquelles grandes theatros de apuradissimo gosto, e Litteratura fosse V. S. escutada. Caetana Agnesi, sua irmã, no mesmo instituto Cisterciense: em o Mosteiro de Milão, acaba de assombrar o Mundo com seus

doutissimos Tratados de Mathematica, e neste seculo em que tanto se tem apurado, e cultivado esta sciencia, merecendo o applauso, e respeito dos maiores sabios, e honrando com o seu nome as mais illustres Academias da Europa Christina Ardighelli, e Laura Bassi receberão no fim do passado seculo a laurea de Doutoras em a Universidade de Bolonha, e nella publicamente ensinárão. A mui célebre Madama de Staél que no dia de hoje honra com sua presença a Capital do Mundo Christão, fez tremer com seu profundo talento o eclipsado, e extincto Tyranno, immortalisando-se em seus escriptos, e gozando da Posteridade antes da Posteridade; estas mesmas, assim famo-

sas, se vissem, e se escutassem a V. S. ficarião mui pagas de lhe chamarem companheira nos talentos; e pois os seus me devem parte da sua cultura, como V. S. quer urbanissimamente confessar, he justo lhe sejão dedicadas Cartas sobre tantos, tão diversos, e scientificos assumptos, porque nenhum lhe he estranho, e sobre todos póde formar o mais acertado juizo. Não seja em V. S. a sua natural, e religiosa modestia, tão idolatra do silencio, que queira sepultando o que escreve privar Moura, sua Patria, de huma gloria que he sua, que he nossa, que he do Reino, e a sua illustre Religião de mais hum timbre, pois tem sido até agora tão benemerita da Patria que lhe deve a

vasta, e erudita obra dos seus Annaes, cuja continuação sem offensa de tantos talentos que honrão o Claustro de Claraval, se poderia dever a V. S. se a não dominára tanto o presuposto, que se lhe assentou no coração de não querer parecer o que he. Sabe unir muito bem a virtude, e a sciencia; e quando he constante esta união, e esta harmonia, não deve ter clausura o seu nome, nem devem ficar na sombra do Claustro os seus conhecimentos, he justo que veja o Mundo illustrado a razão com que os admiro, e até a razão com que os invejo. O sentimento delicado he proprio do seu sexo, he a regra dos seus juizos, e poucas vezes se engana, e nestas decisões sentimentaes

sobre as obras de puro engenho, não leio huma só Carta de V. S. que a não compare, para a preferir, á mais bem lançada de Sevigné. Sei que tem mérito os meus discursos quando agradão a V. S., e conhecerei que são dignas do Público as presentes Cartas, se merecerem a approvação de V. S. Acceite a presente Dédica como hum tributo de admiração, e reconhecimento, em quanto como criado lhe beija a mão

José Agostinho de Macedo.

CARTAS FILOSOFICAS.

CARTA I. (1)

NÃo, eu não posso negar-vos, meu amado Attico, que considerados em si mesmos não sejão bens os que chamamos bens da Fortuna; honras, póstos, commandos, riquezas, servos, palacios; porque todos podem contribuir para nosso prazer, e commodidade: mas he preciso advertir, que o maior preço e valia que tem estes

(1) Esta primeira Carta já foi publicada pela estampa em o Semanario de Instrucção; porém para não mutilar a collecção se torna a publicar mais correcta, e mais accrescentada.

bens lhes são dados por nossa opinião e imaginação, ou fantazia. Sem estes bens tão pomposos, e esplendidos póde cada hum de nós ser feliz na terra, isto he, gozar daquella tranquillidade d'alma, que he a verdadeira ventura compativel com a mortalidade. He rematada loucura affligir-se a gente, e amargurar-se tanto com a privação destes bens. Isto vos parecerá hum lugar commum em Filosofia; mas assim mesmo he a mais importante lição em moral. Não he menos lastimosa loucura nutrir no coração fogosos, mas inuteis desejos de os conseguir. Com huma pequena dóse de siso que vos haja tocado em sorte, conhecereis, que nós não devemos fabricar a desventura quando dizemos que buscamos, e inquirimos a felicidade. Entre as maximas do Estoicismo que eu tanto prézo, sempre dei grande valor áquella que tantas vezes repito... „Que a Natureza se contenta com pouco„. Serei sempre rico, se com muito pouco me contentar. Com effeito não he preciso muito para sa-

ciar a nossa fome e sede: tudo o mais he superfluo, tudo o mais he filho da opinião. Vós conhecereis esta verdade até no seio da grandeza em que nascestes. Hum vestido competente que nos cubra, e nos defenda das injurias das estações, basta ao homem, o mais he opinião, e vaidade. O Grão Pensionario da Hollanda visitando o Filosofo Spinosa, se admirou da simplicidade e talvez pobreza de seus vestidos, a que judiciosamente respondeo este singular engenho; que a caducidade do edificio humano não necessitava de mais ricas armações, e tapeçarias. E na mesma Hollanda o Filosofo Des-Cartes nunca quiz trajar mais que hum simples lemiste. Vergonha he para o sábio vêr a Filosofia empenhada em lhe persuadir esta verdade, que a todas as horas se escuta na boca do homem rustico, e illitteráto: dentro da mais pobre, e apertada choça se póde achar alvergue, guarida, e repouso; não ha necessidade de grandes palacios. He verdade que a vista de grande fazenda;

o apparato dos commandos, a elevação dos póstos encantão, fascinão, e prendem a fantazia, e o sempre vaidoso espirito humano. O que os não possue, emprega todos seus desejos, e se atormenta, e crucifica para os possuir, e o que os possue não se suspende, deseja ainda coisas maiores. Muita impressão faz em nossa fantazia a pompa que acompanha os ricos, e os constituidos em dignidade! Julgamos que os que a este ponto tem chegada nada precisão, que tudo lhes sóbra, e que a alegria, e o prazer habitem unicamente na casa dos Potentados; este prazer vive excluido, e desterrado da morada do pobre: mas he preciso usar aqui de balanças mais fiéis. Primeiramente o sábio conhece que sempre devem existir pobres no Mundo, e que isto convém á boa ordem do mesmo Mundo: o sábio se accommoda, ou amolda a esta ordem com deferencia, e fortaleza. Não existirião muitas artes senão existisse a pobreza. Quem desterrasse do Mundo a necessidade, veria todo

o genero humano em hum contínuo espasmo. Com a mais ligeira attenção podeis conhecer quantas fadigas, e sobresaltos sejão precisos para ajuntar riquezas; quantos cuidados para as conservar, e quantos desastres tragão comsigo os importunos pleitos, de que ellas são principio, e poderosa causa. He verdade que nos palacios dos ricos não tem entrada a miseria; mas talvez que permaneça em seus corações, se a riqueza não anda acompanhada da virtude. Será bello todo o exterior, prazer, magnificencia, alegria, mas se podessemos penetrar o ámago, veriamos o contrario. Desejos contínuos, ambição sempre descontente, e nunca farta; temores, despiedados remorsos, e crueis arrependimentos, e aquellas tão invejadas dignidades e luminosos cargos, atravessados de impaciencias, d'espinhos, mais penetrantes, e pungentes ainda do que se nos representão os dos pobres. Observai bem, e vereis que nunca tem repouso servos do Monarca; servos do publico; perdêrão a liber-

dade, e soffrem mais penitencias; e fadigas mais penosas, que as dos mais rigidos Cenobitas: temem sempre os eclipses, e os precipicios, e ainda que conheção os commodos, e a paz da vida privada, para elles seria huma intoleravel desgraça o descer, (e que frequente he esta peripecia!) e decahir do que entre tantos sobresaltos tem gozado. Nem destas vicissitudes, e duras pensões estão izentos os mesmos thronos dos Reinantes. Quantos, e quão funestos exemplos vos offerece o presente seculo! Quanto mais o miseravel he elevado, quanto mais alto existe, tanto maior e mais insoffrivel se lhe torna qualquer contratempo, ou infortunio, porque he maior a delicadeza de seu animo. Porém tal he a condição, ou feitio das nossas cabeças: ainda que a prática do mundo, e huma séria reflexão nos fação tocar com as mãos as verdades que vos digo, poucos considerão com olhos judiciosos as riquezas, e as dignidades. Apenas existirá hum homem, que não despenda muitas

vezes algum desejo, e o encaminhe a estas magnificas apparencias da grandeza humana, e lisonjas da Fortuna. Quantos ha, pelo contrario, que appetecem tudo isto, ainda que acompanhado de suas molestas pensões.

Só está reservado para o verdadeiro Filosofo separar em tão magestosos bens o que he substancia do que he apparencia, o que he verdade, do que he opinião. Não são as riquezas, nem tão pouco a alta Fortuna, quem póde encher de contentamento o coração humano. Só he riquissimo quem se contenta daquillo que tem, e até do pouco. O modo mais proprio de enriquecer, he diminuir os desejos, e as vontades. O mais rico dos ricos he aquelle que conserva o coração vazio de appetites, e desejos: e o que dentro do mesmo coração sabe, não só mortificar, mas domar, e vencer as amotinadas paixões. Com tanto que não falte ao homem o que he necessario á Natureza, que consiste em muito pouco, a pobreza, e o

estado humilde, e obscuro não são coisas que o fação desgraçado. A suprema ventura da vida consiste na tranquillidade, ou equilibrio do animo. Eu tenho notado mil vezes, que hum pobre, e ignorado Cenobita, que viva, por exemplo, entre os rochedos de S. Pedro das Aguias, he mais feliz, e bemaventurado que todos os Reis Terra. Se se lhe desperta no coração hum desejo inquieto, péga no bordão de huma sublime Filosofia, e o espanca, e affugenta. Com as mesmas armas vence, e doma o imperio das insoffridas paixões. Nunca julguei que era privativo aos Grandes, e aos ricos o privilegio de rir, e alegrar-se; tambem a vulgo, e esse a quem a soberba chama baixa, e infima plebe, conta suas horas d'alegria, e goza daquelle contentamento, que debalde buscão os pecuniosos, e os Grandes. He verdade que o pobre não tem o dominio do campo em que trabalha; porém no mesmo suor com que o réga, acha recursos para a sua subsistencia. Esta não falta ao official que

trabalha no seu mister, e no officio, que aprendeo; se não suffóca a industria com a preguiça, encontra sempre huma boa herdade, que o sustente, e mantenha: senão tem manjares delicados, tem sempre hum bom appetite, que he o melhor cozinheiro, e a mais bem preparada mostrada, ou o mais provocante sainete: e com effeito a fome não tem necessidade de adubos. Mas não passeia, nem desempédra as ruas em carrocins envernizados, não traja pannos superfinos, não tem jardins deliciosos, nem palacios, nem moveis sumpruosos, nem estatuas, nem urnas, nem bustos, nem relevos, nem o peor de todos os incommodos, huma turba de creados, ingratos sempre, indoceis, e murmuradores: mas o homem de vida frugal, e até pobre não tem necessidade de pés alheios para andar, não precisa de satellites, que o acompanhem por toda a parte, e que sejão outros tantos espiões de quantas passadas elle dá. Passeia o pobre official, e estende a vista por tão soberbos paquebotes, por tantos

vestidos que levão em si thesouros, por tão brilhantes chapadas de pedraria, que enfeitão peitos roidos, e ralados de inquietações, e diz no seu coração: »Quanto vivo obrigado a estes freneticos! O que fazem, o que gastão, o que trabalhão para me divertirem! Elles andão carregados, e eu sou o que gozo do espectaculo? » O bom, ou o profundo Diogenes, quando hia comer hum pedaço de pão, escolhia para refeitorio o magnifico portico do templo de Jupiter, hum dos mais pomposos, e soberbos edificios de Athenas, e a agredecia muito aos Athenienses terem edificado aquelle magestoso palacio em que elle podesse jantar á sua vontade. Este Diogenes foi, sem disputa, o homem Grego que teve as mais ajustatadas idéas das coisas. »Se eu não fôra Alexandre só quereria ser Diogenes, lhe disse hum louco. -- »Pois sou Diogenes, e não quero ser Alexandre», lhe diria eu de dentro da mesma tina, se a habitasse.

A classe daquelles homens, que

póde retirar-se ao campo, e viver commodamente sem apparato, e luxo, póde, se quizer, não invejar a magnificencia dos Potentados da Corte. As tapeçarias, e regalos que lhes subministra a Natureza, nas arvores, nos prados, nos campos, nos armentíos, se elle souber pôr freio á cubiça e vãos desejos, mais o satisfazem que todo o tresloucado luxo dos habitantes da immensa Capital. Vivem os homens do campo, não se póde negar, na solidão; mas esta he adoçada com hum admiravel socego, e paz interna não perturbada de murmurações, de contrariedades, de noticias desgostosas, de vicios, desordens, e perigos de que abunda huma grossa população. Assim o entendia hum dos melhores julgadores que tiverão a Antiguidade e a Filosofia, Horacio: assim mesmo o entendem todos aquelles que fazem bom uso do talento que a Natureza lhes déra. O ponto está em ajustarmos bem, e termos mão em nossas cabeças, que ás vezes com tanta facilidade para todas as par-

tes se volvem. Então não he precisa muita fadiga para conhecer, que he ter juizo contentar-se com pouco; privilegio que foi concedido a raros; porque annexamos huma idéa muito grande de ventura á posse de certos bens os quaes não merecem tanto apreço de nossos corações, nem nós devemos amargurar quando delles vivemos privados. Sei que perderia o trabalho, se quizera persuadir a não poucos que se contentem com o proprio estado, que não desejem riquezas ainda que com estas se podessem conseguir certos prazeres, que senão podem esperar no centro da penuria: mas sempre será verdade, que o sábio ainda que pobre, se souber usar do raciocinio, poderá ter o animo tranquillo; e por isto chamar-se a si mesmo não desgraçado, mas venturoso. Eu não vos digo que seja hum grande attentado desejar as riquezas; mas sempre insisto que he hum grande desvario desejallas com afinco, e inquietação; porque então se torna mais tormentosa, e intoleravel a pobreza

com estes sempre inquietos desejos, que não dão treguas ao coração do miseravel avarento. Não está em nossa mão adquirir riquezas, mas está em nossa mão que estas riquezas que não podemos conseguir nos não roubem o socego.

Em outro desvario damos não poucas vezes: foi para comnosco liberal a Fortuna, atulhou nossas casas de seus bens, e chegamos com sua posse a nadar em hum Oceano de delicias; mas he tal nossa miseria ou inconstancia, que as não prezamos, ou estimamos por isso mesmo que as possuimos: seu aturado uso diminue em nosso entendimento sua natural impressão. Pelo contrario, nossos olhos, nossas reflexões, e até nossos desejos, correm apôs os bens que os outros gozão, e só esses nos parecem felizes, só esses nos parecem mimosos da Ventura, ou bem olhados da Providencia que dirige, e que governa o Mundo. Pelo contrario o homem de sizo sem gastar hum pensamento apôs do que outro goza, e elle não póde

haver, nem gozar, cuida só no pouco, ou no muito que a Fortuna lhe ha dado; disto goza, e este mesmo pouco lhe parece mais do que se devia a seu merecimento. Os bens alheios são para nós males verdadeiros, quando possuidos pelos outros servem só de nos inquietar. Confrontamo-nos com estes a que chamamos ditosos; e esta confrontação nos faz parecer nosso estado miseravel, e infeliz. Ajunta-se a toda esta disgraça imaginaria, a Inveja muito real; paixão bem diversa de todas as outras, as quaes bem refreadas, e governadas podem servir de ministras á virtude. A Inveja he de sua natureza sempre maligna, sempre contraria á virtude; he surda, e feroz atormentadora de quem lhe dá entrada no coração. E quanto anda derramada pelo Mundo esta mortifera peste! Tanto fallar dos que nos são superiores, e aventajados, e buscar com o microscopio todos seus defeitos, por certo não he este o effeito do bom zelo, he o parto da Inveja. Soffremos mal, que tantos go-

zem aquellas faculdades, subão áquelles postos, e tenhão aquellas dignidades. Soffremos mal que sejão doutos, bem vistos, e honrados de todos, que os acompanhe o bom nome, que sejão dotados de profundo engenho, de alta prudencia, de fina penetração, de aurea eloquencia, e de outras similhantes prerogativas, que provêm, ou da Natureza, ou da industria, ou das humanas vicissitudes. Faz grande mal a nossos olhos o bem que os outros possuem, e o consideramos como roubado ao nosso mérito. Ajunta-se a Soberba á Inveja, e não queremos que ninguem nos preceda. Todas as paixões são furiosas, mas a Inveja he rematadamente louca, porque aborrece o bem alheio sem proveito proprio: com isto não tiramos felicidade a quem a possue, nem nos fazemos senhores della se a não temos: cançamos debalde os desejos, e depois de tantas fadigas, não fica á Inveja mais que o veneno que a consome, e rala. Quem pois quer usar da razão, em vez de perder, ou cançar os olhos

atraz dos mais felizes, deve antes de ter os olhos sobre tantos pobres e mendigos, sobre tantos afflitos, enfermos, desgraçados, e oppressos, que a milhares s'offerecem sobre a grande scena do Mundo, verdadeira patria das desventuras, e medir, e comparar a propria situação com a situação destes desditosos. Póde aqui, e em tal confrontação carpir-se acaso, ou chorar-se a Inveja? Muito céga ha de ser quando se não confessar á vista desta confrontação muito bem tratada pela Providencia! Ninguem he miseravel, senão comparativamente. O remedio para fazer callar o amor proprio, he obrigallo a fitar os olhos sobre tantos que são muito mais desgraçados que nós somos. Quem souber curar suas opiniões, avezando-se a se contentar de pouco, alcançará a verdadeira tranquillidade do animo, em que consiste a ventura independente de qualquer estado. Não vos pareça longa a minha Carta; que nem Cicero era breve quando escrevia a Attico, ou Seneca a Lucilio.

CARTA II.

VO's vos assombrais, e assustais com razão vendo a cada pagina da Historia Romana attentarem contra a propria existencia aquelles mesmos chamados Heróes, que, ou pelos crimes, ou pelas suas virtudes, e até por suas mesmas letras, e talentos tanto tinhão figurado na grande scena do Mundo. Lucrecio se dá a morte em Roma, Catão em Utica, Bruto em Farsalia, queixando-se da Virtude com tanto escandalo da razão, e da Natureza. O eloquente Plinio celebra em suas Cartas este, porque se deo a morte, não podendo supportar o pezo da decadente velhice, aquelle para impôr termo ás insupportaveis dores de huma longa enfermidade. E até Nero fez desta acção o ultimo dos seus delictos. O medo das verbosas epistolas de Cáprea antecipou esta voluntaria morte a muitos Senadores Romanos. Se estes quadros da antiga Historia vos assombrão, eu não

me admiro que tanto vos enterneçais á vista da lastimosa catastrofe de Werter, ainda que o assombro deve diminuir quando vos lembrardes que em Werter o excesso de huma paixão violenta lhe havia por certo perturbado, e desconcertado o entendimento. Muito mais he de admirar vermos estes golpes tantas vezes repetidos no meio de huma Nação fleumatica, e pensadora, onde em geral a somma dos bens, da liberdade, e dos prazeres excedêo sempre a somma dos males a que tambem em geral está sujeita outra qualquer Nação. Estranho desconcerto he este, ou da Natureza, ou da Sociedade; e desconcerto que se não limita a huma só época, mas que eu vejo propagado, e dilatado por todos os seculos, e de que me offerece mil exemplos a historia da civilização de todos os povos. Oh pasmosa pequenez do coração humano! Que causas póde haver que determinem tão lastimoso effeito? Quando a Historia me representa estes medonhos quadros em alguma illustre

personagem, sempre me pergunto a mim mesmo seu poderoso motivo. Sempre vejo que he a perda da reputação, o medo da mesma morte; que insectos similhantes, e iguaes a nós não tinhão em grande estima a nossa pessoa, o arrependimento muito tardo, e muito inutil de hum delicto, de que somos réos, e culpados, ou abatimento, ou aviltamento. Aquelle Rei commandava, e ei-lo obrigado, e forçado a obedecer; até aqui coberto de purpura, e oiro, e agora carregado de ferros. Oh quão pequeno, e desprezivel he tudo isto aos olhos da severa razão! E com tudo tão facilmente se ataca a Natureza, e a Divindade, e se diz que ella exposera o homem a estas horriveis vicissitudes. Tão grave materia penhóra todo o meu entendimento, e me obriga a expor-vos as minhas reflexões; porque vejo que o suicidio teve por Apologistas grandes, e abalizados engenhos. A mais eloquente passagem de Seneca he o quadro da morte de Catão; elle o offerece como hum triunfo que a ra-

zão alcança sobre a Fortuna. He excessivamente pathetica a pintura de Catão, em a noite que precedeo o vilissimo attentado: tem junto a si o Dialogo de Platão sobre a immortalidade, e de outro lado conserva a espada núa com que deve atravessar o muito, ou medroso, ou orgulhoso coração: o Dialogo para querer, e a espada para poder morrer. Soberbas são tambem as pinturas de Young, que parece que amenizão o horror da voluntaria morte: mas nem o arrebatado, e impetuoso enthusiasmo deste, nem o encarecido Estoicismo daquelle imporáõ jámais á minha razão. He preciso que eu vos aclare de huma vez estas sombras em que me dizeis andais fluctuando.

He acaso a nossa vida hum bem? Se he hum bem, póde dar-se na mesma vida alguma circunstancia porque se torne hum mal? Eis-aqui dois problemas de cuja solução pende decidir se seja, ou não seja licito o suicidio? Se nos quizermos atter ao juizo, e decisão do vulgo, o primeiro proble-

ma parece estar por si mesmo resolvido. A existencia he o maximo dos bens, e o fundamento de todos os outros que acompanhão a vida; o prazer de existir merece a preferencia, e não ha outro algum que se lhe possa comparar. Assim pensa, assim discorre a multidão; mas o vulgo, e a multidão avezada a proferir palavras sem lhe annexar idéa alguma, não deve impôr ao Filosofo, o qual sabe que huma opinião recebida por muitos he ás vezes hum engano, ou hum erro commum, e successivo. As proposições equivocas não podem servir de principio a hum só raciocinio. Fixemos pois primeiro que tudo a idéa annexa a este nome *existencia*, e vejamos se o vulgo tem razão. Dizemos que huma coisa existe quando está fóra da causa apta a produzi-la. O homem existe em razão de composto, quando a sustancia pensante permanece unida á sua machina. Em quanto dura esta união, e o mutuo commercio entre a alma, e o corpo organico, tambem continúa a vida, e a existencia

do homem. A existencia pois considerada em si he hum abstracto, e pelo que diz respeito ao homem não he nem hum bem, nem hum mal, se se lhe não ajuntar alguma outra idéa, que determine o modo de existir análogo á sua indole sensivel. As idéas que se podem annexar da existencia tomada em sua relação com o homem, são a indifferença, a dôr, e o prazer. Hum estado indifferente no qual o homem não sinta, nem prazer, nem dôr, he huma quiméra. A Natureza humana se desenvolve, e expande por huma serie continua de sensações, e de desejos; he preciso pois que o homem exista modificado da dôr, ou do prazer. Mas a dôr repugna á Natureza humana a qual por sua mesma indole appetece, e anciosamente busca o prazer. Se o homem, pois, gosta de existir, isto he consequencia de algum prazer que se deriva de hum principio estranho, e annexo á existencia, e á vida. Eis-aqui porque huma existencia jocunda he hum bem, huma existencia penosa

he hum mal. Mas bastará qualquer dôr para que a vida seja hum mal? Se isto assim fosse, ha muito que a especie humana teria chegado ao seu termo. Hum estado doloroso como opposto ao natural appetite, excita o desejo da mudança, e não o da destruição. O desejo da destruição só tem dominio no animo quando a esperança o abandona: por isto se fosse conforme á Natureza o homem oppresso de quaesquer desventuras, conviria de bom grado que a vida fosse hum mal em taes circunstancias e que por isto podesse o homem renunciar a vida como se rejeitaria hum favor importuno, e arrojar de si o odiado pezo para passar á região dos mortos. Mas aconselhando-me com a razão, não acho caminho de me persuadir, que hum vivente possa ligitimamente desesperar, porque a desesperação he muitas vezes filha de hum delicto, e sempre hum delicto em si mesma. Provemos, meu Attico, estas duas proposições. Em quanto á primeira, quem ignora, que a desespe-

ração nasce as mais das vezes de huma desenfreada cubiça? He pois filha de hum delicto. Em quanto á segunda, eu considero hum homem immerso na mais cruel amargura, hum homem a quem, ou a carreira natural das leis fisicas do Mundo, ou os desconcertos, e estranhezas da ventura, ou a malicia de seus similhantes, hajão reduzido ás ultimas augustias, por pouco que escute a sua razão nesta mesma situação tormentosissima, as idéas de conforto, a consoladora esperança, os motivos de confidencia, jámais lhe podem faltar. A esperança de alcançar o perdão do supremo Moderador, e Arbitro do Universo, a mutabilidade das coisas humanas, a sabia ordem da amorosa Providencia, são grandes, e fixos pontos de apoio, são soccorros que trazem em si mesmos o alivio, e excluem por si mesmos a desesperação. Mas não se apoiar sobre estes motivos, não descançar nestas bases, sahir fóra, e desviar-se do plano da Natureza, subtrair-se ao governo do Ente Supre-

mo, não he hum delicto? Logo se o homem, regulando-se pela razão, tem sempre lugar de esperar, a vida neste sentido he sempre hum bem, nem jámais se deve reputar hum mal. Resolvido assim o segundo problema não duvido condemnar o suicidio como hum attentado contra a Natureza. O raciocinio que eu formo não póde ser mais simples; eis-aqui o raciocinio: para o homem que entra nos sentimentos que a razão lhe inspira, sempre a vida he hum bem; a destruição, e a morte, ou he hum mal, ou em quanto ao tempo he igual a zero: mas o homem he obrigado da Natureza a se buscar o bem; bem não só coherente á lei universal, mas relativo, e proprio a cada individuo; logo o dever do homem he conservar-se forte na posse da vida, ainda nas perplexidades mais tormentosas; e será sempre réo de violada lei natural, todas as vezes que cançado de viver se resolva a abandonar a vida, e levante contra si mesmo para a tirar as sceleradas mãos. O homem que

se haja tornado o alvo das disgraças, que se veja condemnado a exhalar os ultimos suspiros entre os espasmos de hum ignominioso patibulo, achará sempre hum grande bem na constancia, e na fortaleza da sua alma. Nunca a razão approvará que elle previna, ou antecipe hum só momento o golpe fatal. A Historia confirma o meu raciocinio. Os impios fanaticos que empunharão a espada, ou brandirão o ferro para se traspassarem o coração, não poderão sopitar os movimentos da Natureza repugnante á destruição de si mesma: aborrecião a vida, e não se aterravão com o aspecto da morte. No excesso de furor, a esperança reclamava os seus direitos, ainda sentião que a vida era hum bem, e aquella morte de apparato tão gabada da Antiguidade, a morte de Catão, não foi precedida de hum horrivel contraste? O orgulho, que lhe vedava submetter-se a Cesar, triunfou do amor da vida; a razão que condemnava este feito não teve nelle parte alguma. O terror de

huma morte incerta, a que por muitos meios se podia esquivar, obrigou o fugitivo Condorcet a tragar o veneno d'ante mão preparado como o de Annibal na corte de Bithinia, e do pávido Demosthenes em o Templo onde se escondêra. Em qualquer estado eu vos fico, que este raciocinio he da ultima evidencia. Eu o proponho, qual o hei concebido; se nada prova, então vos direi, que o Suicida usurpa hum direito não seu; que o Artifice Supremo nos dera a vida, não em dominio, mas em usofructo, direi com o vosso tão justamente prezado Montagne, que havendo-nos Deos posto de guarnição neste Mundo, não podemos abandonar nosso posto sem nos fazermos réos de deserção; que he huma contradição manifesta, que havendo o Creador determinado que dure a nossa maquina hum dado espaço de tempo, nos haja permittido destruilla a nosso arbitrio quando por seu mesmo mecanismo poderia ainda durar mais. Dir-vos-hei finalmente, que o homem he

obrigado a fazer todo o bem que póde aos seus similhantes; que cada homem tem hum modo privativo de desempenhar este dever em quanto poder; que tirando-se a vida se priva do fundamento de todos os meios applicaveis para desempenhar este sagrado, e universal dever, e que em consequencia offende a Sociedade. Se estas ultimas provas vos não parecem da mais convincente evidencia, terá sempre huma força insuperavel o argumento tirado do direito de Deos sobre a vida do homem; direito violado por hum furioso, quando indignando-se de gozar da luz, fecha os olhos ao dever, destróe a obra que não he sua, e que devia conservar como precioso deposito confiado á sua guarda, para o consignar voluntariamente nas mãos do seu Author no momento preciso em que lhe aprouvesse tomallo conforme as determinações de seu conselho sempre sabio, e sempre justo. Por isso nas inevitaveis calamidades nunca será remedio o ferro, ou veneno, mas a constante pa-

ciencia, e a humilde resignação. Deos volve a grande roda do Mundo com ordem eterna, que nós não podemos perturbar. A cadêa que liga a Natureza sahe da boca de Jove, dizem os Poetas; o golpe arbitrario que a corta he hum attentado contra o Providencia.

Vivei tranquillo, meu Attico; este he o fructo da sabedoria que buscamos, e este que vos offereço nestas cartas não he tirado só do estudo dos livros, he tirado do centro do meu coração, e se eu conseguir tranquillizar, e equilibrar o vosso animo, tenho conseguido apresentar ao Mundo o retrato do verdadeiro sabio.

CARTA III.

AH! meu amado Attico, vós tendes razão; he verdade, he verdade, o mais sublime o mais profundo dos Filosofos, desde que esta palavra Filosofia se começou a escutar no Mundo até agora, he o Hebreo Saxonio Mendelson. Que nação he esta! Até

assombrosa aos olhos do Politico Montesquieu, e do Methafisico, e Mathematico Pascal! Spinosa era hum Hebro Portuguez, Kant hum Hebreo Prussiano, Ozanan hum Hebreo Francez, Block hum Hebreo Bohemio, e Lessing, sobre tudo, hum Hebreo Alemão; este Lessing se póde dizer nascido para abrir hum commercio livre entre as Provincias mais remotas da humana sapiencia, para illuminar, e enriquecer humas com outras, e para formar dellas hum só Estado animando-o com o mesmo espirito. Filosofo, Poeta, Historiador, Humanista, e Litterato no sentido mais amplo, e mais legitimo, possuia a capacidade de Verulamio, a erudição de Plutarco, a subtileza e a profundidade de Leibnitz, a facundia de Marco Tullio, e a imaginação de Platão. Mas a todos estes que vos hei dito, e a todos sobresahe Mendelson. Não vos admireis de o ver privado das honras litterarias que lhe promettia a reputação universal; nesta disgraça entrárão como causa as preven-

ções obstinadas de Frederico 2.º, a quem seus sofistas souberão persuadir que os Hebreos não merecião estima alguma. Vós acreditaes as decisões do meu estudo, e as minhas aturadas combinações, e comparações entre Filosofos e Filosofos: sabeis que possuo a historia de todas as Seitas, e de todas as Escólas, e por isso vos digo affoito, que Mendelson he o mais profundo de todos os Filosofos, e o que mais profundamente se entranhou no abysmo do conhecimento do homem interior; a meditação sobre suas obras, comque enriqueceo a Litteratura Italiana Francisco Pizzetti, ha onze annos que absorve quasi todas as horas da minha existencia; anteponho sua leitura a todos os estudos, e á sua vista os exemplares Gregos e Romanos não são já volvidos pelas minhas mãos. Vós que tendes aprendido de mim a estimar Mendelson sabeis apreciar deveras a razão, que elle tanto exaltou e purificou. Sede-o sempre, e aprendereis a vingar a razão dos ultrages que

o impio e revolucionario Filosofismo lhe tem feito. Ah! meu amado Attico, eu me ponho da sua parte, e tambem hoje quero guerrear pela razão.

Confesso que em todos os tempos houverão semi-filosofos, que considerárão a razão, summo presente que Deos nos fez, como perturbadora dos nossos prazeres. Esta opinião que se tem derramado em quasi todas as nações cultas, e civilisadas só póde ser adoptada por quem nunca conheceo o que era razão. Os que assim pensão derão este respeitavel, e sagrado nome a hum fantasma, e á obra de sua desordenada imaginação. Adorárão este Idolo imaginario, e advirtindo que o invocavão em vão, e que não conseguião nem aquellas lições, nem aquellas luzes que tanto desejavão, o cobrirão de ignominia. Quem conhece a verdadeira razão, e piza as veredas que ella allumia, não póde duvidar nem de suas ventagens, nem dos prazeres que ella nos adquire. Debalde alguns Filosofos orgulhosos tem

considerado como inuteis as especulações methafizicas, e não tem faltado entre os do rebanho encyclopedista quem lhe chame ridiculas. Nunca o chegaráõ a persuadir ainda que o digão, e como poderão fallar jámais a linguagem da persuasão? Seu coração he tão corrompido, quanto sua maneira de discorrer. Eu vos confesso, meu amado Attico, que nunca pude lêr sem assombro, ou sem compaixão a muito franca decisão do Abbade Pluche, que exalta mais a occupação de hum Réaumur, quando busca os meios de preservar os pannos da traça que os róe, que as fadigas de hum Leibnitz, que medita o systema do melhor dos Mundos, ou de hum Bernouilli que se immerge nos abysmos da Geometria. He por ventura coisa de pouco momento medir as grandezas mais remotas, e as mesmas forças da Natureza, aperfeiçoar a nossa alma, e fazer subir a hum gráo muito mais levantado a nossa existencia? Que importa mais ao homem que a traça não rôa seus tapetes, ves-

tidos, e tapeçarias, ou o conhecimento de seu ser, e de sua destinação? Ainda quando os esforços de certos Quimicos não fossem inuteis, ainda quando achassem na realidade o segredo de converter todos os metaes em oiro, não seria hum orgulho insupportavel, e ridiculo considerar o descobrimento deste segredo como o termo, e o fim da sabedoria, e como a mais digna occupação a que se possa entregar hum Filosofo? He possivel que os sabios de nosso seculo se não envergonhem de dar o nome de verdadeiro Filosofo a qualquer vulgar observador economico, que ensina hum segredo de conservar o trigo! Nunca os que se chamão sabios forão mais vís aduladores do que são agora. Quando o homem no berço das sociedades existia privado daquellas coisas de que tinha necessidade para viver, os Filosofos que ensinárão o povo a buscar o alimento, e o vestido, erão dignos por certo de todo o louvor. Nós temos meios sufficientes para a vida; o homem exterior está com

abundancia provido, mas o homem interior, crede, meu Attico, que ainda existe inculto. He preciso agora que todos os sabios se affadiguem por conhecer, e buscar a verdadeira felicidade, he preciso que se occupem de outros pensamentos, e que espanquem de seu coração as duvidas que o desespérão. Esta necessidade he muito mais urgente, e mais nobre que a da cubiça. Se a felicidade consiste no repouso da alma, a especulação da verdade he hum meio muito mais vasto e seguro, que todos os descobrimen- que os homens podem fazer para augmentar os commodos da vida; e para isto he preciso cultivar a razão. A capacidade do entendimento humano, como se collige dos principios de Locke, cresce á medida da clareza e distinção das noções, e da facilidade que adquire o entendimento para encontrar as idéas particulares que servem de meio para descobrir a conveniencia, ou desconveniencia daquellas que se não podem comparar immediatamente. Não ha duvida que na aqui-

sição de huma tão prezada clareza, e facilidade deve entrevir hum longo, e continuado exercicio de methodicas reflexões sobre os varios objectos dos conhecimentos humanos. Eis-aqui, meu Attico, porque eu vos digo que se não devem reprovar como inuteis tantos estudos de especulação regeitados pelos Sibaritas Filosofantes do nosso seculo: estes estudos nos facilitão o habito de generalizar as idéas, de descobrir com prestreza as relações, e as differenças, de reduzir os casos particulares a seus principios determinados, e de fazer dos principios geraes huma justa, e conveniente applicação aos casos particulares. Querer que as contemplações, e investigações dos Filosofos se encaminhem unicamente a melhorar os commodos da vida animal parece-me hum modo de discorrer muito baixamente interessado. Não posso entender como se possa receber, e agradecer com maior applauso o descobrimento de hum novo commodo da vida, que a producção de hum novo raio de verdade. O

espirito humano tem suas necessidades como o corpo, e huma verdade que satisfaça o entendimento he mais para prezar-se, que os descobrimentos, e invenções com que sobejamente se multiplicão os commodos da vida, os quaes tambem multiplicão novas necessidades, fontes de novas miserias, e deprimem as forças do animo, á medida da moleza que lhe adquirem. Quanto mais nobremente discorreo o grande restaurador das sciencias, Bácon de Verulamio, reflectindo, que posto sirva a luz a mil diversos usos da vida, entre todos estes usos não ha outro de mór valia, e mór deleite que a mesma visão da luz! Assim, a contemplação da verdade he por si mesma de maior dignidade, que todas as invenções, que dilatão a esféra dos commodos da vida.

Além disto, se abraçando este mesquinho modo de discorrer, tantos, e tão insignes Filosofos se restringissem unicamente ás theoricas, que tem huma relação directa, e immediata com a utilidade, e uso prático da vi-

da, nem Galilêo, nem Newton terião levantado e despregado o vôo áquellas altissimas contemplações, de que nos emanárão tão nobres descobrimentos, que engrandecêrão, e dilatárão o Imperio das sciencias, aperfeiçoárão muitas artes, e forão de universal beneficio para a sociedade humana. Para descobrir os objectos que jazem na superficie da terra, e observar-lhes as posições, e as distancias, não basta só inclinar a cabeça para a terra, cumpre ao homem subir, e levantar-se acima da mesma terra, subir ao alto para que os olhos possão em franco espaço abraçallos a todos, e considerallos separadamente para os comparar.

Eu vos tenho, meu amado Attico, recommendado a aturada, e seguida leitura de todas as obras de Tasso na grande edição de doze volumes, e vós observareis pela leitura das suas prosas, quanto se havia exercitado, e quanto estudo, quanta applicação tinha dado ás mais abstrusas, e reconditas doutrinas dos antigos Filoso-

sos. Ora ainda que as idéas Platonicas não tenhão relação alguma directa e immediata com a constituição da Jerusalem Libertada, eu me persuado que o vigor do animo adquirido com o estudo, e meditação daquellas antigas doutrinas, não influíra pouco na sublimidade dos conceitos, e sustentado folgo, que se requeria, para inventar, dispôr, e conduzir a hum fim perfeitissimo o maravilhoso enredo de seu immortal Poema; outro tanto vos posso affirmar de mim, (se he licito fallar de mim; mas para que havemos ser hypocritamente modestos?) outro tanto vos posso affirmar de mim, em hum, e outro Poema; no da Meditação principalmente eu o não conduziria a perfeição que me foi possivel, se primeiro não tivesse inundado meu espirito com o largo e fundo rio das sciencias naturaes, e se, para acabar o quarto Canto, tão importante por sua materia como he a existencia de Deos, primeiro me não houvera nutrido com a doutrina dos antigos Filosofos, apurando a ra-

zão para se não perder, e confundir nos mais intricados labyrintos da Filosofia trancendental. Assim como as Mathematicas se dividem em Mathematicas puras, e applicadas, esta mesma divisão se póde apropriar á Methafisica: a primeira comprehende os principios mais universaes, as noções mais geraes, e he como o archivo donde as outras verdades extrahem as razões de sua evidencia. As mesmas verdades geometricas são obrigadas a recorrer a estes principios. Seres que pensão e cuja linguagem contém palavras que indicão noções abstractas, não podem prescindir, ou dispensar-se de huma tal Methafisica; porque sempre desejão conhecer que força tenhão as palavras que empregão, e qual seja o fundamento dos raciocinios que formão. A outra Methafisica he aquella que se póde chamar applicada; sobre esta recahiráõ sempre as tachas que se imputão ordinariamente á Methafisica em geral. Vós sabeis que desde os tenebrosos congressos encyclopedistas, passou a ser moda desprezar

a Methafisica, e cobrilla de sempiterno ridiculo. Quando Euclides reduzio a hum systema uniforme, e connexo a Geometria, não faltarião por certo Filosofantes ditos bons engenhos, que escarnecessem seus gravissimos raciocinios sobre as linhas, e superficies. Crêde pois que existio primeiro a Filosofia do Homem, que começa, e que de sua natureza deve ser anterior á Filosofia do cidadão. Esta he a mais util, porque he a mais immediata á situação em que se acha qualquer de nós. Ella dicta, e prescreve os deveres de quem obedece e de quem commanda, indaga as causas da felicidade, ou da infelicidade de hum Estado, e procura demonstrar a efficacia, ou a impotencia das leis. Esta Filosofia tem huma linguagem privativamente sua; deve fallar com sabedoria, e com firmeza, porque acha, e encontra por toda a parte preoccupações que he preciso dissipar, ou respeitar: deve servir-se do tom varonil da liberdade, e evitar o tom tumultoso da licença. Finalmente deve ser nas mãos do cul-

tivador da razão hum fanal que com sua luz allumie os homens, em vez de ser nas mãos de hum insensato hum archote que ponha fogo ao Sanctuario.

Mas esta Filosofia do Cidadão como vos digo, deve ser precedida da Filosofia do Homem. Todas as relações que se podem descobrir no Cidadão suppõem o exacto conhecimento de hum dos termos, que se acha constantemente em todas as relações, e este termo he aquelle Eu, que he para o dizer assim, o centro onde vão terminar-se todas as linhas. Este = Eu = pensa, e quer certas coisas. Trata-se pois de descobrir as regras que elle segue por sua natureza, e as que se lhe podem impôr como consequencias das primeiras. He pois indispensavel conhecer sua natureza; em huma palavra, he preciso ter huma Methafisica applicada para possuir a sciencia dos costumes, he preciso pois ter huma Filosofia do Cidadão, e que seja digna deste nome; e que se não possa conseguir senão pelo

apreço e pela mais apurada cultura da razão. Estes são, meu amado Attico, os principios derivados de huma especulação Mèthafisica do Hebreo Mendelson. Estranha linguagem para este seculo em que toda a transcendente sapiencia deste e de outros profundos Methafisicos está reduzida ao conhecimento gazetal. A Methafisica em França contribuio para a degradação e enxovalho da especie humana, dictando aos Sieyés os planos revolucionarios, cujos effeitos até se fizerão sentir no nosso Téjo. Tarde surgiráõ as luzes. Vós, e apenas mais tres entenderáõ esta Carta. Em que pararão os nossos Sabios? Estudos de sessenta annos produzem a tradução de hum Poeta velho, ou se limitão aos negocios politicos do dia. Cultivai a razão, e não deixeis apagar a luz que entre publicas amarguras vos communico. Sede Sabio, e sede humilde.

CARTA IV.

DEleitão-vos, meu amado Attico, as especulações Methafisicas; tendes razão, ellas convencem o homem de sua propria grandeza, e natural magestade. Mas para que as especulações Methafisicas nos deleitem, he preciso que não sejão esterilmente abstractas como erão as impenetraveis sombras dos Methafisicos Escolasticos; correreis hum dos seus tenebrosos volumes, vós não adquirireis huma só idéa clara sobre o homem interior, quero dizer, sobre as nossas affeições, e sensações. Tambem estas mesmas especulações Methafisicas não devem ser tão profundas que cancem, ou que exijão huma tão aturada contensão de espirito, que enfraqueção o mesmo espirito como a muitos succede com a leitura das Obras posthumas do Hebreo Spinosa, ou dos escriptos do muito visionario Malebranche, que á força de especular deu involuntariamente no delirio Pan-

theistico. Da mesma indole são as obscurissimas locubrações do Irlandez Berkley, e mais chegadas aos nossos dias as atrabilarias e sofisticas idéas do suicida Blount. He preciso descer mais, e que nos toquem de mais perto os objectos sobre que methafisicamente especulamos. Compraz-me, por exemplo, que vos seja conhecido hum Hogarth, e que tenhais lido a sua Analyse do bello. Eis-aqui a que eu chamarei, não seccas, mas agradaveis e deliciosissimas especulações Methafisicas. Não he hum cerebro Arabe que escalda, e que vos torra, he hum Pintor abstracto que pinta, e desenha á porção mais sublime da vossa alma sem a separar absolutamente do ministerio dos sentidos, orgãos proprios que lhe deo o Omnipotente, e de que não póde prescindir em quanto vive encerrada neste caduco carcere do corpo. Agrada-vos pois nesta sublime Analyse ouvir fallar em linhas ondeantes, flamejantes, e serpentinas, dizendo aos Pintores, e aos Poetas que estas são as verdadeiras linhas da

belleza, e da graça; porque os olhos sobre maneira se deleitão vendo unidas de diversas sortes estas linhas flamejantes, e ondeantes? Agradaveis delirios! Quietas e pacificas especulações Methafisicas! este mesmo Hogarth observa em sua Analyse que as figuras terminadas em linhas curvas são geralmente mais bellas que as que terminão em linhas rectas, e em angulos. Quer que a belleza das figuras dependa principalmente de duas linhas, e illustrou, e sustentou esta nova, e estranha opinião com hum espantoso numero de exemplos. Huma he a linha serpentina á maneira da letra, S, a quem elle chama a linha da belleza, e mostra quam frequentemente se ache nas conchas, e nas flores, e em outras obras naturaes de ornamento, assim como he commum nas figuras desenhadas pelos Pintores, e pelos Esculptores em objectos de decoração: allega hum exemplo de Milton que assim descreve a serpente em o Liv. 9.º

. . . .

" Varîa sempre o movimento a Serpe,
" E o flexuoso arrastamento entorta;
" Faz, e desfaz os circulos n'hum ponto
" D'Eva enganada na presença, e prende
" Dest'arte os olhos seus com mór deleite „

Chama a outra linha a linha da graça, que he a mesma linha serpentina, girando em torno de hum corpo solido como nas columnas espiraes. Em todos os exemplos que allega, a variedade he hum tão manifesto principio da belleza, que parece demonstrar com bem razão, que a arte de desenhar formas agradaveis consiste na arte de bem variar os objectos. A linha curva, tão predilecta dos Pintores, deriva sua principal ventagem de seu constante apartamento, variando da secca regularidade da linha recta. O movimento rectilineo não he tão bello, como he o que continúa em huma serpejante direcção. O doce ondear da chama, e do fumo nos offerece o exemplo de hum objecto singularmente agradavel. Este he o

principio a que Hogarth recorre para dizer, que a linha serpentina he o principio do bello. Tambem observa muito engenhosamente, que todos os movimentos communs, e necessarios ao uso da vida, se executão pelos homens quanto he possivel em linha recta; porém que todos os movimentos de graça, e de ornamento se fazem em linhas serpejantes: observação por certo não indigna daquelles que estudão a graça na acção e no gesto.

Que vos parece, meu Attico, das especulaçõet deste Methafisico? Eis-qui reduzida toda a essencia da Belleza que tanto nos prende, e nos encanta a linhas serpejantes, flamejantes, ondeantes! Eis-aqui deitados por terra todos os Tratadistas da Belleza levando á testa o nunca esquecido Padre André. Ah! não mostreis esta carta; os delicados do seculo me escarnecerão por certo, se eu vos citar hum Methafisico santo; mas que homem, meu Attico, quando o compáro com as formiguinhas do Instituto?

Santo Agostinho (*) faz consistir a essencia da belleza em hum infallivel principio, e diz que he a unidade na variedade. He necessario que os objectos na belleza, offereção relações, huma ordem, ou outra qualquer qualidade que possa cahir debaixo do imperio dos sentidos, e que possa ser abraçada pelos mesmos sentidos sem esforço, e sem fadiga. Quando se trata da belleza, nossa alma quer gozar com descanço, com commodo, e sem fadiga. Meu Attico, ha certos obje-

---

(*) Em obsequio da verdade devo dizer, que nas obras de Santo Agostinho estáo depositados os mais sublimes principios das sciencias, e das Artes. Náo imagináráo coisa alguma os Filosofos antigos, náo escreveráo coisa alguma os modernos mais acreditados, em Methafisica, em Moral, em Politica, em Legislaçáo, em Economia civil, em Critica, em Eloquencia, que nas obras de Santo Agostinho se náo encontre como adivinhado. Mas quem persuadirá ao seculo = *Gazeta* = que leia hum Santo Padre, cujas obras deitáo a 10 vol. de folio?

ctos em Methafisica que se comprehendem melhor do que se explicão: entre estes tem o primeiro lugar o que se chama Belleza. E que vos direi eu? Como a definirei eu? He bello o que nos agrada em qualquer classe em que o contemplemos, quando ha certa proporção na variedade análoga á essencia e natureza do mesmo objecto; mas he preciso que esta variedade seja apanhada pela nossa alma de hum só jacto e em toda a sua totalidade: então desperta em nossa alma sensações agradaveis, e o que relativamente nos agrada, he bello. Não he por certo muito perspicua, muito intelligivel esta theoria, eu o confesso, e esta essencia da Belleza mais se sente pelos exemplos, que pelos raciocionios. A planta de hum edificio he bella, quando a ordem e symmetria que reinão no mesmo edificio são faceis de se comprehender. O gosto Gotico se torna por si mesmo muito defeituoso, porque nos representa a variedade em huma ordem muito confusa. Eu bem sei, meu Attico, que

me poderão dizer, que hum Ceo estrellado, hum prado florido apresentão hum agradavel, e bellissimo espectaculo, sem que appareça ordem alguma, ou se distinga, na distribuição das estrellas, e das flores: mas eu lhe tornarei que a belleza daquelle espectaculo não consiste na distribuição das estrellas, e das flores entre si, mas que he bello aquelle espectaculo porque convém á situação de quem o considera. Eu me explico. Hum Ceo estrellado, em huma noite serena, traz comsigo junta a idéa do silencio, e do socego, e desperta no coração do espectador o amor do silencio, e do repouso. A côr azulada dos Ceos, as estrellas de certo modo por elles semeadas, que com hum doce e tenue clarão fazem ressaltar a mesma côr azulada, excitão serenas, e deliciosas sensações, convenientissimas á belleza do socego, e do repouso. Eisqui porque se considerarão comprazer; e considerando-as, sua multiplicidade, variedade, e até a irregularidade de sua distribuição sobre aquel-

le fundo azul, fazem que os olhos contemplando-as errem de huma a outra arrebatados de huma dulcissima distracção, que tolhe todo o pensamento, e por consequencia todo o tédio, todo o fastio da applicação; ora esta applicação he indispensavel, ou muita, ou pouca, para considerar as coisas que tem regularidade, e ordem. Eis-aqui porque a distracção, ajustando-se muito mais com a situação de hum animo dezejoso de repouso, e de socego, e vendo este conciliado com o deleite da irregular distribuição de tantas estrellas, que com tenue luz distinguem hum fundo azul, amigo do silencio, e do socego, facilmente se comprehende como a belleza daquelle nocturno espectaculo he fundada sobre huma certa ordem de conveniencia, que ha entre a côr do fundo, e o scintilar dos lumes, que o fazem sobresahir, e entre a multiplicidade, e irregularidade destes, e hum animo desejoso de socego, a quem convém mais que outra coisa a socegada distracção do entendimento, que sem

contensão se deixa transportar de hum em outro objecto. Mas considerando em si mesma a distribuição das estrellas, e das flores, não lhe convém mais o nome de belleza do que convém ao doce murmurio de huma fonte: e ver-se-ha que huma tal distribuição comparada com a regularidade que apparece em huma flor, ou em huma planta, ou em hum animal, he como o murmurio de huma fonte confrontado com o harmonioso canto de hum rouxinol. Eis-aqui porque eu vos digo que a belleza he sempre relativa ao contemplador: eu não posso encontrar belleza absoluta se não a totalidade do quadro da Natureza. E que vasto hade ser o animo que o abranja todo de hum só jacto!

Des-Cartes observa, que a proporção arithmetica agrada muito mais aos olhos que a proporção geometria. Na primeira, como todas as differenças se achão iguaes, o sentido as descobre, e as distingue sem esforço e sem trabalho; e affirma tambem que os objectos mais agradaveis aos sentidos

são aquelles que não são nem muito faceis, nem muito difficeis de se comprehender; aquelles em summa que são de tal natureza, que o desejo que leva os sentidos á sua contemplação não fique tão facilmente satisfeito que não chegue a exercitar-se, nem se affadigue tanto, que fique como cançado, e aborrecido. He preciso que a facilidade, e a difficuldade fiquem de tal maneira combinadas, ou temperadas, que desta combinação resulte aquelle não sei que, o qual satisfaz a alma conservando-a em exercicio. Nem se poderá jámais dizer que hum objecto he bello, se a alma se não exercita hum tanto na sua contemplação, e no seu conhecimento, e este conhecimento parece que está dizendo á alma a razão porque he bello o objecto que contempla. A unidade na variedade, eis-aqui a essencia da Belleza: desta unidade na variedade resulta huma especie de proporção harmonica, que deo lugar aos calculos de Leão Alberti, não duvidando affirmar que em todas as partes do

corpo humano se descobre huma maravilhosa proporção harmonica.

Meu Attico, nestas theorias da Belleza, dai sempre lugar ao sentimento, este he juiz; e persuadi-vos que he tal a mesquinhez do nosso entendimento, que não póde descobrir as razões sufficientes da maior parte do que sente, e do que vê. Vivemos, meu Attico, entre indecifraveis enigmas; nós mesmos somos hum enigma, e quasi nunca atinamos com a luz que a fugente de todo a sombra que nos tolda os horizontes da humana intelligencia. Oh Attico! deixa de ser orgulhoso, sede humilde, que este he o fructo da verdadeira Filosofia. Este objecto me agrada, eu lhe chamo bello, e nem me sei dizer porque me agrada, nem em que consista verdadeiramente sua formosura. Vede o homem no centro do mais estreito circulo. He o objecto bello, porque me agrada. E porque me agrada? Porque he bello. Levantai, levantai sempre o pensamento a hum estado mais perfeito para que somos

destinados; este estado não he o do tempo, he o da Eternidade.

CARTA V.

Fugi, meu Attico, desses Filosofos melancolicos, que parece não tomarem a penna nas mãos senão para aviltarem o homem, e para exaggerarem excessivamente a somma de seus males. Estes homens sombrios não divisão senão desgraças, huma vez que se diga Homem. Talvez seja huma misantropia affectada, ou hum amor decidido pelos paradoxos de que tanto abunda o nosso seculo, que ou ha de ser frivolo, ou ha de ser terrivel. Fugi desses Filosofos, e sobre tudo não vos deixeis embair da continuada impostura de seus calculos, que já cançados de os empregarem nas sciencias naturaes, effectivamente os tem passado para a Politica, e para a Moral. Não vos imponha o nome estrondoso de Presidente da Academia de Berlim, e sabei que existindo lá Algarotti, Maupertuis

não devia ser o Presidente; caprichos de Frederico! Algarotti era mais Filosofo que Maupertuis, mas não seria tão livre pensador como Maupertuis. Não queirais lêr mais o seu Ensaio de Filosofia moral, onde introduz o triste calculo, para mostrar que a somma de nossos males excede a somma de nossos bens. Muito importante he esta questão! Ouvi como se explica o medroso, e descorçoado Maupertuis: (e o que me custa a penetrar estas sombras!) „A estimação dos momentos felizes, ou infelizes, he o producto liquido da intensão do prazer, ou da dôr multiplicada pela sua intensão e duração. A Felicidade resulta da somma residua dos momentos felizes depois da subtracção dos momentos infelizes.„ He possivel, meu Attico, que se queirão applicar estes cálculos arithmeticos aos sentimentos moraes do homem, e por estes cálculos decidir-se da sua felicidade, ou desventura! Nós temos, he verdade, elementos, e medidas communs para comparar a duração dos

prazeres, e das dôres; mas não achamos nem instrumentos, nem medidas, para determinar, e confrontar os gráos de intensão dos prazeres, e das dôres. Sabemos que ha prazeres mais fortes que outros prazeres, sabemos que ha dôres mais violentas que outras dôres; mas ignoramos quanto, nem podemos dizer, este prazer he o duplo, o triplo, a metade, o terço de outro prazer, e conhecemos ainda menos a proporção exacta, que ha entre os prazeres, e as pennas. Este conhecimento depende de huma sciencia, que, ou nos falta, ou não he compativel com o apertado circulo do entendimento humano.

Os prazeres dos sentidos, cuja duração he ordinariamente muito breve, e passageira, podem ter huma grande intensão: mas a diuturnidade dos prazeres resultando do sentimento agradavel da perfeição moral da alma, não tem limites; por isto a duração dos prazerês do homem virtuoso não tem fim. Observai sobre tudo, que não se póde nem se deve jámais fal-

lar da felicidade do homem sem o reconhecer por hum Ente dotado de huma alma immortal; assim o diz não só a Revelação, mas a razão. Nem sómente he a somma excedente dos prazeres superiores ás dôres que constitue a felicidade, mas sim a natureza dos mesmos prazeres. Não são os prazeres unicamente da vida que formão a sua felicidade, mas o sentimento eternamente duravel da perfeição das nossas faculdades mais excellentes que deve por certo formar para sempre o contentamento do homem virtuoso. Muito menos, meu Attico, contribue para a felicidade ter os ouvidos bem organisados para descobrir a harmonia de hum excellente concerto, que ter o espirito justo, e disposto para conhecer a verdade, e o coração recto para amar a virtude. Que confrontação se póde fazer entre a satisfação que se deriva da perfeição destas faculdades e a satisfação dos orgãos dos sentidos.

Fechai os ouvidos ás melancolicas vozes de Maupertuis; elle vos

diz, que na vida ordinaria dos homens a somma dos males he maior que a somma dos bens. Esta proposição tão expressa não me parece verdadeira em sentido algum. Se por bens queremos entender unicamente aquelles momentos felizes avaliados pela diuturnidade e pela intensão dos prazeres dos sentidos, talvez se ache, se se quizer buscar, hum homem tão afflicto, tão privado de todos os soccorros, tão abandonado dos outros, no qual com effeito, a somma dos males exceda a somma dos bens; mas este não he certamente o caso ou estado ordinario dos homens. Se por estes bens se entendem os bens tanto da alma como do corpo, tanto os bens intellectuaes, e moraes, como os dos sentidos, huma tal proposição não póde ser verdadeira senão em sentido avesso, quando se trata de hum homem corrompido, e pessimo; mas a maldade constante, ou corrupção absoluta, não he ainda o caracter ordinario dos homens.

Não queiraes, meu Attico, exag-

gerar os males da vida humana, e se são numerosos, não percais jámais de vista a futura economia; porque a nossa longa vida não he mais do que hum ponto, confrontada com a eternidade, e se queremos discorrer filosoficamente sobre a felicidade, não nos devemos esquecer que esta vida he huma viagem assaz breve para chegarmos a huma patria que he eterna. E porque não nos havemos de alimentar desta idéa tão consoladora? De huma idéa que a razão suggerio até aos mesmos Gentios? „Gosto não só de disputar, mas de acreditar a immortalidade da alma „ dizia eloquentemente, como costuma dizer tudo, Marco Tullio; esta mesma idéa era tão familiar a Marco Antonino, que elle a propõe como manancial de consolações, e como excitamento da virtude. No cálculo dos bens, e dos males externos da vida presente, muito, meu Attico, nos enganamos, e por diversos motivos nos enganamos; por orgulho, porque julgamos merecer mais bens do que aquelles

que actualmente gozamos; por vaidade, porque nos comparamos com pessoas mais felizes, que as julgamos menos dignas que nós da felicidade que gozão; por ignorancia, porque alguns que nos parecem felizes, vivem atribulados, e roidos de pennas occultas que elles cuidadosamente escondem, e nós as ignoramos; por inveja, porque vemos que outros gozão dos commodos de que nós somos privados; por ingratidão, porque nos tornamos pouco a pouco insensiveis aos bens ordinarios, e continuos que gozamos. He coisa pasmosa que com estes evidentes principios, supponhamos muitas vezes em hum momento de máo humor, que a somma dos males he maior que a somma dos bens! Tomai se quereis, em consideração a vida do homem no momento em que elle está opprimido de huma enfermidade que lentamente o consome, e calculai com cuidado todas as sensações agradaveis que elle não deixa de experimentar neste estado lastimoso; observai todos os mo-

mentos doces, e tranquillos em que se distráe de seus males, em que goza de algum contentamento, e achareis, ainda a respeito dos prazeres dos sentidos, huma somma de bens superior á somma dos males. Se depois disto suppozerdes este homem cheio dos sentimentos de virtude, resignado nos decretos da Providencia, persuadido, que o que lhe parece desgostoso está na ordem da sapiencia divina, destinado a promover sua perfeição, convencido da certeza de huma vida feliz depois da presente, gozando tambem das mais doces esperança, e do sentimento delicioso da perfeição do seu espirito e do seu coração, vós decidireis francamente, que a somma dos bens para elle, he superior á somma dos males. Creio que o que pronuncia, e decide que a somma dos males he maior que a dos bens na vida ordinaria he hum homem enfermo, e melancolico; tal era Maupertuis. Em tal caso eu me compadeço delle, como me compadeço de todos aquelles que abuzando de

calculos arithmeticos em theorias de politica tanto tem atormentado, e corrompido os homens. Estes Filosofantes não só forão enfermos, e melancolicos, forão ingratissimos aos bens que a Bondade Divina com mão tão liberal derramou sobre elles, e até áquelles bens que ella lhes destina em huma outra economia; e neste caso eu não posso deixar de os detestar, e abominar. Desconfiai, meu Attico, de Filosofos orgulhosos, e sabei que os indecifraveis enigmas em que vivemos envoltos não se resolvem, nem se aclarão senão pelos oraculos da Revelação. Procurai ser Sábio, mas sêde humilde.

CARTA VI.

SIm, meu Attico, tendes razão no que me dizeis, eu approvo os vossos sentimentos; ainda que as especulações Methafizicas, tão desprezadas, e insultadas neste seculo dilatem, e engrandeção muito a esféra da nossa alma, e fação sentir, e conhecer ao

homem sua natural dignidade; com tudo, muito aturadas, canção, porque exigem huma continuada, e indefessa attenção. Vós me dizeis que Pascal morrera de trinta e oito annos, e que Spinosa não chegára a completar quarenta e tres. He preciso dar remissão ao espirito, distrahillo com a amenidade de outros estudos, e me compraz que entretenhais o vosso ocio neste alegre, e sereno Outubro em que vos retirastes ao campo, com a leitura de Horacio, bom companheiro para passar deliciosamente as horas n'hum valle fundo solitario, á borda de algum tranquillo regato, a que não sei porque razão o mesmo Horacio chamava sagrado. Todo o bom pensador deve lêr, e meditar Horacio, porque tem muita Filosofia; pensa, e faz pensar Dizeis-me que vos não cançais de lêr, e de admirar a sublime expressão da Ode = Justum et tenacem. =

Estale, e caia a maquina do Mundo,
Vós o vereis impavido no estrago.

He grande, meu Attico, he forte, e se quereis tambem, he sublime esta expressão, e esta imagem, mas não cuideis (olhai que he fanatismo Horaciano) que não tenha sido vencido pelos modernos; e porque me não heide eu citar a mim? Vêde o retrato de Zeno em o 4.º Canto do Poema da Meditação.

" Varão d'aspecto macilento austero
" *Onde a virtude se dibuxa, observo*:...
" Dos fundos olhos no fulgor sagrado
" Eu descubro a constancia: O Fado, e Morte
" Tem debaixo dos pés: conserva em ferros
" A seu lado as Paixões, que o jugo arrastrão
" Que a Razão lhes impõe. Eu vejo a Zeno,
" Nome de quem synonimo he virtude.
" Caia sobre elle a maquina do Mundo,
" Estalle, e desção rápidas sentelhas,
" Imperturbavel animo sustenta....."

Se ainda aqui não está expressa, e conhecida a melhoría, porque eu sou Portuguez; vede o retrato da al-

ma grande, e heroica de Scipião feito pelo Correggio, ou Guidi da Poezio, o immortal Metastazio:

" Astros, Astros, que luz sanguinea, e triste!
" Que chuveiros, que turbidas procellas!
" Que trévas estas são! Que alto rebombo!
" Fragor terrivel na convulsa esféra!
" A cento, e cento as settas estridentes
" Passão, deixando sulfurosos rastos;
" O fogo me circunda, e até parece
" Sobre mim vir o Ceo.... e inda não temo. "

Se não quereis que o Poeta Portuguez exceda o Latino, não duvidareis dar a preferencia ao moderno Italiano; e com effeito, não só nesta passagem análoga, mas em tudo o mais, quanto Metastazio he superior ao lisongeiro Cortezão d'Augusto! Ora, meu Attico, não tratemos estas materias sem lhe misturarmos alguma coisa de grande, e de util, e sem alguma consoladora verdade contra as orgulhosas luzes do nosso tenebro-

so seculo. Vós admirais a expressão de Horacio, nella se descreve o estado do animo de hum Filosofo Estoico, o qual considerando que o Fado he immudavel, e necessario, se torna imperturbavel, em todo, e qualquer funesto accidente desta vida: póde esperar qualquer dos males; a ruinas do Mundo inteiro effectivamente lhe cahem em cima; *feriunt ruinae*; mas não se aterra, não se atemoriza: nenhuma disgraça inopinada lhe acontece, está disposto para receber todos os trances do Fado. Tudo isto diz Horacio em poucas expressões. Ora véde quanto hum Poeta Hebreo, mas Poeta sagrado, exceda tudo, e quanto a divina inspiração he superior a tudo quanto se diz levantado enthusiasmo. Descreve este inspirado Vate o estado do animo do Varão justo que repousa exclusivamente em Deos, e em Deos constitue todas as suas esperanças, e diz assim:

" Inda que a Terra se remova, e turbe,
" E altos montes das bazes arrancados
" Vão no seio do mar precipitar-se,
" Não saberei temer.....

Aqui tendes Horacio vencido, porque estas expressões são mais naturaes, menos túrgidas, e gigantescas, e mais verdadeiras.

Ha coisas de sua natureza tão perfeitas, e sublimes, que o pensamento humano, que he finito, as não póde abraçar, nem indicar com signal algum que lhes conserve a dignidade: em fim não ha imagem que as represente quaes ellas são, Deos, a Eternidade, o Mundo, e similhantes. Aqui deve o pensamento humano esforçar-se em achar sinaes que pareção convenientes, e que possão despertar em nós estas idéas infinitamente sublimes. e póde caminhar seguro, porque a coisa significada ficará sempre muito maior, e infinitamente maior que o seu signal, e por mais que este seja sublime, sempre será imper-

feito. Haller canta assim a Eternidade.

" O pensamento rápido mil vezes
" Com seu fogoso vôo excede os ventos,
" O ar vibrado, ou som, e a luz, e o tempo:
" Mas oh Eternidade! o pensamento
" Se os teus espaços infinitos mede,
" Ou se atreve a seguir, pára cançado. „

Não vos parece que o Poeta achára com estas representações a mais digna medida do mesmo Immenso? Pois escutai ainda huma vez o Poeta do Jordão.

" Como os Ceos he, Senhor, vossa Bondade;
" Sobe a vossa verdade, e abrange as nuvens,
" Ou como as nuvens se dilata, e expande:
" Quaes montes eternaes, e inda mais firme,
" He a vossa Justiça, e são mais fundos
" Vossos juizos que o profundo Abysmo.

Meu Attico, desenganemo-nos, a

sublimidade da Poezia, e da Eloquencia sagrada, nasce das coisas, das imagens, e dos pensamentos mais ainda que das palavras. Que Historiador profano, ainda que vos lembreis de Tucidides, de Livio, e de Tacito se poderá equiparar, ainda de longe, á sublimidade das coisas, e dos conceitos com que vai tecida a narrativa do Pentateuco, e sobre tudo a historia da creação do Mundo? Que differença de sublimidade entre o Genesis, e as Poezias de Hesiodo, e de Homero? O eruditissimo Rollin examinou segundo todas as regras da Eloquencia, seguindo as varedas do celebre Hersan, o famoso cantico de Moisés = Cantemus Domino =, e o reconhece, e confessa infinitamente superior a quanto mais sublime se admira nos Gregos, e Latinos escriptores. O Inglez Jorge Buchanan parafrazeou a eloquencia sublime dos Psalmos de David, fazendo-lhe passar toda a energia para sua versão latina, e muito melhor o fez depois em versos Italianos o doutissimo Xavier Mathei, cuja

versão he hum dos mais illustres monumentos da litteratura moderna. Esta traducção admiravel faz conhecer aos imperitos das linguas Orientaes, quaes sejão, e quantas as bellezas originaes dos Psalmos de David, e justificão bem a opinião de S. Jeronymo que lhe chama o Alcêo, o Pindaro, e o Horacio dos Hebreos. Quem não ficará suspenso, e transportado da imagem daquelle passo tão admirado pelo mosmo d'Alembert apezar de ter a cabeça secca como hum Geometra. *Super flumina Babylonis illic sedimus, et flevimus qũm recordaremur Sion.* E não he este passo infinitamente mais pathetico, que aquelle = *dulces moriens reminiscitur Argos* de Virgilio? Bem conheceo esta verdade o insigne Pope quando para a sua Egloga do Messias aproveitou as melhores passagens de Isaias: então sentimos sua divina sublimidade quando na mesma Egloga as confrontamos com o que o Poeta ou imitou ou trasladou do Polião de Virgilio. As passagens escolhidas dos

Profetas que nos deo em Francez Champion de Nilon, nos dão huma adequada, e cabal idéa da sublime Poezia, e igualmente sublime Eloquencia da Biblia. O livro de Job he o mais filosofico, e sublime da antiguidade, e nem póde deixar de o confessar assim o mesmo author das sofisticas cuestões sobre a Encyclopedia. Nem Sólon, nem Licurgo, nem Minos, nem Numa dictarão leis com mais sublime, e pathetica eloquencia do que Moisés as dictou em o Deutoronomio. Que alma não fica espantada as ouvir huma lei em duas palavras só? Não mataras. Não roubaras! O homem pensadòr descobre aqui huma magestade, e grandeza que o arrebata. O cantico de Moisés = Audite Coeli quae loquor = he a coisa mais sublime que se póde lêr. Nos livros de Ezequiel, e de Daniel se descobrem os vestigios das mais profundas doutrinas, e de huma allegorica, e animada eloquencia expressa por acções, e por symbolos, que os çegos, e mal aconselhados Deistas

não comprehendem, e por isso os desprezão, e existe huma antiga tradição que estes dois Profetas forão consultados pelos mais celebres Filosofos Pagãos como Pythágoras, e outros. Os Trenos do Profeta Jeremias são hum grande modélo das Elegias lamentosas, e o cantico de Salomão he hum sublime exemplo de Eglogas allegoricas aos costumes daquelles tempos. A Eloquencia moral da Biblia he sem comparação mais pura, mais instructiva, mais consoladora, e mais sublime do que são todos os lugares mais admirados de Platão, de Epitécto, e de Antonino. Vede, meu Attico, até onde me fez levar a penna a vossa admiração pela brilhante passagem de Horacio. Apraz-me que se abra diante de meus olhos hum vasto campo para vos instruir, e que se me offereção objectos que nos levantem acima da frivolidade do seculo, em que com as virtudes moraes se vai apagando até o ultimo vestigio do bom gosto em litteratura. Eu não deixarei jámais apagar este facho em

o Téjo; tanto me empenho mais, quanto mais sensivel se me torna a sombra da barbaridade Vandalica que vai cobrindo, e envolvendo quasi todos os Reinos da consternada Europa. Sede feliz, e deleitai-vos com a leitura, e meditação dos bons Poetas; nelles se encontrão de espaço grandes rasgos de huma boa moral; empregai-vos só em nelles descobrir este sentido, e contentai-vos com elle, nada mais se lhe encontra em seus pacificos delirios; fugi da mania dos vãos commentadores, tão encarecidos como o Padre Castel, que na passagem de Virgilio = terraeque urbesque recedunt = protesta que o Vate era conhecedor de todos os segredos da Catoptrica.

CARTA VII.

HE muito resoavel a pergunta que me fazeis = Que coisa seja o sublime? Sempre se fará esta pergunta, ainda depois de se haverem lido todos os Tratados que ha sobre esta ma-

teria. Podemos dizer que ha tantos commentarios do livro de Longino, quantos ha da Arte Poetica de Horacio. Parece que Boileau não deixára mais que desejar depois de suas notas e críticas observações ao mesmo Longino em sua eloquente versão, e depois de tão aturadas fadigas ainda se pregunta que coisa seja. e em que consista o sublime? Os Abbades Dubos, e Batteux, e o Escocez Blair, que mais filosoficamente tratárão esta materia, ainda depois de os termos com toda a possivel attenção nos dão lugar para fazermos a mesma pergunta: em que consiste o sublime? Meu Attico que vos direi eu? Aborreço os paradoxos, mas ámo sobre tudo a verdade. Creio que a coisa mais inutil que ha, são as regras que se nos tem dado até agora sobre o sublime. Como se poderão dar preceitos sobre huma coisa que ainda não está definida em todo o rigor Logico! Tenho dado, meu Attico, alguns momentos á Leitura de Longino; e vós bem sabeis quanto me deleitão ainda agora

no Outono da minha idade as obras de Boileau; porque sempre vos disse que elle podia ser chamado por excellencia o Poeta da verdade, e da virtude: pelas suas notas a Longino vemos que este illustre Critico reprehendera muito a Cecilio, que antes delle escreveo tambem sobre o sublime, por haver empregado muitas palavras, e compridos discursos, para expôr e difinir que coisa era o sublime, e he muito provavel que com aquelles espraiados discursos não tenha dito coisa que plenamente satisfaça; porque se Cecilio houvera dado huma justa idéa do sublime, não teria Longino motivo de o condemnar, por não ter indicado os meios de chegar a este sublime; pois que huma vez que este sublime seja bem conhecido, os meios para o alcançar por si mesmos se hão de offerecer. Se Longino quer que o sublime não seja na sua essencia hum objecto muito incognito, tenha paciencia o grande Mestre de Zenobia, eu não sou deste parecer, e creio que muitos convirão comigo. He verdade

que se podem allegar multiplicados exemplos nos quaes de tal maneira resalte o sublime que não possa deixar de ser conhecido, e sentido. Mas todos estes exemplos não fazem mais que mostra-lo sem o definir. Descreve-se o sublime, mas não apparece huma definição que seja adquada, que possa servir tanto na theoria, como na prática de huma baze solida, e segura. Tambem a luz he hum corpo visto, e sentido por todos; mas ve-la e conhecella intimamente são duas coisas differentissimas, e diversissimas. Se Cicilio se affadigou muito para mostrar que coisa era o sublime, não he este hum motivo sufficiente para ser reprehendido por Longino: e se Cicilio não chegou a definir o sublime, devia Longino ao menos louvar lhe a boa, ainda que infructuosa intenção.

Mas acaso Longino conseguio, ou ultimou esta grande empreza? E depois de lermos, e meditarmos todo o seu tratado ficamos plenamente instruidos da natureza, e da essencia

do sublime? Eu por certo não fico; e conheço grandes criticos os quaes duvidão que Longino se haja comprehendido, e entendido a si mesmo, ou ao menos não se explica quanto basta para nós o entendermos: bem como os que escreverão depois delle sobre as boas artes, ou bellas letras, depois de darem suas definições, tiverão successores que sobre a mesma materia fizerão novas indagações. Huns exprimirão o sublime com expressões que erão grammaticalmente equivalentes; outros procurárão fazello conhecer pelos seus effeitos, outros pelas occasiões em que convém empregallo, outros finalmente com termos que tinhão mais necessidade de serem definidos que o mesmo sublime. Muitos commentadores do mesmo Longino se encontrão, que quizerão fazer conhecer o sublime pela circunstanciada enumeração das suas especies, e se nestes escriptores se deviza algum rasgo, que se aproxime ao que he essencial, pouco se demorão nisto, perdem-se subdito em ideas que não são

mais que accesssorias, e que de novo se apartão do termo que se havião proposto, e que devião tocar. Finalmente, meu Attico, eu tenho encontrado authores, que affirmão que o sublime deve ser sentido, e não definido, coisa que seria evidente, se o sublime fosse huma simples percepção.

E desesperaremos, meu Attico, de encontrar huma justa definição do sublime? Não; mas para a encontrar he preciso que façamos huma divisão essencial em o mesmo sublime, e que digamos ha sublime de pensamentos expressos nas palavras, e ha sublime das coisas, ou dos objectos apresentados immediatamente aos sentidos. Tratemos primeiro do sublime dos pensamentos expressos nas palavras ou no discurso. Eu digo assim. O sublime he aquillo que em poucas palavras reune huma tão grande multidão de idéas que entrando simultaneamente em nossa alma, de necessidade a enchem de admiração. Crêde que não he outra coisa o sublime; olhai para hum exemplo, não seja por ora o = *fiat lux* =

sejá este: *Dux Femina facti.* Isto que parece simplicissimo á primeira vista, he sublime pela multidão de idéas que reune, e que desperta n'alma. O objecto que Virgilio nos apresenta nestas expressões excita no espirito huma vivissima impressão: o que excita esta vivissima impressão pela multiplicidade de idéas que ajunta n'hum só ponto he o que se chama sublime; e para isto se requerem tres coisas: simplicidade, brevidade, e força. *Dux Femina facti.* Entendo por simplicidade o que se oppõe aos estudados, e profusos ornamentos; por brevidade tudo aquillo que exclue superfluas expressões. Não he difficil determinar, e assignar a causa, porque hum defeito que estrague as sobreditas qualidades tanto prejuizo cause ao sublime. A commoção que sentimos quando se nos exprime da maneira que vos hei dito, algum grande, e magestoso objecto, nos levanta extraordinariamente, e accende em nós hum gratissimo enthusiasmo, mas que não he de sua natureza duravel como o não he o som de

qualquer golpe violento. Ora se em quanto hum author nos elevou do modo que vos digo, multiplicar superfluamente as palavras, se, afformoseando o objecto que descreve, for pouco a pouco cahindo em algum atavio, que deprima a imagem principal, alterando desta sorte em hum momento o tom da imaginação, eis enfraquecida a tenção do animo, e desde logo desapparece o sublime ainda que permaneça o bello, e o maravilhoso. Quando Cesar se torna ao Piloto que temia affrontar hum mar borrascoso, e lhe diz = *Quid times? Caesarem vehis!* Temos nisto o sublime, porque em nossa alma com tão simplices expressões se ajuntão, e se despertão multiplices idéas. O sublime em = *Caesarem vehis* = nos arrebata, porque immediatamente temos a grande idéa da coragem de hum homem que até tal ponto descança, e confia em sua fortuna; temos a idéa de hum heroismo que permanece imperturbavel entre os mais espantosos fenomenos da Natureza, de hum heroismo que

parece ter dependentes de seu aceno os mesmos Destinos, de hum heroismo a quem os mesmos elementos devem obedecer. Eis-aqui a definição da essencia do sublime. Vêde como se comprova o meu dito sobre a brevidade, e simplicidade das expressões. Lucano depois deste rasgo sublime, quer amplificar, e não faz com suas amplificações, mais que enfraquecer o mesmo sublime. Vai adornar o pensamento, e quanto mais o estende, mais se aparta do sublime, degenerando finalmente em huma turgida declamação.

" Despreza, lhe diz elle, as ameaças,
" Larga as vélas aos ventos furiosos,
" E se recusas demandar a Italia
" Sem ter propicio o Ceo, busca-a comigo.
" He só de teu receio a causa justa
" Não conhecer teu conductor, que os Numes
" Não esquecem jámais; de quem Fortuna
" Não será benemerita, se acode
" Depois dos votos seus: rompe animoso
" Por entre as soltas turbidas tormentas
" Seguro em meu soccorro......

Eis-aqui perdido o sublime, das primeiras, e simplices expressões. Foi-se a imagem sublime do = *Caesarem vehis* =. Além da brevidade, e da simplicidade, tambem se requer para o sublime a força. Esta provêm em grande parte da mesma concisa simplicidade mas suppõe ainda mais alguma coisa, que vem a ser huma prudente escolha de circunstancias, que apresentem o objecto no seu pleno, e mais efficaz ponto de vista: porque cada objecto tem varios aspectos debaixo dos quaes póde ser apresentado segundo as circunstancias que o rodeão, e apparecerá eminentemente sublime quando estas circunstancias forem felizmente escolhidas, e todas ellas de hum genero sublime. Nisto consiste, e nisto se encerra toda a arte do bom escriptor, e juntamente a difficuldade de tornar sublime a descripção. Se esta he muito geral, e despojada de circunstancias, o objecto apparece em huma luz duvidosa, e faz pouca, ou nenhuma impressão no animo dos Leitores. Da

mesma sorte tudo se enfraquece, e se degrada se se lhe misturão circunstancias triviaes, e improprias. Huma tempestade, por ex., he hum objecto sublime em a Natureza; mas para o tornar sublime na descripção não basta sómente dar-lhe geraes expressões a respeito de sua violencia, ou descrever os effeitos communs de arrancar as plantas, ou alagar os edificios. Cumpre representalla com taes circunstancias, que enchão o espirito de grandes e sublimes idéas acompanhadas sempre de terror: eis-aqui o que fez muito bem Virgilio em o 1.° Livro das Georgicas.

» Jove por entre a escuridão da chuva
" Da irada mão desfecha ardentes raios,
" A cujo berro horrendo a terra treme,
" As feras fogem, regelado susto
" Aperta, abate, humilha humanos peitos:
" Elle co'a ardente, sulfurosa lança
" Derruba o Atho, o Rhódope, ou Ceraunia.... "

Aqui achareis o sublime das circunstancias, não vulgares, triviaes, ou ociosas, e em cada hum dos versos com a possivel brevidade de palavras sentireis despertar-se-vos huma multidão de idéas que fazem em vossa alma huma vivissima, e profunda impressão. Isto he o sublime. Nesta descripção vós vereis o effeito de huma imaginação escaldada, e atonita á vista da grandeza do objecto que contempla, tudo isto passa repentinamente para a vossa alma, e produz o mesmo effeito: a isto se chama o sublime dos pensamentos expressos nas palavras.

Contemplemos outra especie de sublime, que he o das coisas, e veremos que elle tem a mesma essencia, e que se circunscreve na mesma definição. Qualquer objecto que offerecido aos nossos sentidos desperta em nossa alma simultaneamente grandes idéas, he sublime; porque estas idéas despertadas pelo objecto contemplado deixão n'alma huma profunda impressão. A fórma mais simples da ex-

terna grandeza se nos offerece nos vastos, e illimitados prospectos que nos apresenta a Natureza, como he huma espaçosa planicie onde os olhos não descobrem limites, ou a indefinita expansão do Oceano, e a amplitude immensa do celeste Hemisferio. Tudo o que he vasto produz repentinamente a impressão do sublime. Mas deve observar-se que o espaço em largura, não faz huma impressão tão forte como considerado na altura, e profundidade. Ainda que huma planicie illimitada seja hum objecto grande, com tudo huma alta montanha a cuja cima erguemos os olhos, ou hum grande precipicio quando lhe contemplamos o fundo, são objectos ainda maiores. A magestosa grandeza do Firmamento procede da sua altura junta com sua indefinita extensão. A magestade do Oceano não provêm sómente da sua vastidão, nasce tambem de seu continuo movimento, e da invencivel força daquella grande massa de aguas. Quando se trata de espaço, he eviden-

te, qne á grandeza do objecto se deve ajuntar a vastidão da extensão em huma ou em outra das suas dimensões. Tire-se a hum objecto qualquer limite, tudo o tornará sublime. Eis-aqui porque hum espaço infinito, huma multidão innumeravel, huma eterna duração enchem a alma de sublimes idéas; porque em hum só ponto reunem portentosas imagens.

Não he, comtudo, a illimitada extensão, como imaginárão alguns, o fundamento de toda a sublimidade: muitos objectos apparecem sublimes sem dizerem relação ao espaço, como he o estampido, ou fragor do trovão, ou da grossa artilheria, o tufão, e refega dos ventos, os gritos da multidão, e o estrepito das aguas nas catadupas do Nilo, ou altissimo salto de Niagára. Tudo o que apresenta a imagem de huma grande força posta em acção excita sempre idéas sublimes, e talvez que esta seja sua unica e verdadeira origem; do que nos não deixa duvida alguma a idéa de grandeza annexa aos terremo-

tos, ás erupções volcanicas, ás grandes conflagrações, ao borrascoso Oceano, aos vortices das aguas, aos ventos impetuosos, aos trovões, aos relampagos, e a todos os extraordinarios e impetuosos movimentos da Natureza. Nada ha mais sublime, que huma grande força. Hum rio que pobre de aguas com tortuosos gyros escorre entre floridas margens, he objecto bello, e deleitavel; mas quando se entumece, e corre impetuoso, e estrepitoso, então se torna sublime. Os Poetas costumão tirar suas mais sublimes comparações dos Leões, e de outros animaes de muita força, e coragem. O encontro de dois grandes exercitos, como he o mais alto desafogo do poder, ou do furor humano, encerra em si grandes mananciaes do sublime, e por isto se considerou sempre como hum dos mais grandiosos espectaculos, que podem apresentar-se á vista, ou á imaginação.

Eis-aqui, meu Attico, quanto me he dado attingir a essencia do sublime

considerado debaixo de dois diversos aspectos, o dos pensamentos, e o das coisas. Eu ainda tenho excogitado mais outra especie de sublime, que he o do silencio. A eloquencia do silencio nos pinta o excesso das violentas paixões. Nos funeraes dos antigos Persas, a quem era vedado chorar seus mortos, se servião aquelles povos da eloquencia do silencio, com elle pranteavão os mortos como observa Thomaz Hyde, Historiador da Religião Persiana. Thomaz, o eloquente Prosador Francez, fallando daquelle triste, e augusto apparato que entre os Gregos precedia os elogios funebres, diz que em taes occasiões a primeira eloquencia era a que fallava aos sentidos. Levantavão-se certos pavelhões onde erão conduzidos os ossos dos guerreiros que se expunhão á veneração publica; alli se coroavão, se incensavão, se perfumavão, e dalli ao som de instrumentos erão conduzidos para a sepultura. Esta he aquella eloquencia sublime, e muda, que exprime mais que todos os discur-

sos. A Pintura, e a Esculptura são hum curso completo da eloquencia do silencio. O famoso Timantes, pintando o sacrificio de Ifigenia, representou Agamenão com a cabeça toda envolta em hum véo, para exprimir mais vivamente com este artificio a sua dor. Eis-aqui o sublime no silencio da Pintura, e assim tudo retorna ao principio que estabeleci: Hum breve rasgo que encerra em si simultaneamente muitas idéas. Eu concluo, meu Attico, esta tão espendida questão do sublime, dizendo que para elle não ha regras: a imaginação exaltada o produz ao acaso, não se fórma, vem elle. Só o homem, ou Prosador, ou Poeta, muito penetrado dos objectos que trata o produz sem o soccorro das regras iufructuosas no calor da composição. Que regras poderião suggerir a Estacio, o mais sublime dos Poetas, aquelle rasgo sobremaneira sublime com que fecha o 10 canto, pintando a morte do blasfemo Capanêo?

" E se mais tarde os membros se soltassem
" Merecera, talvez, segundo raio....."

CARTA VIII.

MEu Attico, vós sabeis qual haja sido até agora o emprego da minha vida, aliàs não muito tranquilla: no meio das agitações e trabalhos da necessidade, eu não desamparei jámais o estudo das Letras, e das sciencias humanas, e crede que neste aturado estudo eu não tive outro fim mais que buscar a felicidade compativel com a condição mortal por meio da indagação da verdade. Vejo que este era o fim que se propuzerão todos os antigos sabios, e tambem vejo que o resultado de seus estudos, de suas disputas, de suas opiniões, fóra juntarem-se todos em hum ponto ou centro, ainda que houvessem caminhado por linhas diversas, e até oppostas, concordando todos que a fe-

cidade que tão anciosamente buscavão consistia na perfeita tranquillidade do animo. A mesma deliciosa satisfação que buscava Epicuro constituindo nella a suprema ventura, bem analisada vem a dar na tranquillidade do animo. Isto mesmo quiz Platão, isto quizerão os rigidos, e austeros Estoicos, isto quiz Marco Tullio, ainda que fosse em todo o rigor não hum Academico, como elle dizia, mas hum verdadeiro Sceptico, como eu entendo. Ora para conseguir esta felicidade pela tranquillidade do animo, eu imaginei, e cuidei sempre que o caminho mais breve, e mais seguro era a cultura do espirito pelo estudo das sciencias humanas; julguei, que quanto mais instruido fosse mais depressa chegaria áquelle estado de felicidade tão buscado, e tão appetecido. Ora ouvi huma verdade, que talvez vos pareça hum estranho, e o mais estranho paradoxo: Depois de feito o grande, o immenso gyro das sciencias humanas, chega o homem precisamente ao ponto donde partira,

ao ponto da ignorancia absoluta. Eu cheguei a este ponto, e vos posso affirmar que perdi o caminho da felicidade buscado pelo estudo das sciencias humanas. Isto fez nascer em mim hum pensamento, que irá assustar os que se chamão doutos, e muito mais assustará os semidoutos: = Eu digo que o homem constituido no estado da menos possivel reflexão, está mais proximo da tranquillidade do animo, e por isso mais proximo da felicidade natural. = Logo, direis vós, a reflexão não contribue para a felicidade natural! Não só não contribue, mas antes a empéce. Parece que neste passo vós me podeis dizer, ou me querereis dizer o que disse a Paulo o Presidente Festo: *Insanis, Paule; multae te litterae ad insaniam convertunt*. Ora pois, dizei o que quizerdes, mas talvez que emudeçais depois das minhas razões. Eu já vos digo sem preambulo algum, que a tão gabada e preconisada reflexão em nada contribue para a tranquillidade do animo, antes se oppõe á mesma tran-

quillidade, se por isso he hum obstaculo para a felicidade natural, (e attendei, meu Attico, que quando vos fallo de felicidade só desta vos fallo;) o estado mais proximo á ventura, he o estado irreflexivo. Emprehendei como quizerdes a historia dos principios, e dos progressos da reflexão, vós a vereis resultar, ou do estado de violencia moral em que o homem se acha, ou de hum defeito fisico-organico, que o necessita, obriga, e força á reflexão. Vós não podereis fugir ou de huma, ou de outra destas forças. A Natureza vos póde malorganizar os sentidos, e violentar-vos a reflectir, e o estado de sociedade em que existís vos obriga á muita reflexão. E como podereis evitar estas duas formidaveis forças? Ora escutai-me, que esta materia he delicadissima. Quero suppor que a Natureza não foi para comvosco madrasta, ella vos deo o melhor temperamento, e a mais perfeita construcção em vossos orgãos internos, e externos. E quereis vos caminhar á felicidade na-

tural pela tranqullidade do animo? Ou não reflectais, ou reflecti pouco. Existis entre os homens mais civilisados, existis em Lisboa. Entrais em hum daquelles Palacios onde a Architetura ostentou todo seu poder, e grandeza, e onde luxo fino, novo, e aureo derramou toda a possivel sumptuosidade em moveis, decorações, e pinturas. Ora para que o Sol vos não creste, para que a chuva vos não molhe, para que o frio vos não interice, tendes acaso necessidade de reflectir sobre a natureza daquelle Corinthio, sobre a figura daquelle capitel, sobre aquella cornija, sobre aquelle astragalo, e sobre toda a symmetria que tem tantas partes com o todo do edificio? Sentis menos os effeitos daquella morada, porque não conheceis as razões daquellas inuteis folhas de acantho desta Ordem, ou o motivo das volutas daquelle Jonico? Porque vós não entendeis á força de inducção, que a extravagancia imaginou que, com a solidez do Dorico, se podia dar a idéa da grandeza, e robustez de

hum Jove, ou de hum Hercules, sentis vós menos o reparo que vos fazem aquellas cupulas da intemperie do ar? Ou vos cubra hum tecto de Paladio, ou o de huma choupana, para o vosso sentido cutaneo, he o mesmo. Vós não indagais o bello, nem porque vos defendão do frio salas tão disparatadas. Vós não quereis do Palacio, e da choupana mais que o commodo, e a defensa, e ambos vos dão isto mesmo. Estai á vossa vontade ou no Pantheon, ou no Louvre, e não cureis de reflectir em sua grandeza, ou na celebridade de seus authores. Mas que fareis? Deixai que outros se affadiguem em lhes determinar, e definir as perfeições, aproveitai-vos do que são, e não vos importem senão em quanto sentis que precisais dellas. Talvez vos queirão dizer que o conhecimento das leis, ou das regras que levantão taes edificios, vos mostra a sua solidez, e que por isso devais estar mais seguro sem temor de que vos caião em cima. Vós podereis saber tudo isto só com os sentidos

sem reflectir ; porque vereis entrar poucos, ou nenhuns na casa que ameaça ruina. Vós ireis, vós estareis debaixo daquellas abobedas onde virdes que por mais tempo se ajunta mais gente, e para vosso commodo fixareis vossa morada naquelles sitios que tiverem mais louvadores. O Sofá Persiano se tornará mais grato ao vosso tacto se vos sentirdes cançado, ou fatigado; lançar-vos-heis em cima delle sem andar com a reflexão em busca de seu preguiçoso inventor. Quando sobre elle lançais o corpo sentis correr por todos os membros a dulcissima sensação do repouso; e se quizerdes reflectir quantas causas moraes e fisicas hajão concorrido para que vós gozeis desta voluptuosa sensação, perdereis o prazer do tacto que então vos comprime os membros e não gozareis mais que de huma insipida sensação de espirito. Se paredes cobertas ou de veludo ou de damasco vos defendem os vestidos do pó, e a pelle da escabrosidade do muro, tendes acaso necessidade para go-

zar disto de reflectir no tear daquelle Chim, que teceo estes damascos ou cabaias, ou na industria paciente, e fleumatica daquelle Hollandez que recamou aquelles preciosos pannos? Aquelle imperial, e acobertado leito que se vos prepara, aquellas cadeiras onde rivalizão o entalhe, e o oiro, aquelles elegantes vestidos que cobrem vosso corpo, aquellas coruscantes pedras, que tendes nos dedos; aquelles engenhosos escravos que fazem hum timbre de saber ser ainda menos que os brutos em vos servir com a mais vil humildade; aquellas massas de oiro cunhado que se vos dão, porque fosteis pegado mais a esta do que áquella placenta, estas bebidas tiradas de ambos os hemisferios que vos fazem titilar o esofago; para que vossos sentidos gozem de tudo isto, tendes acaso necessidade de reflectir nos seculos de sangue, de fome, de mortes, e de estragos, e nas manadas de animaes racionaes que custárão estes commodos, estes prazeres que se vos apresentão, saciando-vos, ou matan-

do-vos á força de vos fazerem gozar delles? Quando vós sentais á meza, e quando hum douto Fisico em vossa cozinha combina o Reino vegetal, e animal para dar novos sabores aos vossos nervos; quando trezentos atrevidos vão morrer de escorbuto no Cabo das Tormentas, para vos trazerem huma garrafa do de Constança; quando aquella especie de Seres negros, em que parece á primeira vista que não apparece huma mónada racional, vão desde as margens do Senegal, ou do Gambéa, morrer por amor de vós nas minas do Perú, e do Brazil para buscar hum metal, que depois hum artifice Europeo reduz a pratos em que vós comais, ou o reduz a signal representativo do vosso poder; quando aquelle Kandalense, ou aquelle degradado nos bosques de Kamschatka, perde o nariz, as orelhas, e os dedos de frio, para vos mandar pelles negras, ou brancas de Raposas, e de Zibelinas, necessitais acaso de vos fazer erudito, critico, chronologico, para assignalardes os tempos em que

forão descobertos aquelles climas? Tendes acaso necessidade de saber de que natureza sejão, ou de que bulbo surjão aquelles pellos que vos aquecem as carnes, ou de que natureza seja aquelle terreno que produz a uva que vos dá a Madeira ou o Cabo da Boa-Esperança? Necessitais de reflectir, se o Direito das Gentes vos dá jus de fazer morrer milhares de homens que vos busquem estas drogas, ou que plantem o cacáo nos ermos da America? Necessitais acaso para o uso que fazeis da prata, como se formem suas betas nas entranhas da terra, e como se torne mais cendrada, e pura, ou como appareção, e se alimpem da terra as palhetas, e os grãos de oiro, até que ponto chegue a sua maleabilidade, e em que consista a perfeição do Cinzel que nelle vos abre, e vos desenha Adonis e Venus, Acis, e Galatéa?

Os aduladores e parasitos de Ximenes em Madrid, e de Pombal em Lisboa, bebêrão com elles alegremente o chocolate, o caffé, e o Canarias;

sem cuidados estudiosos, e sem se lembrarem hum momento de Vasco da Gama, de Cortêz, e de Colombo, e nem por isto deixárão de gostar o sabor, e o util, que he o essencial das coisas, e de quem as possue. Se vós em vos alimentar fazeis quanto exige a Natureza, ella nunca illude o homem são. Vós pela excellente regra de não refflectir não conhecereis nem a indigestão, nem a repléção, males que affligem os sabios. Vós vos suspendeis se a sensação nada mais quer de vós, continuais a comer se ella o quer. Recusais o que ella não quer, e tomais o que ella exige. A comida não he hum mal para hum homem que existe no estado da menos possivel reflexão. Em vez de se tornar hum pezo ao seu estomago, e hum vapor caliginoso a seu entendimento, reforça, e vigorisa todas as fibras, e hum doce lentor de circulação lhe abraça as arterias; as veias, e dorme.

Mas, direis vós, se eu não reflectir, ou reflectir pouco, os prazeres dos

olhos, e dos ouvidos serão perdidos para mim, porque para estes dois sentidos serão confusos arabescos os contornos de Rafael, e serão hum confuso estrepito, ou motim as moduladas vozes de Catalani, ou de Marchesi. Estarão debalde para mim penduradas as Batalhas de Alexandre de Le Brun, os desenhos de Eisen, os quadros de Tiopoleto, e em vão os a frescos de Mengs ornarão as paredes, e as abobedas. Mas que importa reflectir sobre as leis que dirigem estas artes? Observai em primeiro lugar, que os radicaes prazeres dos sentidos, pelos quaes o homem verdadeiramente opéra ainda quando o não cuida, são os do paladar, e os do tacto afrodiseo. Os outros sentidos ou são ministros destes dois, ou experimentão muito frouxas sensações, mas vós podeis com estas limitadas sensações viver feliz, e ver, e escutar os outros objectos com huma indifferente apathia. Nunca a Natureza imitada, ou pelo pincel, ou pelo escopro, foi tão bem conhecida como do ho-

mem ignorante. Fazei ver a hum ignorante hum retrato para vos dizer se está similhante a seu original. O seu sim, e o seu juizo he mais certo que o do homem douto, e conhecedor das mesmas artes. Se se vos apresenta hum Caravaggio, hum Guercino, com as sombras negras, e cortadas, vós fugis, porque a Natureza não se mostra assim, e vós a não conheceis. Se vós reflectisseis, acharieis summos, e primorosos os caprichos de Corregio; mas porque vossos sentidos não virão ainda corpos nús, e com azas, corpos demidiados, e cabeças sem bustos pelos ares, voltais os olhos, esquivando a vista ás inconsequencias, e ás esfinges da imaginação Italiana.

Mas, direis vós, e para ser feliz, segundo esta nova especie de Filosofia, he preciso que eu seja ignorante, que deixe a razão em ociosidade, e que apenas dê algum emprego aos sentidos! Ah! meu Attico, e para que havemos buscar pela sciencia a felicidade? Ella está mais perto da ignorancia que da sabedoria. O homem

ignorante não se applica, não estuda, não reflecte; não se consola em ser o primeiro litterato, o primeiro pensador. Seus bens são de natureza mais verdadeira, mais sensiveis mais positivos, e por isso a sua felicidade he mais sólida. Se ouvis louvar a Morgagni por ter achado primeiro o osso turbinado em o nariz; a Haller por haver descoberto a irritabilidade, e Cotunio o humor do labyrintho que faz ouvir; Scarpa por ter decomposto a têa dos nervos; Spallanzani por ter cortado primeiro a cabeça ás arrans; Rosa por ter achado, ou imaginado o vapor expansil-animal, e outro por ter distincto o nitro do natro; chorai a falsa paixão de gloria que lhes abraza, e atormenta de continuo o coração. Deixai que a gravitação seja dos Inglezes, Melpómene dos Francezes, a Musica, a Poesia, e a Esculptura e Pintura, e,se quizerdes, tambem a eloquencia, dos Italianos: deixai que Frederico ensine a arte de vencer; deixai que Galiléo perca os olhos em buscar novos astros, Flammesteed em

os contar, Herschel em os augmentar, Newton em os pezar: deixai que calculando se seque a medula oblongada a Euler, e a d'Alembert; deixai que a loucura de fazer hum Diccionario, e a misantrópica reflexão assasinem de huma vez Voltaire, e Russeau: não vos importe nada destas ambições, e destes dolorosos furores. Torno a dizer-vos, e a clamar-vos: Deixai que Buffon faça o Mundo, componha as montanhas e os Planetas a seu modo. Não cureis se tenha razão Talliamed, Brunet, Woodward, Romé de Lisle, Marivetz, e Saussure; não cureis se os corpos obedeção aos vortices, ou á atracção, se a luz electrica he triangular, como o quer Franklin, ou se seja causa dos raios, dos trovões, e terremotos, e até do movimento; se a luz solar obedeça a Romme, e os corpos celestes a Kepler, ou a Halley. Não queirais saber nada do ar fixo, do inflammavel, do flogistico, dos fosforos, dos saes, das pedras, dos bancos testaceos, das épocas do globo: deixai no vórtice de

tanta confusão, sempre varia, sempre nova, sempre discorde, sempre incerta, os loucos que não podem sentir o melhor, o mais sólido, o verdadeiro, ou por defeito organico, ou porque são forçados da insita vaidade a estas infructuosas indagações. Vivei só com as vossas sensações. Parece-me que me quereis dizer, para que faço eu tão grande ostentação de erudição, se eu vos quero persuadir a ignorancia das sciencias humanas? Meu Attico, para vos dizer huma verdade, vós sabeis que vinte annos da minha existencia, encanecendo diariamente, se me tem escapado no mais profundo, e teimoso estudo destas tão decantadas sciencias humanas. E para que? Para chegar ao mesmo ponto d'onde tinha partido; á ignorancia. No meu cerebro não estão pegados mais que estereis nomes, e nenhuma evidencia; e, se me não atenho á revelação até em materias da immediata repartição da Fysica, andaria perpetuamente fluctuante: buscava a felicidade, e encontrava em seu lugar

perpetua amargura. Eu sou tranquillo, quando no estado natural me reduzo ao estado da menos possivel reflexão.

CARTA IX.

HE tão vasta, e tão importante esta materia que vos expuz na minha ultima carta, que he preciso expendella ainda de outra maneira, para vos deixar plenamente satisfeito, e convencido. Queremos, meu Attico, ser naturalmente felizes; e para o ser he indispensavel o equilibrio da nossa alma; elle se perde por duas causas, a primeira, que são as tumultuosas paixões; não necessita de provas, basta a nossa mesma experiencia; a segunda, he o violento estado das reflexões scientificas. Ora escutai-me desapaixonadamente. A melhor regra para conduzir o homem na vida, he, e só póde ser, aquella que o faça encontrar o menor numero de males possivel. E onde está esta regra? Está no me-

nor possivel estado de reflexão scientifica, está em o homem (na ordem natural) se reduzir ao estado das sensações; (por certo me chamará o Mundo, tão atrabiliario, tão inimigo das sciencias, como o que ambicionou por este caminho o premio da Academia de Dijon; não importa.) Se vós não tiverdes fome, e não tiverdes somno, nem o somno, nem a fome vos pedem coisa alguma, isto he, quando não tenhais os sentidos estragados, e perjudicados com habitos, e acostumados ao vicio, e ao erro. Quem não sabe quantas sejão as necessidades que parecem ser dos sentidos, e ellas são da educação? A vida reflexiva, isto he, a vida scientifica, e artificial, cria o décuplo das necessidades, que nos deo a Natureza. Ora vede quanto he opposta á Natureza a vida reflexivo-scientifica. Os homens illustres nas sciencias e nas artes, para serem taes, além das disposições da Natureza, forão obrigados a reflectir muito para crear, e produzir aquellas obras celebres, que se chamão assim

pela convenção dos mesmos homens. Ora Curcio, e Sylla entre os Politicos, Horacio, e Virgilio entre os Escriptores, porque são chamados celebres? Porque produzirão actos, e conseguirão coisas á força de reflexão scientifica. Mas porque razão o numero destes celebres homens como tendes observado he tão pequeno, e diminuto a respeito do immenso numero daquelles que viverão sem se lhes saber o nome? Porque os actos, e a continua reflexão scientifica, não são coisa natural, e he natural a vida sensitiva. Oh! disse hum chamado agudo engenho: Quem olhasse para hum ameno prado não sentiria todo o prazer, senão podesse dizer a outro = Oh que bello, e agradavel quadro aqui offerece a Natureza! = Nunca, meu Attico, escutei huma expressão mais louca! Pois quando eu sinto em meus sentidos hum prazer, tenho acaso necessidade para o gozar de proromper em huma similhante reflexão? Oh pobres mortaes a que sedes reduzidos pelo saber dos doutos!

Estais reduzidos a ver e a sentir as coisas quasi sempre ás avessas do que ellas são! A' maior turba dos que são chamados ignorantes, chamarei eu turba de Sabios, porque seguem, e sentem o bom, e a verdade. Quando os motivos pelos quaes o homem deve naturalmente obrar, nascem, e rompem da mesma natureza das coisas, não tem necessidade da authoridade alheia. Quem poderá negar que a maior sciencia da vida exista entre os poucos versos do Exodo, da Sapiencia, e do Ecclesiastico? Pois todos estes divinos principios são contrarios ao muito saber, e por consequencia, ao muito reflectir. Rião quanto quizerem os soldados da libertinagem Filosofica, quem escreveo aquelles Livros sabia muito mais de Moral que todos os Socrates, que todos os Montagnes, e que o mesmissimo Espinosa com toda a sua Ethica. Mas como eu vos fallo só no seio da Natureza, e dentro do circulo dos humanos conhecimentos, ouvi, meu Attico, entre os profanos o maior de quantos conhecêrão a natureza do ver-

dadeiro bem, e a moral da vida, ouvi a Seneca: = Não vos fará grande prejuizo esquecer, e ignorar estas coisas, as quaes não se podem saber, nem servem conhecidas. A verdade envolta em mil véos está escondida no profundo: não nos devemos por isto queixar da Natureza, porque nenhuma coisa he tão difficultosa de se encontrar como aquella da qual não tiramos outro fructo, senão o havella encontrado: tudo o que nos póde tornar, ou melhores, ou mais ditosos, foi posto patente pela Natureza e a mui pouco fundo. = Assim fallava ha dezoito seculos o Preceptor de Nero, ao qual por certo se não exprobará ignorancia sobre as coisas da vida, e dos meios mais eficazes para a tornar bemaventurada. Poderia compôr grossos volumes in folio para vos comprovar o que tenho dito, se quizesse copiar as sentenças dos homens mais bem reputados, e se as poucas dos maiores não bastassem para contentar aquelles, que não acreditão as coisas senão quando as diz, e as con-

firma Aristoteles. Mais antigo que Aristoteles, Theognides, homem estimavel, dizia, que a opinião he hum grande mal entre os homens, e que a experiencia pelo contrario era utilissima.

Quando se fez á famosa revolução no espirito humano, maior por certo que a revolução dos grandes Imperios Assyrio, e Romano, e em nossos dias que a fatalissima revolução do Reino de França, revolução que em vez de conhecer das coisas mais por hypothese, e opinião, passou o homem a quere-las conhecer com a experiencia, e com os sentidos, antepondo estes aos engenhosos fantasmas; se nesta época, digo, tivessem os homens applicado os mesmos sentidos ao conhecimento das coisas uteis, e não houvessem tornado aos primeiros erros, ou passado de huns para outros, esse teria sido o primeiro instante da verdadeira existencia, e felicidade do homem na ordem natural, politica, e social, e aquelle que fosse o seu sabio author

teria merecido o reconhecimento publico, e a justa eternidade do nome. Porém conduzir o homem da Fysica para a Moral, da Moral para a Fysica, como Socrates, e Aristoteles, applicar a Algebra á Geometria, e ensinar com estranhas e novas meditações huma outra arte de discorrer; indicar com novos orgãos filosoficos o que se devia fazer para augmentar a sciencia, como Des-Cartes; e que por isto se haja mostrado a Natureza a hum só, annunciando este ditoso Ente as verdadeiras leis com as quaes ella se move nos seus varios membros, como Bacon de Verulamio; e fazendo succeder a gravitação aos vortices; de tudo isto nada resultou ao homem, que o possa fazer mais feliz no Mundo; antes eu me persuado que fez dilatar mais a causa que o torna desditoso, porque o dispõe mais a ser scientifico-reflexivo.

Mas no estado de profunda reflexão scientifica em que agora existe a Europa em que consiste a felicidade de hum povo? Todos os Politicos

me dirão absolutamente, que consiste na quantidade dos bens, que este povo possue, e na segurança em que existe de os conservar. Mas donde provêm esta mais positiva segurança, se não da maior força que este povo tem, sobre outro povo, e sobre todos os outros! He de certeza moral, (e nós o vemos, meu Attico, ha quatro annos) que a força assegura mais o homem da invasão de outro homem sempre vigilante em usurpar, como temos a experiencia nas disgraçadas invasões do nosso Reino; porque os homens fazem o menor damno a os outros homens mais pelo temor que tem da maior força, que pelo amor que tenhão ao justo, e ao honesto. E aquella força que rechaça os aggressores sempre incontentaveis de quem he filha? Certamente he dos musculos, e da ignorancia. Eis-aqui o que fez sempre vencedores os Portuguezes. Mostrai-me, meu Attico, os momentos de reflexão scientifica na época de Affonso 1.°, de Sancho 1.°, de João 1.° e para o dizer de huma vez, de João 4.°?

Tornai hum povo excessivamente civil, ensinai-lhe com muito affinco as artes, e as sciencias, fazei que exceda nos conhecimentos, e reflexões scientificas os seus visinhos, reduzi-o ao estado das Republicas Grega e Romana no tempo de Pericles, e de Marco Tullio (o maior dos Romanos) vós enfraquecereis os seus musculos juntamente com a alma, fazendo-o amigo da moleza, da preguiça, da gula, e da luxuria. Vós o fareis desejar logo a vida deliciosa, o ocio melifluo, e os commodos methafisicos, tornando-lhe até odioso, e imprudente o insito direito de se defender daquelle que quizer com as leis d'antiquissima força despojallo daquillo que possue. Temerá desde logo, que a resistencia que fizer lhe estrague os deliciosos jardins, os palacios, e seus preciosos ornamentos que com tanta reflexão ajuntára, e aperfeiçoára. Beijará e será para elle doce, e amavel aquella cadeia que lhe querem lançar, com tanto que lhe deixem intactas aquellas preciosas pintu-

ras, aquelles inimitaveis a frescos de Caracci, e de Dominichini, e aquelles thesoiros com tanta fadiga amontoados, e com tantos sobresaltos conservados. Fazei pelo contrario que hum povo não conheça mais que o uso do ferro do arado, e da espada apprendido a manejar com o uso dos sentidos; fazei que o diario, e continuo exercicio da lavoira tenha feito de seus ossos, e de seus musculos huma massa de bronze, que prostra, e despedaça tudo quanto encontra; fazei por fim que seus conhecimentos, e suas reflexões se encerrem no circulo do trabalho pezado da sua subsistencia, e que todas as suas especulações se limitem a estas palavras = rechaçar, e vencer: = este povo não terá que temer ser servidor, ou escravo de outro povo.

Se os Hollandezes d'agora nos dias de Buonaparte, fossem o que erão nos dias de hum Tromp, ou de hum Ruiter, de hum Guilherme, e de hum Mauricio, quando conquistárão a Asia, e huma grande porção do Brazil, ver-

se-hião acaso confundidos, e aggregados a hum povo de salteadores? Enervados pelas riquezas, e pelo luxo de mais de hum seculo de espantosa grandeza, e prosperidade, cultivando o unico talento de amontoar riquezas só pelo prazer de possuir riquezas, com ellas derão o fatal passo para a sua ruina, pois a opulencia Hollandeza não servio senão de atrair a cobiça do mais perfido, e iniquo dos usurpadores.

Alongai, meu Attico, os olhos, e o entendimento para aquelles primeiros illustres destruidores, e vereis o ignorante Médo vencer o civil Persiano, e o Egypcio sapiente: e vereis aquelle rude Spartano, e Beócio, que não sabem mais que obedecer, e acutilar os humanos membros, progredir na arte de vencer, e dominar os mesmos cultos Gregos, que tão celebre tornárão a Attica e tão famosa. Que erão aquelles Macedonios, ou aquelles Soldados Cesarianos, que fizerão tremer o Globo do Meio dia ao Oriente, e do Occidente ao Septentrião,

senão turmas de cegos ignorantes sem letras, e quasi sem reflexão? Eu vejo a dominadora Roma chegar ao estado mais subido de sua immensa potencia naquella épocha em que existe na maior, e mais profunda ignorancia. No meio desta ignorancia vejo apparecer Carnéades, com os outros que vem orar pelas nações estranhas, e vencidas, e mostrar primeiro aos Romanos a força de huma eloquencia cheia de reflexão, e até alli ignorada pelos mesmos Romanos; mas tambem vejo o grande Catão antevendo o seu damno, e atalhando seus progressos, e por huma profunda intelligencia politica, e não por hum animo rude, e agreste, fazer que taes Embaixadores fossem subito despedidos pelo Senado, para que a juventude se não embaise e namorasse daquelle prestigio de reflectir, que a arrancaria por certo ao util estado de ignorancia em que permanecia. Chamaráõ acaso os nossos sabios a Lycurgo homem sem reflexão, a Lycurgo que fundou a mais illustre Republica, e

a de mais longa duração? Eu a vejo fundar sobre a irreflexão, e sobre a ignorancia, sem artes, sem sciencias, e até sem leis escriptas. Vejo que se ensinão áquelles Cidadãos a guerra, as virtudes Republicanas, os costumes com a sensação material das coisas. E direis, meu Attico, que Lycurgo era ignorante? E onde achareis o sabio que ouse emprehender, e executar quanto elle emprehendeo, e executou? Quem conservou Homero podia ser idióta? Eu não descubro em Lycurgo mais que hum sabio, que conhecendo as coisas mais que os outros, conheceo que a menos possivel reflexão era o principal meio para assegurar ao homem aquella felicidade, que he compativel com sua fragil natureza.

Mas quero agora usar daquella mesma reflexão que combato. Dizeime, meu Attico, a quem se devem as artes, e os misteres mais uteis senão á gente que reflecte pouco? Aquelle sulco onde se vos produz o trigo seria aberto no rigor de huma inclemente

estação por hum homem que reflectisse muito? Aquella têa de linho, ou de algodão, aquelle panno, aquelle licor, aquelle alimento que servem para vos cobrir, e para vos alimentar, e para tornar commoda a vossa epicurea vida, serião, digo, todas estas coisas aperfeiçoadas até á suprema delicadeza em que as vemos por homens que caprichassem de profundas reflexões? Ou tudo vos faltaria, ou tudo farieis muito mal por vossas mesmas mãos. Os bens mais importantes á nossa existencia nos são ministrados por quem reflecte pouco, e tanto mais proximo estará qualquer povo ao estado de prosperidade, quanto maior for o numero de operarios e agricultores inreflexivos.

Vejo, meu Attico, que a grande Cidade de Constantino, a patria de Homero, e de Milciades, forão saqueadas, e estão até hoje possuidas pelos robustos pastores de Caucaso, destruindo até naquella Athenas inventora das sciencias, todos aquelles monumentos que fazem reflectir; e

convertendo em huma pobre aldêa a que fôra em outro tempo o domicilio das artes, e do gosto. Vejo aquella Italia, e aquella Roma onde subira tanto o engenho de Ovidio, e a triunfadora eloquencia de Marco Tullio, dilacerada, vencida, e arruinada pelos ignorantes filhos d'Odim derramados dos gêlos do Norte. Se eu quizesse fazer a resenha das épocas da ignorancia em que os homens tem existido sensitivamente, confrontando-as com aquellas em que os mesmos homens viverão intellectivamente, e fazer huma somma exacta do maior bem politico, e moral de cada huma destas épocas, trataria por certo huma materia dificultosisssima, e irreduzivel a calculo comparativo de verdade; nem poderia mostrar aos homens com evidencia em qual destas épocas elles gozarão de hum maior bem individual, e geral. Comtudo se eu volvo os olhos hum momento ao quadro daquelles seculos que correrão desde o quinto até ao decimo quinto da nossa Era; para aquelles

mesmos seculos mais banhados de sangue, e de horror, nelles (não vos pareça, meu Attico, esta proposição hum paradoxo) nelles encontro huma grande somma de felicidade particular, e geral. Se o Godo, se o Huno, se o Lombardo tirão aos Italianos (já não Romanos) o terreno, e as mulheres, leio em Jornandes, e em Procopio, que elles gozão com prazer do pouco que lhes fica, e que se comprazem no indomavel rancor que ganhão a seus dominadores. E não vedes vós hoje isto mesmo nos mesmos Italianos? Se huma inflammação de cerebro em o 12.° seculo os obriga a deixarem a propria casa, os commodos, e os filhos para hirem no fundo da Asia combater os soldados de Saladino, eu os vejo inundados de huma torrente de alegria. Se finalmente, menos longe de nós, e entre nós mesmos considero este infeliz Ente destinado a passear poucas horas sobre a terra, disputar-se entre partidos, e facções poucas geiras da mesma terra, e ondear ou fluctuar no

proprio sangue, até que cançado, e não saciado se applaca, e põe em equilibrio politico seus interesses, se o considero, digo, eu o vejo no meio da ignorancia que o agitou achar preciosos momentos de prazer, e vejo tão numerosa, activa, e rica a sua especie, que me vejo forçado a lhe chamar feliz nos seculos da mais densa, e gothica irreflexão.

Não sou, meu Attico, não sou eu o primeiro, que haja notado mais povoada a Europa, mais opulentas, e felizes as Nações naquelles tempos do sexto, oitavo, e duodecimo seculo, tempos que, considerados por hum lado, nos devem parecer miseraveis. Se os Godos, se os Hunos infelicitarão huma parte de alguma Nação, tornarão mais exercitada, activa e industriosa outra parte, que sem a irrupção destes Barbaros nada teria sido. Aos Godos debaixo da dominação de Theodorico, e de Amalasunta em o ministerio de Cassiodoro, se devem muitas leis, e optimas regras de felicidade, que ainda nos guião em meio

de todos os nossos conhecimentos, e a vista dos Filangieris, e Beccarias. Quantos elogios fizerão mui doutas pennas aos Longobardos, porque o seu em apparencia barbaro dominio tornou felizes muitos povos? Aos Arabes, aos Marroquinos, aos Tunezinos, aos mesmos Argelinos, se devem as mais insignes Artes, e sciencias que tanto honrão a Europa como a Algebra, a Chimica, a Astronomia, a Medicina, e se eu devo dar credito Andrews todos os ramos do humano saber se derivão dos paizes de Mahomet, e de Annibal Flandres, e todos aquelles que agora se chamão Paizes baixos, erão o centro da felicidade, e da população nos tempos dos Duques de Borgonha, que são pontualmente aquelles em que a Europa de hum lado a outro lado mais se degolava. E como poderião os Europeos encher a Asia de estragos, e sangue, se a Europa existisse infeliz, e vasia de habitantes? Então as expedições não se fazião com dinheiros, e meios de opulencia, fa-

zião-se á similhança dos desesperados, e esfomeados Septentrionaes. Os homens que se deixão estagnar em nimia cultura, e luxo, corrompem-se como os fluidos sem movimento, e dados ás especulações, e ás sciencias se esquecem daquella fogosa actividade, que produz, e afformosea as artes uteis.

Ah! meu Attico, e não são estes nossos dias aquelles em que as vistas dos Soberanos honrados que existem se devião encaminhar a fazer de cada homem hum soldado vigoroso, e ignorante! Assim se conservarião os Reinos invadidos pela mais atroz ambição. Fazei-me Orador na Camara dos Communs, e deixai-me, eu diria com a vehemencia Portugueza áquelle feliz Governo: „ Das dezenove partes da Nação dai oito ao Commercio, a Navegação, e as artes uteis, dai huma ás especulações, e ás doutrinas, dai dez á enchada, ás armas, e aos mais rudes misteres que tornão os homens irreflexivos.„ Não nos apartemos dos limites da nossa Patria,

volvei os olhos para os campos de Aljubarrota, vede seis mil Portuguezes rudes, illiteratos, e irreflexivos vencerem quarenta mil Hespanhóes mais opulentos, cultos, e delicados.

Fazei que venhão ás mãos hum ignorante bem organizado, e hum pensador Filosofo; o ultimo succumbirá oppresso nos braços do primeiro. Não me digais que o saber, e o engenho pervalecem á força ignorante. Isto parece verdade, mas não he verdade. Não vedes vós que em geral ha no Mundo mais ignorancia, que engenho, e que os ignorantes conservão subjugados aquelles que o não são? He preciso chamar forte áquelle povo, que quando lhe dá na vontade, ou no capricho, póde subjugar outro e despojallo de tudo por huma desmedida força fisica, porque em fim, hum homem, e hum povo, por mais que o queirão deificar, não tem mais que a força de hum homem, ou de hum povo, isto he, a purissima força fisica.

Se tirasseis á populaca Ingleza aquel-

la brutal ferocidade ignorante que aqui estamos agora vendo em seus razos, e simplices soldados, e em seus robustos marinheiros, que os torna repugnantes a alguns dos nossos delicados pensadores, não terião derrotado as falanges do Latrocinio em tantas, e tão gloriosas batalhas. E credes vós que esta ignorancia do Inglez plebêo não seja nas mãos de hum Pitt, e de hum Fox a causa primeira da sua vigorosa gloria, e independencia? Bem sei que corre como opinião commum que os Inglezes são reflexivos mais que outra qualquer Nação. Será isto verdade a respeito de Newton, de Locke, de Bolimbroke, de Bacon, de Tilotson, de Blair, mas a totalidade da Nação tem mais sentimentos fortes que reflexão.

Póde ser, meu Attico, que esta Carta levasse o premio da Academia de Dijon: ora ride-vos; porque o direito de dizer paradoxos não he só peculiar, e privativo ao Cidadão de Genebra.

CARTA X.

QUereis, meu Attico, que eu seja Cicero em Tusculo, e que vos dirija como a Bruto hum Tratado sobre o Orador? Ora pois eu serei ainda mais que Cicero nesta parte, e vos darei em huma só clausula todos os preceitos da Rhetorica: = Sabei, e conhecei bem a coisa de que quereis fallar, e sereis eloquente. = Se o argumento for de huma paixão, e vós a houverdes sentido profundamente, todas as figuras aptas, todos os tropos capazes de commover, correrão de vossos lábios sem que lhes saibais o nome. Pintareis tudo á alma, e aos sentidos dos homens, e o fogo ardente de vossas palavras se transfundirá para abrazar seus corações, inflammar sua imaginação. Se o argumento for doutrinal, ou scientifico, conhecei-o, e os vocabulos eruditos, os termos technicos, e os raciocinios que obrigão a convicção das lucidas verdades, pene-

trarão logo os entendimentos dos que vos ouvirem. Ignorais, ou desconheceis o objecto por alguma das faces por onde o quereis fazer conhecer, e conheceis, e vos lembrais ao mesmo tempo de todas as sinedoches, hypotiposes, e sorites? Pois com todo este apparato das regras com que vos aturdio, e cançou o Pedante, que vos explicou os arcanos da Eloquencia, ainda que fosse o mesmo Blair, sois hum ignorante, e apenas fareis ondear hum pouco de ar esteril e vasio no acustico dos vossos ouvintes. Mas ainda que amplo e profundo conhecedor do objecto sobre que destinais discorrer, se os ouvintes vos impoem, e se tremeis em sua presença, descei logo, e deixai a Tribuna, porque inutilmente vos tendes affadigado em estudar, e saber o objecto. O homem mais erudito não sabe senão aquillo que no momento actual está presente ao seu espirito. O que soffre o terror panico, esquece-se no momento necessario de quanto sabe, e nada fará aquelle Orador que por hum ata-

que, ou sorpreza de vertigens, e palpitações lhe faltar repentinamente a memoria na recitação do seu discurso. Por certo não poderá fallar daquillo que então lhe esquece; e tão ignorante he aquelle que não sabe as coisas que não pôde, ou que não soube apprender, como he aquel'outro que dellas se esquece, quando as vai tratar: de toda a sorte a ineloquencia depenpendera sempre de não saber as coisas que se tratão. Se as souberdes, se na opportuna, e necessaria occasião podereis, senhor de vós, seguramente fallar, e dizer tudo dentro daquelle prescripto circulo de tempo, se conhecerdes aquelles a quem fallais, os seus, e os vossos interesses, sereis vocalmente eloquente. Se souberdes a coisa só, e não poderdes fallar della quando for preciso, sereis eloquente escrevendo. Quem não o he nem escrevendo, nem fallando, certamente não sabe as coisas de que escreve, ou falla. Apenas saberá a Rhetorica daquelles magestosos edificios que se chamão Collegios, e Universidades, a

qual não he outra coisa mais que a Arte de Raymundo Lullo, que promette todos os conhecimentos, e não ensina nenhum, e fecha a porta a todos os outros. Ora permitti-me, meu Attico, que a estas palpaveis, e evidentissimas idéas sobre a eloquencia sugeridas pela minha experiencia no exercicio Oratorio de mais de vinte e quatro annos, eu ajunte algumas sobre outras sciencias. Tendes ouvido em quanto vos escrevo o que nunca foi dito, e he preciso parar, e deixar de conduzir os passos por onde os outros, não sei se cegamente, tem caminhado nas sciencias humanas.

Crede, meu Attico, que a minha fraqueza não ousaria alçar os olhos para a Methafisica da essencia dos principios dos Entes immateriaes. Estudai, meu Attico, a Natureza, na mesma Natureza; e para que a querereis ver transformada pelos sabios atravez de sentidos de vidros modelados em Telescopios, e Microscopios? Estes não são os vossos sentidos. Para que a querereis ver entre cifras que não

são vossas? Talvez me digais cheio de enfado, vendo-me desprezador do que hoje tanto se préza; que quero eu fazer no Mundo, e como quero gozar delle se o não posso conhecer, e se os sentidos me não podem mostrar mais que a parte superficial do mesmo Mundo, e talvez que illudindo-me? Por ventura posso eu ignorar, que este Planeta, e aquelle Firmamento estão todos escriptos em triangulos, e em circulos, e que sem se saber ler estes circulos, e estes triangulos não se póde conhecer nem este Planeta, nem aquelle Firmamento? E como poderei eu saber ler, se ignorar a linguagem de Apolonio, de Pápus, de Diofante, e Viette, linguagem em que o Author da Natureza quiz geroglificamente envolver todo este espectaculo? Ah, meu Attico! Eu cheio de luz, e de enfasi das minhas reiteradas sensações, não tenho necessidade de Synthese, nem de methodos abreviativos para calcular pezar, e medir, as quantidades diferenciaes, e variaveis da Natureza. Todos

estes conhecimentos que eu por certo não tenho, não me tornarião mais formoso, mais agradavel, e magestoso o espectaculo do Sol que nasce, e do Sol que se me vai pouco a pouco occultando nas ondas do Oceano quando assim o contemplo do mais escarpado pico da Serra de Cintra. Vós vos deveis contentar com as verdades aprendidas sensivelmente, estas vos bastão sem as espraiadas sciencias dos nossos sabios. As Estrellas, o Sol, o azul dos Ceos, os montes, as planicies, os prados, os vales, os rios, os mares, os bosques, e as producções deliciosas, e voluptuosas dos tres amplissimos Reinos, se tudo isto, digo, se vos apresenta aos vossos sentidos, gozais de tudo quanto isto encerra, doce, e deleitoso; se assim os gozais, que ulterior necessidade tendes de os conhecer? O Author da Natureza quer que sintais e expressamente vos diz que o homem nunca entrará no conhecimento da essencia intima das obras de Deos. *Ut non inveniat homo opus suum a principio usque*

ad finem. Citais-me a Biblia, direis vós? Sim, a Biblia, e porque não? Este Livro he santo, e veneravel aos olhos do crente, e respeitavel até ao impio que entender os profundos Canones de moral, e de sapiencia, que nelle se encerrão. Só a inspiração Divina, dizia Warburton, podia fazer o Pentateuco.

Mas de que nos serve a Historia, direis vós, se não nos devemos procurar o conhecimento das coisas pelo estudo contentando-nos unicamente com o testemunho dos sentidos? E que temos nós já com huns tempos que nos não pertencem? Que Ogyges se salvasse, nadando, de hum grande diluvio; que Sesostris haja sido hum grande conquistador; que os homens começassem a ordenar-se em sociedade no Indostão, ou no Egypto, que Alexandre haja assolado a Persia, e Annibal espavorido a Italia; que Epaminondas haja sido hum grande Capitão, e Cesar hum grande homem; que os ferozes Albuquerque, e Almagro hajão coalhado de sangue os cam-

pos, e as praias de ambas as Indias; que Socrates morresse de Cicuta, e que Aristoteles fosse o maior engenho da Grecia; que Pindaro fosse grande Poeta, Escopas grande Esculptor, e Vitruvio grande Architecto, de que nos serve tudo isto? As verdades dos objectos historicos só tocão o entendimento por meio da reflexão, e eu quero que vos baste só o testemunho dos sentidos nas coisas presentes. He hum engano dizer que os quadros da antiga Historia, servem para instrucção da vida. Apprendei dos vivos, vendo-os: estas lições são mais aptas para a instrucção. Não queirais encher vossa memoria de huma inutil sciencia, que a carrega de hum pezadissimo chumbo de nomes, que nenhum ensino nos trazem, e só servem para o ridiculo fausto de derramar dos labios aquillo que não he nosso, e que de nenhum bem nos serve. Para a direcção da vida he mais util ao homem a experiencia dos proprios sentidos que toda a sciencia Historica. Dizei a hum mancebo a quem

as paixões, a imprudencia, a intemperança e a crueldade conduzem a hum fim desgraçado; estudai a Historia; empregai vós o discurso da Ethica mais subtil, e mostrai-lhe os exemplos em hum Abeilard, em hum Lovelace, em hum Carlos de Suecia, em hum Enzelino, nada podereis obter, se o coração o impellir para o mal. Fazei agora, que outro mancebo de pessima indole tambem, saiba, com os sentidos, e não com o entendimento, as peripecias de quem não tem moral, e prudencia, fazei que as comprehenda vendo, e sentindo: vós o emmendareis: e porque? Porque o homem só verdadeiramente se persuade com os sentidos, e só com esta persuação se dispõe para o melhor, para o honesto, e para o justo.

He do seculo, e he da moda a sciencia da Geografia, e para vós esta Geografia só deve ser o terreno que passeais em hum gyro diurno. Perdido tempo, meu Attico! De que me serve a mim a Geografia, para ser feliz, isto he para ter a minha alma sa-

tisfeita? Se me transportassem destas apraziveis margens do Tejo para outras regiões, e outros climas, eu limitaria toda a sciencia Geografica ao ambito que podessem correr os meus pés em o circulo de hum dia. Que me importa saber da Astronomia, senão o que diz relação ao tacto da minha cutis? Ausentar-me-hei do clima, que me abrazar, e do clima que me gelar. Pararei, quando não sentir, nem calma, nem frio. O meu relojo, e as minhas horas, não serão nem o nascimento, nem o meridiano, nem o occaso do Scl, as minhas horas são o tédio, e a fome. Como quando tenho appetite, aparto-me, deste ou daquelle lugar quando me aborrece existir alli mais tempo, e faço sempre o que me parece melhor: eis-aqui tudo o que me tem ensinado La Place, e La Lande. Não vos escandalizeis da minha absoluta indolencia. Deixai-me discorrer ao menos no que não offende nem a Sociedade, nem a Religião. Executo tudo o que a Sociedade prescreve, e a

Religião manda. Porém nem huma, nem outra me mandão ser Astronomo, ser Geografo, ser Historiador, Orador, ou Poeta. Se eu nada disto quizer ser, deverei por isto ser desterrado para os bosques da Siberia, ou para o Isthimo de Panamá? Que mal faz a minha feliz ignorancia aos homens para serem comigo tyrannos, e injustos? Mandão acaso isto as leis de Lycurgo, ou de Puffendorfio? Vós me chamais hum dos homens mais eruditos da Europa, e eu vos affirmo que sou hum dos mais ignorantes, idiotas e indolentes. Cheguei ao que queria, que era depois de muito estudo, ver-me no perfeito estado de insipiencia. Crede, meu Attico, que das Artes póde saber-se alguma coisa, das sciencias humanas, nada. Ora se eu quizer permanecer nesta situação indolente, e ociosa, que direito tem os homens para me condenar á galé de hum teimoso estudo scientifico, e especulativo? Deixem-me ser sabio sentindo, sejão elles entendendo. Que culpa tenho eu de me haver

feito à Natureza com esta primeira tendencia a que Helvecio chama quasi a tendencia do homem? Já me decidi, meu Attico, e conclui que a minha tranquillidade, a minha ventura temporal consistia não em o soberbo apparato das sciencias, mas em huma simplicidade Evangelica. O Evangelho me manda ser bom, e não me manda ser douto, e seu Divino Author não se podia enganar nos meios que me prescreve para a minha felicidade. Esta moral he mais pura que a de Socrates, mais util, e virtuosa que a de Aristides. E quem ignora que a reflexão he a fonte daquellas innumeraveis offensas que a todos os instantes se fazem ao proximo contra as quaes tanto se declama? Mas eu vou sahir deste circulo sobrehumano. Parece-me que a Natureza impelle continuamente o homem para a irreflexão, para a indolencia e para inercia. Tem havido homens que fizerão todos os esforços para permanecerem sempre em hum só sentimento. A vida simples, e Pastoral, e os nigenuos

prazeres campestres tão decantados pelos Poetas, e pelos Filosofos, porque o são, senão pela confrontação que delles fazem os homens com os cuidados, e molesta vida reflexiva que são obrigados a passar nas companhias, e sociedades das grandes Metropoles? A erma, e solitaria Cezimbra, que só me offerece penhascos, e o Oceano, tem para mim mais attractivos que a estrepitosa, e confusa Lisboa. A idade de oiro não foi mais que aquelle tempo em que as primeiras gentes circulando em huma pura atmosfera de sensações, não meditavão, ou só escassamente, sobre o que vião, e sentião. E donde póde nascer aquella voz commum dos homens que clamão por toda a parte, e buscão furiosos a paz? E quando mesmo se affadigão com violencia por meditar, e reflectir, não he para gozar o doce ocio do entendimento, e permanecer no estado da irreflexão? Quando escutamos aquelle Pai de familia, aquelle Ministro de Estado, aquelle General de Exercito, aquelle Monar-

ca clamar: Ah! quantos pensamentos me turvão, e opprimem o entendimento, me tirão a saude, o repouso, a fome, e o somno! Que outra coisa he isto mais que huma expressa confissão de que o estado em que elles permanecem, não he o estado natural ao homem? Se o estado de violenta reflexão fosse hum estado de felicidade para o homem, não haveria mister tantas formalidades para fazer o homem sabio, e reflexivo. Academias, Lyceos de sabios, Universidades, excitamentos, emulações, Soberanos remuneradores, todos concorrem com huma especie de força para tornar os homens reflexivos, e doutos. Mas as Leis da Natureza são inflexiveis, não se dobrão, ella conserva o maior numero dos homens no estado da insciencia, e aquelles poucos que por muitos, e continuos esforços sahem alguma coisa do centro da escuridão em que ella os conserva, sahem como eu sahi para verem o densissimo véo que occulta, fecha, e encobre tudo. Que quer dizer tudo isto, senão que

quando o homem se dá ás profundas reflexões scientificas entra voluntariamente em hum estado violento? Sim, meu Attico, estado violento, no qual eu vi que o homem apenas avançava puerilmente, para conhecer depois, que em sciencias humanas era hum ignorante. Volvei, volvei os olhos á duplice face do globo, e contemplai toda a grande somma dos homens existente pela maior parte no seio da ignorancia. Poucas Aguias vereis levantadas acima delles a contemplar as métas do saber. Entre dez milhões, no espaço de tres, ou quatro seculos, vereis surgir hum Ente privilegiado com os dotes do Genio, ou reformar, ou crear novas sciencias. De Platão, e Aristoteles até Cicero, de Cicero até Bacon, de Bacon até Descartes, Spinosa, e Newton, quantos achais, que se dessem como estes se derão a tão profundas reflexões? Depois destes, trinta, ou quarenta Genios secundarios, se oppoem apenas ao grande, ao maximo numero de viventes que nada sabem. Parece que sempre a respeito

das sciencias humanas, huma indestructivel lei conserva os homens no estado da ignorancia, e da irreflexão. Feliz serieis vós, meu Attico, se sempre escutasseis a voz imperiosa desta lei. A alegre saude e o contentamento dilatarião sempre os vossos vasos, e se devisarião de continuo em vosso semblante! Hobbes, hum dos maiores mestres, e preceptores da reflexão, não pôde esquivar-se com seus sentidos prejudicados na infancia ao pavor, e medo que lhe causavão de noite aquelles mesmos fantasmas, que elle negava de dia. Eis o resultado da sua teimosa reflexão; Hobbes menos reflexivo, seria Hobbes menos pueril! Attendei, meu Attico, para a quotidiana experiencia. Naquelle momento em que a Natureza obra livremente em nós, hum Rei devisa no sceptro hum falso bem, hum Avaro nos thesoiros, e hum Guerreiro nos laureis. As desesperadas, sanguinarias, e amotinadas paixões dos amantes, não nascem senão de quererem bens de reflexão sem substancia, idolos

vãos de seu inquieto entendimento!

Vós não observais a Bruto menos atormentado pela perda de huma batalha, que por haver adorado huma quimera? Eu vejo que com grande sapiencia de sentidos deixa o filho do affortunado Cromwel as redeas do concedido Governo Inglez por não ter que pensar, e reflectir em as sustentar bem, e por se entregar a hum pacifico estado de indolentes sensações. Ah! se o homem verdadeiramente reflectira, ver-se-hia descer o Soberano do Throno, ver-se-hia hum Pastor sem invejar hum Soberano!

Sei que as obras maravilhosas de homens prodigiosos se devem, e nascem de haverem estes fechado os sentidos aos objectos, e de se haverem tornado frios, e de ferro ás coisas que os cercavão. Sei que, se Cesar, Mahomet, e Pedro Grande, se houvessem tornado victimas daquellas sensações diarias, e de familia, por amor das quaes obra, e para as quaes vive o homem pequeno que fórma o total da sociedade, sei que se não tivessem arroja-

do, e lançado o animo pelas immensas distancias do futuro, para tocarem, e se comprazerem mais de objectos reflexos, que dos presentes, nós não teriamos visto levantarem-se aquelles estranhos, e admiraveis edificios de Politica, e o Mundo espantado não se fixaria a contemplallos como Numes, ou Seres de huma ordem superior. Porém se Roma escrava não tivesse feito célebre a Julio, se o ridiculo Alcorão não tivesse immortalisado hum Pastor, e se a Russia civilisada não tivesse dado occasião a Pedro de se fazer immortal em Pultowa, serião, meu Attico, por amor disto menos saborosos o pão, e o vinho, menos formoso o Sol, menos admiravel o espectaculo sensivel do Quadro da Natureza?

Não vos enjoeis, meu Attico, de ouvir hum Apostolo da ignorante indolencia a respeito das humanas sciencias. Os Congressos dos summos calculadores Politicos, as conferencias importantes dos Soberanos, as indagações de D'Alembert, e de Mallebranche, quero dizer, as meditações dos

Geómetras, e dos Methafisicos, as Analyses dos Quimicos, e as fadigas de todos os sabios, não acabão em risonhas mezas, e na indagação dos meios que as aparelhão, e aprontão? Se houver algum daquelles que, como Mendelson, e Pizzeti, que inflammado excessivamente apoz a interminavel cadeia das verdades abstractas, não se queira nutrir de vertigens e convulsões para morrerem apopleticos como elles morrerão, querereis vós ser doente, e achacado como elles forão? Qual de vós, oh célebres Litteratos, e Pensadores, não tem experimentado as inapetencias, as indigestões, as obstruções, as vertigens ardentes de cabeça depois de haver estudado, e meditado muito? De mim vos sei dizer, meu Attico, que perdia muitas vezes de todo o comer, e o somno. E quem não experimenta huma absoluta prostração de forças depois de huma aturada fadiga de entendimento? Quem ignora as filosoficas observações do summo Medico de Lausana sobre as molestias que atacão, e affligem os Lit-

teratos? Pascal expirou tisico, Spinosa da mesma molestia, Pope, o mais reflexivo dos Poetas, acabou do mesmo mal. Raramente se julga, ou se reputa grande sabio, grande pensador, grande Litterato, aquelle rosto pingue, e purpureo, aquelle corpo obezo de carne onde reluz a esplendida gordura, signal sempre de não grandes meritos espirituaes. A vida sedentaria, o corpo dobrado, os olhos sempre fitos, ordinario modo de estar dos famosos pensadores, e contempladores, produz nelles por fisica necessidade mil desordens na perfeita Hygiene. E desejarieis vós, meu Attico, ter recebido da Natureza grandes e organicas disposições para reflectir, se de tantos damnos são causa para a saude, principio fundamental da vida feliz?

Vós mesmos estais vendo, ó desmedidos engenhos, que tanto tendes reflectido, e pensado, o que sejais, e a que incommodos estejais expostos. Não vos quero envergonhar, não por certo, ó homens immortaes, e portensos que, pela excellencia de vossa re-

flexão assignalastes os tempos com o vosso nome. Eu vos honro, e vos respeito profundamente sublimes imagens do Stagirita, do Grande Pai dos Estoicos, e a tua sobre todas, oh primeiro engenho Syracusano, alto Archimedes. Todos os meus sentidos se assezôão com o vehemente desejo de seguir as vossas famosas pizadas para chegar em parte ao vosso maravilhoso, e quasi infinito saber, de quem ainda agora a Fama incançavel apregôa tantos louvores; não passa por diante de meus olhos, nem sôa em meus ouvidos sem grande veneração da minha alma a vossa effigie, o vosso canto, ó sublime Estacio, ó portentoso Torcato, nem tambem passa a vossa imagem, ó fantasticos Descartes, e Leibnitz, porém maiores que os que vos escarnecerão. Eu quereria ser o que tu foste, ó Grande Newton; tanta he a inveja que sinto quando oiço chamar-te senhor, e mestre do entendimento mortal, e levantares-te tanto, que cobres de obscuridade os outros nomes. Que não pó-

des na minha alma, ó Locke, e na minha imaginação, ó Milton! Tenho chorado sobre as tuas grandes, e tragicas situações, ó Alfieri, unico conhecedor do homem, e da vida, sem igual entre os antigos, e entre nós; ninguem com mais vehemente energia pintou até agora as vicissitudes do Heróe, e do Amante! Adoro as tuas sobrehumanas paginas, ó Roberti, nenhum mortal unio até agora tão profunda Filosofia com tão sublime, e pathetica eloquencia! Mas ainda que sejais todos portentosos na esféra da celebridade, ainda que eu devotamente curvado adore as vossas cinzas e a vossa memoria, eu não posso desejar ser como vós fostes, mal conformado, para me tornar, com damno da minha saude, e da minha vida, famoso, e fazer soar immortalmente o meu nome na boca dos homens!

Não vos pareça estranha, nem intempestiva, meu Attico, esta vehemente apostrophe! Ella deve despertar em vós hum desejo. E que desejo?

De ver estender-se mais, ou durar mais em vós aquella idade que passastes nos primeiros tres lustros da vossa duração, idade de ignorancia perfeita, de sensações immaculadas, izentas de profundos conhecimentos intellectuaes. Vós gozastes então de huma agudissima alegria. Vião contentes vossos olhos voar as aves, tornar a Primavera, rirem-se os prados, córarem-se os fructos, e despontar o Sol no Horizonte. Continuo espectaculo de admiração para vós erão os turbinosos meteóros e os sulfureos arcos do relampago: tocavão apenas vossos ouvidos os rebombos do trovão, e do raio. Então se derramavão em vossa alma os sabores sem saber porque, e sem reflectir: o Jasmim, e a Rosa enchião vosso nascente olfato de celestes átomos. Vós perdestes para sempre este tempo, e já vos não resta mais que hum languido fastasma, que se esvaece do vosso entendimento.

Basta, meu Attico: aqui tendes hum delirio douto. Mas não existimos nós em o seculo das quimeras? Deixai

que a minha alma se apascente destas ingenuas imagens. Reflecti, meu Attico, sobre os bens da vida, mas não vos evaporeis em profundas reflexões scientificas, se querereis com o equilibrio da vossa alma manter e conservar ao menos huma sombra da ventura.

CARTA XI.

MEu Attico, os maiores Geometras, e Filosofos, tem levantado, e conservão ainda eternas questões sobre o verdadeiro sentido de palavras abstractas. Quanto me compadeço de suas baldadas fadigas! Estes Seres tão profundamente pensadores, enchem volumes com as definições dos termos unidade, numero, extensão, movimento, substancia, espaço, eternidade, essencia, qualidade, e natureza. Wolfio engrossa enfadonhamente seus enormes volumes, sem fixar, e determinar jámais a idéa absoluta de tudo isto. Eu tenho querido ver se

percebo as coisas sem Filosofia, e só com a simples percepção dos sentidos, e vejo que o comsigo sem incerteza. Desterro estas abstractas especulações que excedem a nossa natural esfera, e lamento os Filosofos que permanecem em huma duvida pyrronica sobre o valor dos vocabulos; ficão em inação de espirito, nem sabem para si, nem sabem para os outros as certissimas verdades. Quando vós, meu Attico, dizeis á vossa alma pelo ministerio dos sentidos -Vinho de Chypre, Homem são, vós entendeis estas palavras, e lhes dais toda aquella extensão que he precisa, para que as idéas que vos despertão não sejão confusas. Mas quando dizeis ao vosso entendimento estas palavras - Vegetação, Direito de conquista, virtude, vicio, immaterialidade; o vosso entendimento, nem fica saciado, nem retem e conserva em si huma justa, e adequada noção de similhantes palavras. Eis-aqui porque os dilatadissimos escriptos dos Filosofos soffrem as mesmas vicissitudes das coisas que

não tem em si valor intrinseco, e real, nem tem a luz daquella evidencia, que se faz amar, e estimar dos homens de todos os tempos, de todas as idades, e de todas as opiniões. Todos estes livros, meu Attico, estão sugeitos a acabar, e com effeito perecem, e são enterrados por outros escriptos cheios tambem de filosoficas incertezas, e de saber intellectual. Estes são os motivos que me tem dado lugar a huma observação que me parece, que ainda até agora se não tem feito, e vem a ser, que os Livros de Historia são mais conhecidos, e mais religiosamente conservados que os livros puramente filosoficos, e os Poemas Epicos, ou narrativos, ganhão em duração, conservação, e applauso aos mesmos livros de Historia. O bom Poema Epico tem huma força triunfante sobre outro qualquer escripto, porque seu estillo serve mais a imperiosa lei dos sentidos, e mais os occupa, e agita com tanto que seja parco em tropos, allegoricas, e symbolicas descripções. Eis-aqui o motivo porque he

mais forte Homero que Virgilio, Ossian que Milton, e Milton que Pope. Eis-aqui tambem porque o Poema Tragico excede o Epico em poder de tocar, e commover os sentidos, e porque o Poema Lyrico ceda tanto, e tanto seja inferior ao Epico, e ao Tragico. Sendo o Poema Epico huma acção descripta, he evidente que deve tocar menos que huma acção vista, qual he a Tragica. Além disto as palavras, ou o estylo, do Poema Tragico são privadas, ou o devem ser de todas as methaforas, e se deve usar dos termos mais claros, e mais proprios para significar as coisas que se querem dizer. Póde chamar-se a acção do Poema Epico hum acontecimento que se não conhece senão pela narrativa, e por isso he precisa a reflexão, porque em quanto se lê, ou se escuta ler, se deve passar da sensação das palavras ás coisas que ellas significão; porém a acção do Poema Tragico he pelo contrario immediata, e os sentidos não tem necessidade da menor reflexão, bastão-se a si mesmos, se el-

les são bem dispostos, e organizados. Que mal entendem isto, meu Attico, aquelles que querem na Tragedia mostrar aos espectadores alguma parte principal da acção, especialmente a Peripecia, e a Catastrofe, por meio de hum dialogo, ou descripção, que he o mesmo que querer que mova mais a sombra, que o corpo! As coisas vistas tocão mais que as ouvidas; e eu não entendo aquelles Tragicos enfermos, que para alcançarem o fim que se propõem dos expectadores, querem excitar o terror e a compaixão, querem fazer contar a morte, ou a desventura das personagens, devendo fazella ver e sentir. Este o continuo defeito de Racine; suas Tragedias não são mais que enervadas eloquencias. O Grande Alfieri, que tem enchido de assombro as Platéas da Europa, e que venceo na arte de fazer Tragedias Euripedes, e Sofocles, disse que o Punhal de Melpomene não devia ser assucarado. Quem não tem o coração forte, quem não sabe achar prazeres na mais profunda dor, e na vista de

cadêas, de secures, de punhaes ensanguentados, e que cachuetico, deixai-me explicar assim, de coração, e de educação, não sabe supportar os funestos quadros de Crebillon, e de Congreve, passe seus dias no toucador, e nos moles sofaz da indolencia. Ai daquelle Tragico, que quizesse só agradar a corações molles, e effeminados, aos peitos apoucados, e falsamente piedosos. Não passaria por certo sua memoria aos tardios pósteros como os tres grandes Gregos, e outros de outras Nações. Ai daquelle estylo tragico, que, em lugar de despertar sensações rápidas, forçasse os homens a usar de profunda reflexão sendo muito translato, trópico, e sentencioso; ou que ajuntasse, e reunisse em hum só vocabulo muitos pensamentos profundos, e abstractos! Os espectadores o não comprehenderião, ou se cançarião muito, e desta contensão de animo, ou fadiga, nascerião no mesmo instante o tédio, e o aborrecimento. E offenderei eu, meu Attico, o Idolo dos superficiaes do nosso se-

culo? Eu temo que elle possa obter a verdadeira gloria de Poeta Tragico, ao menos offuscar o terrivel Crebillon, e o pathetico Alfieri. Seu estylo he muito cheio de coisas, e seus vocabulos muito prenhes de idéas. Nenhum Inglez, nenhum Italiano, e se quereis, nenhum Grego mette em dois versos a multidão de pensamentos que o author de Mafoma e de Zaira mette em huma só palavra. Obriga muito a reflectir, remexe mais o entendimento, que os sentidos; e a platéa quer mais sentir que reflectir, ser mais tocada nos sentidos que no entendimento. Teve além disto a desventura de se enganar na escolha do estylo, sublime engano na verdade, mas que resvala do escopo que se propõe o Author Tragico, que he o de ser entendido para commover o espectador. Quando o estylo se apossa, e assenhorêa dos sentidos nos mesmos Escriptores em prosa, nós vemos passar seu nome á Immortalidade sem obstaculo. Não parece sublime ao entendimento de Longino aquella fraze

do Genesis: ,, Faça-se a luz,, senão porque aquelle nome, e aquelle verbo simplices offerecem immediatamente aos sentidos dois grandes objectos a luz, e a sua repentina existencia. Esta he a razão porque se tornou sobre maneira ridicula a fraze de Alexandre, que chamou ás formosas mulheres da Persia - tormentos dos olhos. Sendo huma fraze translata, para a entender he preciso reflectir. Fontenelle em hum dos seus engenhosos dialogos dos mortos, que passa entre Aristoteles, e Anacreonte, faz dizer este ao Stagirita, que ha mais Filosofia em huma sua Cançoneta, que em todos os seus venerandos volumes. Com effeito, o estylo de Anacreonte he hum estylo simples dos sentidos, o mesmo vos posso dizer da Historia de Heródoto, e de Sallustio. E quanto não se encontra deste estylo em as Novellas de Bocacio e de Ariosto! E que sensações não produz em nós quando somos capazes dellas o estylo do incomparavel Pintor Inglez Richardson? E porque dizem os Inglezes que

o author de Clarisse he o terceiro Genio Britanico depois de Newton, e Shakspear? Porque as suas pinturas são feitas com os termos mais simplices, e com o estylo mais sensivel. O homem que não conhecer o Amor senão por meio do discurso, e reflexão não achará coisa alguma intessante naquellas, em apparencia, miudezas, que affecta quando Clarisse olha a furto, quando desmaia, e quando suspira.

Por confissão de todos os grandes pensadores, e conhecedores do bello ideal, não são perfeitas as artes se não são tratadas com simplicidade: os Tratadistas do Gosto, especialmente em composições litterarias, nada mais fazem que clamar, simplicidade, simplicidade. As Leis civis, escriptos os mais interessantes, porque vigião sobre a felicidade dos homens, não são perfeitas senão quando são simplices, e claras, e quando se encaminhão mais o tocar os sentidos, que o entendimento. Quando são obscuras, muito methafisicas, necessitão de muita interpretação, quando não dão a

conhecer litteralmente seus mandamentos, crede, meu Attico, que são imperfeitas. Por isto eu não conheço lei mais sublime que o Decalogo. Encerra em poucos termos ordenativos todos os deveres da Moral. Alli se vos diz subitamente aos sentidos tudo quanto a sapiencia, e magestade de Deos quiz do homem para bem do mesmo homem. Honra teu pai, e tua mãi, não roubes, não mates, e ama o teu proximo como te amas a ti. Não sentis em cada huma destas palavras não vedes em cada huma destas frazes com maxima presteza as mesmas acções que se querem de vós? Ha por ventura necessidade alguma do subtil engenho dos nossos Doutores, para nos expor o seu verdadeiro sentido, e para nos explicar o que devemos fazer? Não certamente; e adverti que muitos Escriptores tem feito o elogio das leis civis e criminaes dos Turcos só porque são dirigidas pela regra dos sentidos, e não pela enganosa reflexão da malicia dos homens. O immortal Beccaria quiz reduzir a

estes simplices principios todas as leis Européas, desterrando, e anniquilando aquelle cáhos em que as hão submergido seus importunos glosadores. Ora basta, meu Attico, não digais que quando procuro reduzir os homens ao estado da menos possivel reflexão, exercito demasiadamente a vossa.

CARTA XII.

NÃo acceitastes, meu Attico, as minhas lições filosoficas sobre o estado irreflexivo a que eu chamo huma das bazes não pouco sólidas da felicidade terrena. Dizeis-me que vos cançárão o entendimento. Tendes razão, não são para todos os espiritos, e eu conheço que a minha habitual melancolia, o meu silencio continuo, e a minha incmomunicabilidade, tem muita parte em minhas estranhas opiniões. Ora pois deixemos estas imaginarias regiões, e tratemos o que he mais sensivel, e por isso mesmo mais agrada-

vel. Vós gostais das Bellas Artes, e tendes razão porque todas as Bellas Artes são legitimas filhas da Natureza. Eis-aqui porque a Eloquencia, e a Poezia tem hum vinculo commum que as une. A Poezia he a Eloquencia maravilhosa; a Eloquencia he a Poezia moderada. Crede esta verdade, ainda que singular opinião minha em materia de Litteratura. Tal he a indole da Lingua Franceza, que quando leio seus Prosadores digo, eis-aqui os Poetas Francezes; quando leio os Poetas, ainda os de maior nomeada, digo, eis-aqui os Prosadores Francezes. Não ha cousa mais àcanhada, e restricta que a Poezia desta Nação (hoje ainda muito peor) não ha coisa mais livre, mais subida, mais maravilhosa que alguma das suas Prosas. A Eloquencia pois, e a Poezia ambas se dirigem, e governão com os mesmos principios, e a perfeição de ambas resulta da assizada mistura das suas qualidades. A Poeiza empresta á Eloquencia seus proprios ornamentos; e a Eloquencia empresta á Poezia, seu

justo, e recto criterio. Tal he a origem destas duas artes, e taes forão ao mesmo tempo os seus officios. Enjoados os homens da uniformidade da simples Natureza, e sentindo-se capazes de mais vivas impressões de prazer, procurárão formar-se huma nova ordem de sentimentos e de idéas, que despertando seu entendimento, e reanimando seu gosto, fizesse passar seu espirito a huma mais deliciosa situação. Então se começou a escaldar seu genio, e hum fogo quasi divinal invadio seus sentidos: todo o Universo se offereceo a seus olhos, e aquelle espirito de vida que os anima, se difundio sobre quantos objectos os mesmos sentidos lhes apresentavão. No meio deste enthusiasmo nasceo a Poezia, e esta Poezia observa os rasgos dispersos em a Natureza, escolhe-os, ajunta-os, e com a energia, e força de seus pinceis os reproduz com toda a possivel formosura. O prazer he o seu ultimo fim. Tudo lhe serve de degráos para chegar ao seu escopo, ou ao seu termo. A mentira, a verdade,

a fabula, a historia, o que existe na ordem das coisas, o que está fóra da ordem das coisas, o possivel, o impossivel tudo entra igualmente em sua jurisdição e em seus vastissimos dominios, e em tudo se póde empregar com muita dignidade. Sua razão activa se muda em furor: hum fantasma que foge a attrahe, e leva após si: levanta edificios sem lhes profundar, e solidar os alicerces; bastão os mais pequenos objectos para atear-lhe hum violento incendio: tudo a occupa, tudo a transporta, tudo a arrebata. Mas em quanto a Poezia produz suas maravilhosas ficções, e se entretem em suas deliciosas quimeras, a Eloquencia, que nasce da necessidade em que os homens existem de se communicar reciprocamente os proprios pensamentos se levanta insensivelmente sobre si mesma. A razão a sustem, e acompanha sempre; mas á imitação da Poezia tambem tem seus ornamentos, e seus enfeites, meios muito aptos, e muito poderosos para chegar a seu termo, e conseguir seus fins

e para obter seu principal effeito, que he a persuasão, vai semeando seus caminhos de agradaveis flores. A Poezia preparou, e aplanou as varedas á Eloquencia dirigindo seus passos, e servindo-lhe de protótypo. A Eloquencia moderou os desvios da Poezia, e sem a desencaminhar ou affastar de seu verdadeiro objecto, a avisinhou ao seu proprio emprego, mostrando-lhe necessidade de se esquecer algumas vezes da ficção para seguir, e abraçar a verdade, mostrando-lhe de que maneira para agradar ao entendimento ella deve interessar o coração unindo sempre o util ao agradavel, mas da sua parte a Poezia tambem ensinou a Eloquencia a enfeitar as suas lições, mostrando-lhe a maneira com que para ganhar o coração deve ferir, e tocar o entendimento com huma expressão viva, e energica da Natureza. Com muita razão, meu Attico, se tem dito, que os mais famosos Oradores forão Poetas em suas Orações, assim como os mais celebres Poetas forão Oradores em suas Poezias.

O Orador tem por fim a instrucção, o Poeta o prazer, e o deleite, e nisto consiste unicamente a sua essencial differença. A verdade he o objecto de hum, o prazer, e o deleite he o objecto do outro; mas para chegarem a sua prefixa baliza, o Orador deve esforçar-se por agradar, e o Poeta por instruir, e neste ponto ambos se unem, e se assemelhão. Hum illumina o entendimento encantando a imaginação, outro torna seus fantasmas mais animados e suas ficções mais interessantes, misturando-lhe huma não pequena doze de instrucção: ambos são perfeitos em sua arte, se ambos despertão a proposito no coração humano as differentes paixões que o governão.

Esta proximidade, e affinidade da Eloquencia com a Poezia foi a causa que obrigou aquella a appropriar-se huma grande porção dos ornamentos desta, e depois que aprendeo a conhecer os que lhe convinhão, e os soube appropriar a si, não se contentou desde esta época de apresentar a ver-

dade núa como ella o he em si, mas cuidou com muita applicação, e estudo em os meios de a tornar agradavel, e de unir á sua natural formosura aquellas graças seductoras, a cujo encanto, e poder he tão difficil resistir. Não foi desde então seu objecto unico exprimir-se sempre com clareza, e perspicuidade, mas foi tambem medir, e arredondar suas frazes, e seus periodos, calcular, e dispôr com arte todos os seus movimentos, fazer hum contraste apuradissimo de suas expressões, e de seus pensamentos, pintando com força a Natureza, fazendo-a sentir, e revestindo-a finalmente de todos os ornamentos que a imaginação, e a harmonia lhe podem subministrar.

Tendes visto, meu Attico, a relação, e a similhança que ha entre estas duas artes, ambas tem o mesmo, e commum principio ainda que ambas tenhão diverso fim, e diverso objecto. Sempre chamei á Poezia a Eloquencia harmoniosa, e á Eloquencia a Poezia modesta, grave, judiciosa, e fi-

losofica. Ambas empregão os mesmos meios, a Poezia profusão, a Eloquencia parcimonia. Ora ouvi por fim huma decisão minha a quem a minha propria experiencia, e estudo podem dar o pezo, e o tom de hum profundo oraculo. - He mais difficil a perfeita Eloquencia, que a perfeita Poezia. - Nos mais polidos seculos de Roma apparecerão muitos Poetas da primeira jerarquia, e appareceo hum só Orador digno deste nome; e no seculo de Luiz 14.° contra hum numerosissimo esquadrão de Poetas apparecem em campo apenas tres, ou quatro Oradores. Eu sei reduzir a regras, e a principios fixos a harmonia Poetica, sei verdadeiramente em que ella consista, e quaes sejão as fontes invariaveis de que ella nasça; mas eu não sei determinar regras fixas para a harmonia da Eloquencia; se existem estas regras, estão unicamente em os ouvidos; os principios estabelecidos pelos Rhetoricos não ensinarão jámais a fazer, e construir hum periodo harmonioso: mostrão, assim he, muitos

exemplos, elles são modellos, são prototypos, mas por certo não são regras: só o que nasceo Orador, rarissimo parto da Natureza, sente, e não o entende, dentro em si hum movimento, huma certa impulsão que o conduz e obriga a produzir, e a tirar de si sons harmonicos, e ajustar aquellas quedas, e aquelles torneios que tanto encantão, e deleitão a nossa alma em huma composição eloquente. Quanto he mais raro este dom, que o vencimento do obstaculo que se sente na construcção dos versos! Tornemos ao principio. He mais difficil ser perfeito Orador, que perfeito Poeta.

CARTA XIII.

SE a Poezia, meu Attico, conserva huma alliança tão intima e tão estreita com a Eloquencia, se esta união se torna mais sensivel quando em huma, e outra arte se considera a parte harmonica, muito mais estreita al-

liança muito mais íntima união conserva a Poezia com a Musica, e são de tal maneira unidas estas duas artes que parecem em sua essencia inseparaveis. Ambas ellas nascêrão juntas na primitiva formação das linguas, e por muitos, e muitos seculos forão sempre inseparaveis. Ambas ellas forão empregadas pelos primeiros Povos para celebrar os louvores dos Numens, e os feitos illustres de seus Heróes, para conservar, e perpetuar a memoria dos grandes acontecimentos e Fastos das Nações, e finalmente para promulgar as Leis, e mandallas á Posteridade. Todas estas coisas não se podião executar, e fazer senão com huma linguagem viva, animada, e correspondente ao enthusiasmo inspirado pela grandeza, e dignidade dos objectos, e que por meio do rithmo, e harmonia podesse imprimir-se profundamente em a fragil, e debil memoria dos homens para que por meio da tradição se podesse transmittir de humas a outras gerações. Eis-aqui porque Aristoteles, propondo-se a questão

singular, por que motivo muitas leis se chamavão cantilenas? Responde: Talvez fosse porque os homens antes da invenção das letras cantavão as Leis para que se não apagassem da memoria, o que nós ainda em nossos dias observamos entre os Povos Agatirsos. Esta resposta de Aristoteles nos descobre a causa porque as Nações mais barbaras tiverão sempre os seus Poetas Musicos, e os antigos habitantes da Grecia os seus Rapsodos, os Scandinavios, os Celtas, e principalmente os antigos Escocezes os seus Bardos, de cuja sublime Poezia são hum claro testemunho as excellentes obras de Ossian. Finalmente, em prova da constante união da Musica com a Poezia, entre os antigos, bastará citar o Dialogo da Musica de Plutarco, onde entre outras muitas coisas diz expressamente, que Stesicoro, e os outros Musicos antigos juntavão sempre o canto aos versos que compunhão. Nenhuma dúvida nos póde ficar desta verdade. As antigas Poezias Gregas e Latinas ao menos nos seus principios

sempre forão acompanhadas do som, do canto, e até da dança. A nossa mesma vulgar Poezia não teve em seu começo diversa sorte, e disto temos hum perenne testemunho em muitas passagens de nossos mais antigos escriptores; e quando esta authoridade não bastasse, achamos outra prova até em os titulos das nossas mesmas composições poeticas. Que quer dizer entre o vulgo Cantiga? Que quer dizer Endeixa, e Cantilena? Os Italianos, perpetuos cantadores e incessantes dançarinos, chamão Balatas a certa especie de Poezia que se compunha para os Bailes. Os Sonetos chamão-se Sonetos por causa do som com que costumavão ser acompanhados quando se recitavão; da mesma maneira as Canções tiverão este nome do canto com que se entoavão. Por isto, meu Attico, eu não posso deixar de persuadirme, que a harmonia Poetica não fosse na sua origem huma mesma coisa com a harmonia musical: e daqui vem, que assim como a viva expressão dos affectos, e a fiel imitação das coisas

devião formar o caracter da antiga Musica, que era sempre Poetica; assim tambem a escolha, a disposição, e a variedade dos intervallos consonantes, e dissonantes, e a regular correspondencia dos espaços medidos do tempo, forão partes essenciaes da Poezia em quanto não foi separada da Musica. Os doutos sabem que esta separação teve lugar finalmente, e que assim como as linguas, á medida dos progressos da razão, e da civilisação dos Povos, forão successivamente perdendo sua natureza Poetica, e se appropriarão huma especie de methodo analytico, e logico, mais conveniente á simples communicação das idéas, que á vivissima e acceza expressão das imagens, e dos sentimentos, da mesma maneira, a força, a duração, a variedade das entoações, se enfraquecerão pouco a pouco, e de tal sorte, que não só o tom do fallar commum se tornou extremamente uniforme, porém a mesma Poezia deixando de ser acompanhada do canto, perdeo necessariamente a maior parte da sua primittiva, e

original harmonia. Nada ha tão bello, meu Attico, como hum Tratado composto por hum Abbade Italiano chamado Francisco Venini sobre os principios da harmonia musical, e poetica: Alli descubro huma célebre opinião, que por muitas vezes me tinha lembrado, e vem a ser, que as transposições que vemos na Lingua dos Romanos não tiverão outro motivo mais que a conservação da harmonia; de maneira que antes quizerão deixar a recta, e natural ordem das palavras, que perder o deleite da harmonia que resultava deste ou daquelle transposto arranjamento das palavras: quando leio este verso em Virgilio,

Inixus teteri Damon sic caepit olivae.

he-me preciso andar com os olhos em busca da ordem natural das palavras para perceber o sentido natural. Esta força magica da harmonia até nos obriga em nossa muito harmoniosa lingua a inverter algumas vezes a ordem natural das palavras, para ar-

redondarmos, e tornearmos mais suavemente hum periodo. Guardai-vos sempre, meu Attico, do abuso desta licença, transformada em escandalosa liberdade pelos Poetrastos do seculo. A sobriedade em litteratura he tão necessaria para a conservação do bello e do natural, como na ordem fisica he indispensavel a mesma sobriedade para a conservação da saude do corpo. A primeira das sentenças dos chamados sete sabios he esta: "Nada de mais."

CARTA XIV.

MEu Attico, vós me pedís Cartas sobre materias mais serias, mais importantes que as materias de puras Filologias, e Humanidades: tendes razão; e que vos poderei eu dizer sobre assumptos tantas vezes debatidos, e já tão fastidiosamente tratados? Dar regras sobre o Gosto, sobre a Critica, sobre o Bello ideal, he perder tempo. Todos os que se tem até agora

immortalisado por seus escriptos, já tiverão, quando compunhão, diante dos olhos estes modelos arbitrarios: são inuteis para a composição, e servem apenas para satisfazer o nunca farto desejo de escrever, e de multiplicar infinitamente o numero dos Livros. Eia pois, entremos no paiz da Filosofia tão preconizada neste seculo: Filosofia de paradoxos, meu Attico, e muito mais depois que o eloquente Cidadão de Genebra começou de aturdir o Mundo com suas estranhas opiniões, ou, como eu creio, antigas opiniões a quem com a magia de hum estylo luminoso, e ardente elle soube destramente dar hum ar de novidade.

Huma das mais paradoxaes opiniões da moderna Filosofia he a apologia do degredo feita pelos que fastosamente se dizem Cosmopolitas. Nisto não descubro eu mais que a reproducção dos caprichos antigos, que só os póde conhecer quem, como eu, não se enjoa de revolver pulverulentos, e antiquissimos impressos. O que leio

em os modernos aqui o encontro talvez com mais viveza, mais Atticismo e mais energia. Diogenes condemnado a degredo de Synope, sua Patria, respondeo a quem lhe exprobava este vilipendio: ,, Os meus Concidadãos, me condemnarão a sahir de Synope, e eu os condemnei a elles a ficar em Synope.,, Stratonico tornava para Syrifo, cuja habitação lhe parecia insupportavel e hum dia perguntou ao seu hospede, quaes erão os delictos que segundo as leis patrias se castigavão com o degredo? Respondeo-lhe, que se degradavão os falsificadores de Testamentos; e vós, lhe tornou elle, porque não cuidais em escrever hum Testamento falso? O mesmo Filosofo de Genebra, que por certo era muito lido nestas antigualhas, e que foi o Diogenes do nosso seculo, protesta, que quando se lhe lera a sentença que o condemnava a sahir de Genebra, sua Patria, se rira, cousa que não tinha feito senão huma vez só na sua vida, quando ouvira a scena de Crispino na comedia dos novos Filosofos. Para seguir

em tudo o seu genio de paradoxos; insiste, e teima, que o degredo não he hum mal. Entre os authores antigos que escreverão a favor do degredo, eu conto a Seneca, e a Plutarco, e no seculo de quinhentos a Alcionio, que escreveo em Latim hum Dialogo sobre a mesma materia dirigido a João de Medicis, que depois foi Leão X. Vós sabeis, meu Attico, que Seneca fôra degradado para Corsega, nome tão funesto em nossos dias pelo monstro que produzio. Messalina em o primeiro anno do reinado de Claudio accusou de adulterio a Julia, filha de Germanico. Julia foi degradada, e Seneca o Filosofo Moralista foi degradado para Corsega, onde escreveo a longa Carta que se diz »Consolação a Elvia sua mãi.» Plutarco, idolo dos modernos Filosofantes, tambem escreveo hum opusculo sobre o degredo. Ambas estas composições, são partos do ocio litterato de dois authores amigos dos paradoxos; destruir seus sofismas, he, meu Attico, anniquilar tambem os pa-

ralogismos modernos. Mas que se dirá de mim quando se me vir confutar Seneca, e Plutarco? Mas Seneca e Plutarco não são dois Anjos, são dois individuos da especie humana, assim como eu sou.

Os que não sabem viver, diz o agudo Seneca, senão no seio da propria Patria, são similhantes aos caracções, que não podem viver se não conduzem comsigo a propria casa. Os limites da Patria, não são diversos dos limites do Mundo, e no Mundo não ha nem peregrino, nem desterrado. Em toda a parte ha ar, e ha agua, em toda a parte resplandece a Aurora, brilhão o Sol, a Lua, e as Estrellas. Em toda a parte ha Solsticios e Equinocios, as Pleiades, e o Arcturo, e em toda a parte se volvem as Estações. Em toda a parte diz Plutarco, ha hum Deos, que he o principio, o meio, e o fim de tudo. Que importa pizar esta, ou aquella terra! O homem he huma planta, que em nenhum determinado terreno deve ter fixas as suas raizes. Nenhuma terra

he distante d'outra terra; porque os Mathematicos considerão o globo terraqueo como hum ponto indivisivel. Foi considerado o Rei da Persia como hum ridiculo por não querer beber outra agua que não fosse a do seu rio Coaspe. Homens idolatras da Patria, vós existís nestas circumstancias. Não motejariamos quem dissesse que a Lua em Athenas era mais formosa que em Corynthο? Pois para que havemos cahir no mesmo erro de entendimento, quando se trata da nossa Patria? Nascemos livres, e com vontade deliberada nos fazemos prizioneiros. Quem habita em huma só Cidade, he hum degradado de todas as outras. Qual he a Ilha destinada para degradados que não tenha passeios, arvoredos, animaes, fontes, e rios? Tu poderás viver no teu degredo, não só tranquillo, mas virtuoso. Bruto assevera que tinha visto a Marcello degradado em Mitilene vivendo feliz e bemaventuradamente, e que lhe parecia tornar degradado para Roma, tornando sem Marcello, que dei-

xava degradado naquella Ilha, e Seneca ajunta a estas palavras, esta exclamação: ,, Oh Marcello, Marcello, tu és mais feliz quando Bruto approva o teu desterro, que quando o Povo Romano approva o teu consulado! ,, O mesmo Seneca fastosamente eloquente, e facundo, como se estivesse assentado sobre hum dos sete montes de Roma, e não sobre hum rochedo da Corsega como então existia, exclama desta maneira: ,, Oh tu, quem quer que sejas, vê, e considera esta turba immensa que apenas bastão todas as casas de Roma para a conter, adverte que a maior parte desta immensa turba que te ondea ante os olhos, não he de Roma, tem outra Patria, e para aqui veio correndo dos Municipios, e das Colonias. Huns vierão arrastrados da ambição das honras; outros da necessidade dos officios, outros do caracter de Enviados, outros do amor dos estudos do Foro, outros da paixão pelos espectaculos do Circo, outros da amizade, outros arrastrados pela luxuria, que busca

hum theatro opportuno, e opulento para os vicios. A venal eloquencia tras estes a Roma, áquelles a belleza: em summa, toda a qualidade de homens concorre a huma cidade, que recompensa, e galardôa magnificamente tanto os vicios, como as virtudes. » Depois desta eloquente tirada, passa Seneca a querer parecer erudito. » Observa, diz elle, verás quantos povos, e gentes mudão de lugar. Que querem dizer cidades Gregas fundadas nas mesmas regiões dos Barbaros? Porque se ouve entre os Indios, e Persas, a linguagem de Macedonia? A Scytia, e o Ponto com todo o rigor de seus gêlos tem tirado os habitadores a Attica. Huma consideravel porção da Italia, foi já chamada a Grande Grecia. A Asia nos usurpa os Toscanos, a Africa os Tyrios, a Hespanha os Carthaginezes. Os Gregos se hão ensinuado, e introduzido nas Gallias, os Gallos dentro da Grecia. Nem os Alpes, nem os Pyreneos bastão a vedar a passagem aos Alemães, trazem comsigo mulheres imbelles, filhos

lactantes, e Avós decrepitos. Muitas destas Tribus errantes não fazem escolha de lugar para habitação, o cançaço os obriga a parar, e a permanecer. Outros, armados de ferro, e de valor, conquistão Provincias para sua morada. Huns forão espalhados aqui, e além pela guerra, outros pela fome, outros pela pestilencia, outros pelos terremotos, outros finalmente buscão aquelle lugar que mais os attrahio pelos commodos, e pelas delicias. Que outra coisa são estas novas transportações, mais que publicos degredos? E para que servem mais argumentos? O author, e fundador do Romano Imperio, foi hum desterrado. E a que parte do Mundo não mandou Colonias este Romano Imperio? Onde quer que foi vencedor, foi habitador. „ Finalmente Seneca fixa-se sobre a Corsega com o pensamento, e diz que os Gregos a povoarão, e successivamente os Ligures, e os Hespanhoes, e todos sabem, eis-aqui como elle conclue, que duas legiões forão obrigadas a acantonar-se

entre estes estereis rochedos, huma por Mário, e outra por Sylla.

Ora, meu Attico, até aqui Seneca, e em quanto elle descança alguma coisa da fadiga de tão longa declamação, verei se lhe posso responder em termos breves, e temperados. A fonte contaminada de que se derivão seus sofismas, e os de Plutarco, he a estabelecida, e falsa definição do degredo. Que coisa he degredo, dizem elles, senão mudança de lugar? Eis-aqui o que eu nego solemnemente; porque, quando eu vou de Lisboa para hum aprazivel retiro de Cintra, mudo de lugar, e não vou degradado. Quanto ás delicias do bom Sol, da boa Lua, dos bons passeios, e arvoredos, não sei se sempre houve estas delicias para os degradados. Entre as nevoas, e os gêlos nem sempre o Sol he tépido, e a Lua serena. Não era assim para Ovidio o Ponto Euxino. Quanto ás passagens, e correrias dos homens de huma Região para outra Região, confesso que forão tantas quantas as conversões, e direc-

ções dos montes, e dos mares na superficie do Giobo. Mas estas Nações fixarão-se em a Região, que escolherão, foi a sua respectiva Patria, enlaçárão-se com os Indigenas, e pouco a pouco se naturalizárão. O author das Cartas Americanas impressas em Londres em 1782 diz, que conhecera na Pensylvania hum homem cujo Avô era Inglez, e cuja Avó era Hollandeza, e que tiverão quatro filhos, que casarão com quatro mulheres de Nações diversas. Mas não percamos tempo, meu Attico, com estas erudiçõeszinhas, tenho pressa. Quanto aos improperios lançados por Seneca sobre Roma como sobre hum montão de degradados voluntarios, digo que he esta a condição de todas as grandes, e populosas Metropoles; observai Lisboa. Não he preciso inventar jogos de palavras para ludibriar a verdade. A ultima resposta he esta. Entre todos os povos e nações, o degredo foi sempre huma pena, e hum castigo; e aquelles fortes, que o soffrerão com alguma paciencia, forão sempre celebra-

dos. Tito Livio faz dizer a Camillo, que depois do seu degredo expulsou os Francezes de Roma, e foi como o segundo fundador da mesma Roma: ,, A Dictadura não augmentou o meu animo, assim como o degredo o não pôde deprimir. ,, Eu leio em hum Ensaio sobre as Leis penaes impresso em Londres tambem em 1782 que em Inglaterra nos tempos que se chamão barbaros da nossa Era, a hum réo que gozava asylo sagrado se commutava a pena de morte em pena de degredo perpetuo da Patria, degredo que se reputava funestissimo, e a que se dava principio com ceremonias lugubres a que se chamava abjuração da Patria. O Réo permanecia no Templo a que se tinha acolhido, e alli fazia hum juramento de viver sempre desterrado. Todos se retiravão delle na viagem, e se algum compadecido lhe dava algum alimento, o fazia arremeçando-lho como se faz a hum bruto. A ninguem agradou jámais hum degredo; e a Grecia com aquelle Ostracismo, que era hum degredo

de dez annos, achou meio de punir hum merecimento conspicuo affligindo desta maneira os homens grandes. Marcello, a quem chama Seneca feliz em seu desterro de Mitilene, tornou com muita vontade para Roma; nem o Senado julgou que perturbava a sua beatitude prostrando-se aos pés de Cezar para lhe alcançar o perdão, e bem paga ficou a clemencia de Cezar com os comprimentos de Cicero. Se ás praias da Corsega houvesse chegado huma Trireme para conduzir Seneca, com quanta pressa deixaria elle aquelles escalvados rochedos trocando-os pelos sete montes da soberba Roma; com que ancia voaria para a Corte! Eis o que eu descubro na conducta de Seneca, elle que protestava viver alegremente na Corsega como se vivesse em Roma, dizendo sempre que pensava na Eternidade, e nos premios que esperão os justos em huma outra vida, vendo que se demorava o seu negocio perdeo o animo, e mostra que o abandonara o seu Estoicismo. Escreveo com vileza a

hum Liberto de Claudio, exaltando-o com grandes louvores, abatendo a Filosofia a ponto de implorar sua protecção perante o offendido Cezar, agradecendo a clemencia com que o punira, e a rectidão da sua sentença (que sem dúvida foi injusta) exalta suas victorias, seu valor, sua sabedoria, e acaba pedindo aos Deoses immortaes que conservem os dias do *Divo* Claudio. Polybio, o Liberto, ou não intercedeo, ou não alcançou. Finalmente Agrippina que se soube elevar a si mesma ao Throno, soube chamar Seneca da Corsega, e o encarregou da educação de seu filho Domicio Nero. Sei como ensina o mesmo Seneca que huma estreita choupana he huma grande Palacio para habitação do forte, e que não póde haver lugar tão apertado que em si não a colha huma grande turba de virtudes. Sei que Bruto costumava dizer, que he feliz aquelle que póde levar para hum desterro as suas virtudes; mas isto não he tão facil como levar a sua roupa. Com effeito, apezar do orgu-

lhoso Estoicismo que professava Bruto, quando perdeo a batalha de Filippo tambem perdeo o apparatoso cortejo das preconizadas virtudes, e gritou no momento de acabar a vida, que a virtude não era mais que hum nome vão, hum sonho, e hum fantasma. São muipoucos os tranquillos no degredo de quem nos falla a Historia profana, e muitos os desesperados. Em que profunda da tristeza não cahio o mesmo Cicero em seu desterro! E com quantas expressões vivas não desafogou por Cartas com os seus amigos! Eu me compadeço delle, meu Attico, nem sou do numero daquelles indiscretos que fazem hum delicto da sua justa dor. A extrema, e magnanima acção que executou, o valor com que no segundo e mais fatal desterro de sua perturbadissima vida offereceo, e alongou o pescoço fóra da liteira onde hum execravel Tribuno militar, que tinha já sido seu Cliente, lhe cortou a cabeça proscripta, he hum lance, que livrará Cicero da nota de fraqueza na memoria

daquelles seculos que não quizerem ser injustos.

Se, primeiro Seneca, e depois Plutarco desejavão achar Heróes que honrassem o degredo, devião buscallos entre os Christãos, e não entre os Pagãos. Deixai-me, meu Attico, fazer huma digressão, já que me gabais tanto, e tanto o pomposo Elogio que o Filosofo de Genebra faz ao Evangelho; sim, devião buscallos entre os Christãos. Por tres seculos inteiros desde Tiberio não se virão mais que exercitos destes fortes desterrados dos muros da Cidade por professarem o Christianismo. Não se encontravão estes gloriosos banidos em Cidades amenas, em Ilhas socegadas, em Regiões seguras, mas em areaes desertos, em geladas praias, em bosques tenebrosos, em fragas alpestres, em minas profundas, e ruinosas. Nas escuras pedreiras dos marmores se sepultavão seus corpos semivivos, e consumidos de jejuns, e de tormentos. Os Pretores, mais crueis ainda que os Imperadores, não querendo matar mui-

tos por hum principio de politica popular os degradavão, tirando assim dos olhos dos homens hum escandalo da razão, e da justiça, quaes erão aquelles innocentes detidos nas publicas prisões. Não erão estes degradados tirados só da ultima classe do povo, ou da plebe servil, erão Gentis-homens respeitaveis, Matronas nobres, Capitães generosos, Patricios illustres que pouco antes tinhão dictado leis, e governado Provincias. Intimava-se ás ternas esposas que deixassem, e abandonassem a propria prole, e se se lhes concedia a graça, ou, para melhor dizer, se se lhes augmentava o supplicio de a conduzir companheira das maternaes miserias, viāo-se tristes māis alimentar com trabalho os filhos pendentes do proprio seio, ou conduzidos pela mão após si com passos incertos e desiguaes. Muitas erão matronas Romanas que antes vestião purpura, e agora viāo-se caminhar cobertas apenas de rispidas pelles, ou grosseiros pannos por vastas solidões onde tinhão necessidade

até do soccorro das mesmas feras. Os Monges, rebanho imbelle, e fóra do redil, erão arrancados dos mosteiros, os Clerigos dos Presbyterios, e os mesmos Bispos das suas Tribunas, como hum Chrisostomo arrancado de Constantinopla para os gêlos da Scythia. Os ungidos do Senhor dispersos, e afflictos não tinhão outra consolação mais que levantar huma cruz sobre hum tronco, e formar de huma tosca pedra hum altar, para offerecerem o sacrificio de expiação, para pedir a paz, e o perdão aos Cesares perseguidores. Oh Roma, oh Capitolio, tu viste muitos de teus cidadãos consulares sahir de teus muros, naquelles tempos sagrados, mais alegres, e contentes para o degredo, do que em teus tempos profanos tornavão para a ovação, e para o triunfo! Ao menos tu sabes, e tu conheces com razão que similhantes degredos erão triunfos mais verdadeiros. Se Plutarco, e Seneca houvessem conhecido melhor os Christãos, não terião citado nem Camillo, nem Marcello, nem Aristides o justo, nem

Metéllo o Numidico. A fortaleza dos Christãos nunca foi duvidosa, nem vacillante; com o mesmo rosto com que votarião no Senado, quebravão com ferradas maças os penedos nas cavernas dos montes.

Meu Attico, isto que até aqui tenho escripto não he hum rasgo de affectada eloquencia, he hum facto authentico em os mesmos Annaes de Roma idolatra, e perseguidora, e criticamente exposto aos genios mais avessos e inimigos do Christianismo. Os nossos martyres, os nossos anacoretas podião com fortaleza soffrer o degredo, porque elles não pensavão como os Pagãos que não tem esperança. Consideravão a vida como hum verdadeiro desterro, e se reputavão peregrinos, e em caminho para huma Patria bemaventurada, e permanente. O mesmo Filosofo Anaxagoras que, com a unica luz da razão natural, conhecia a existencia de hum Supremo Creador, e Dominador do Mundo, reprehendido hum dia como descuidado do ternissimo amor da Patria, respon-

deo: „Enganais-vos, eu cuido muito, e muito amo a minha Patria„, e dizendo isto, com o braço levantado lhe mostrava o Ceo. Se esta palavra de degredo terrestre vos não agrada, meu Attico, deixemo-nos de disputar sobre hum vocabulo, e consideremos que o nosso viver corporeo he muito breve, e o nosso viver espiritual he eterno. Não me digais que vos fallo muito asceticamente, fazendo eu tão publica, e despejada profissão de Filosofo. Fallo como Filosofo, e fallo como Socrates, que depois de ter bebido a cicuta no carcere, entre seus discipulos dogmatizava sobre a immortalidade da alma. E na verdade, que coisa he este fugitivo relampago de quatro dias, confrontado com o esplendor clarissimo daquelle domicilio indefectivel? A vida humana he brevissima, e certos calculos, que o inimitavel, e facundissimo Filosofo Genuense propõe para no-la fazer reputar longa, não são mais que illusões lisongeiras daquelle fertilissimo engenho. Ha animaes, diz elle na sua

meditação sobre os prazeres da existencia, ha animaes que não durão a quinta parte de hum seculo, ha outros que nem a decima parte durão, logo a tua vida he cinco vezes mais longa que os segundos. Ha outros cuja vida apenas chega a hum anno, e tu não vives muitas vezes hum seculo? A vida mais longa de alguns insectos não excede hum mez, tu vives mil, e duzentas vezes mais. Dizem que no rio Apanis ha huns animaeszinhos, que, nascendo pela manhã, morrem na tarde do mesmo dia os que são mais velhos, e morrem carregados de filhos, e de netos. E não he a tua vida setenta mil vezes mais longa que a vida destes efémeros insectos! Para que te lamentas pois da brevidade, e da rapidez da existencia? Tu vives hum seculo, e parece-te curta, e limitada a tua vida?

Young, lendo a citada meditação do Filosofo Napolitano, pôr-se-hia a chorar, porque em fim eu creio que era hum homem que não sabia rir; e olhando para a Lua, a quem faria hum

sepulcral comprimento, gritaria em tom de lamentação: Oh mortaes, oh mortaes, não vos deixeis enganar! O rio, e a vida correm, e se mudão de continuo sem que deixem vestigio algum. O tempo passa com pé ligeiro sobre a cabeça dos mortaes que jamais acordão de seu lethargo. Costumados a contar os annos que passão com as cifras da Arithmetica, e não com o sentimento, que somos velhos nos diz huma voz interior. Mas quam insensivel he o homem! O tempo vôa, a morte tem a sua foice alçada sobre nós; o bronze funebre rebomba no ar, e a Eternidade nos espera, e nos contempla com rosto torvo, e ameaçador. Tudo está em movimento, os elementos informão a materia, cujas forças attrahem, e são attrahidas: todas as substancias creadas se avanção precipitadamente para o termo que lhes foi prescripto, todas advertem ao homem que se encamaminhe ao seu, e o homem só, cuja alternativa he tão tremenda, e cujo fado he tão irrevogavel, o homem só que, prezo

de hum tenue fio está pendente sobre o abysmo, o homem só tranquillamente adormece, e se representa imagens agradaveis no meio do estrepito desta tempestade dos Seres. » Ora, meu Attico, eu quero ser bom economo do tempo, e por isso não alongo mais esta digressão. Basta-me por hora ter admoestado todas as Seitas dos Egoistas, e dos Cosmopolitas, e concluo que o desterro he hum verdadeiro mal, e que cada hum de nós tem huma Patria que deve amar e que não deve querer perder. Se eu não tivera Patria, dizia Franklin, eu não deixaria París; e eu, meu Attico, entre a opulencia de Londres, e seu estrepito, choraria, e devéras, pela tranquilla, e ignorada Béja, que me vio nascer.

CARTA XV.

NÃo leio, meu Attico, hum só papel daquelles cuja multidão tempestuosa abafa, e opprime os nossos dias,

não oiço huma conversação politica, e o que mais he, não assisto a hum só dos destemperos, e mostruosidades theatraes com que á cinte se corrompem os costumes, que não volva cem vezes repetida a palavra Patriotismo. Falla-se do Patriotismo como se fallou no tempo de Torricelli, e de Pascal do pezo, e da elastecidade do ar, e como no meio do seculo passado se fallou de electricidade, e do pezo da atmosfera, ou do magnetismo animal, se com effeito existe isto em a Natureza. Falla-se pois do Patriotismo como de huma novidade eminente da actual Filosofia moral. He verdade que não dizem que he hum invento novo, pois o apontão, admirão, e celebrão em os Gregos, e Romanos, mas affirmão que a Filosofia do seculo 19 o renovara mais pomposamente. E que dirão estes Filosofantes, quando me ouvirem affirmar que ha certo Patriotismo que não he virtude, e que ha muitas especies de Patriotismo que são outros tantos vicios? Antes que eu entre neste grande empenho,

deixai-me que vos diga que o absoluto amor da Patria, he huma das leis da Religião. Ora, meu Attico, tratando-vos eu de tantas materias Filosoficas, e relevantes, citando-vos a cada passo tantos, e tantos livros, porque vos não hei de citar o mais respeitavel, o mais eloquente, o mais douto de todos os livros que ha, que he a Biblia? Que medo posso eu ter da seita incredula, que com hum assopro pulverizo? Sim, sim, na Biblia he o verdadeiro Patriotismo louvado, e engrandecido, e as discordias intestinas sempre forão desterradas. Coré, Dathan, e Abiron tumultuarão contra o chefe da Nação, a terra se abrio, e tragou estes inimigos da Patria. Pela Patria não se devem poupar os proprios bens: Gedeão punio asperamente os Senadores do Socoth, porque não quizerão aprontar as rações para o seu exercito. Deve conservar-se a honra da Patria; o Povo de Efraim se queixa de não ser convidado para a guerra em huma causa commum. Mathathias geme sobre as desgraças da sua

Patria: Ai! de mim, diz, e para que nasci eu, para ver as desgraças do meu Povo? Com que energica eloquencia não perorou pelas leis patrias, e com que fortaleza as não defende contra as furias de Antioco? Este era o caracter universal dos Hebreos, amarem sobre tudo, e exclusivamente a sua Patria. Quando tristes, e desterrados jazião taciturnos pelas margens do Eufrates, não se atrevião a tocar as citharas, nem repetir as canções de Sião; e Jeremias não se póde nem dividir ou separar dos montões de pedras, e de ruinas da destruida Jerusalem; alli entoava aquellas canções lugubres que tanto excedem em sentimento as mais sublimes Elegias que se conhecem. Em huma palavra, até os mesmos mortos parece que não podião estar em paz sepultados na terra alheia, parecia-lhes que suas cinzas estarião perturbadas, e inquietas sepultadas em terra estranha; e José, Senhor de hum Reino, mandou aos filhos que lhe rodeavão o leito, que levassem comsigo as suas cinzas quando

quando tornassem para a Mezopotamia, antepondo huma urna humilde ao fasto das Piramydes, e Obeliscos do Egypto. Eis-aqui, meu Attico, porque eu vos cito a Biblia ; nenhuma Historia profana, nem ainda mesmo a Portugueza, nos offerece tão pomposos quadros do Patriotismo. Ora estes quadros creio que taparão a boca á moderna Filosofia ; vendo que a Religião manda com o preceito, e com o exemplo que amemos a Patria, que anteponhamos o Patriotismo a tudo, nada terão que nos dizer, mas eu tenho muito que lhe dizer a elles. He preciso que tenhamos, segundo os seus principios, huma idéa adequada da virtude do Patriotismo. Eu citarei dois authores famosos, dois nomes harmoniosos ás orelhas filosofaes. Thomás, e Voltaire. Que coisa he este amor da Patria, pregunta Voltaire ? He hum composto, responde elle, de amor proprio, e de preoccupações. O ex-Jesuita Nonote, que teve a gloria com suas criticas observações de fazer espumar de raiva este Voltaire tão

nomeado, (signal evidente de que o Abbade tinha razão), critica esta diffinição. E na verdade Voltaire não amou quanto devia os seus Francezes: todavia, parece-me que Voltaire, pela primeira vez, se explicára muito bem. Quasi sempre o que se chama Patriotismo he hum vicio, porque se entende quasi sempre muito mal esta palavra santissima, Patriotismo. Não paremos, meu Attico, nas superficies, entremos com os olhos filosoficos nesta importante materia. A gloriosa rapina das conquistas he hum falso amor da Patria, e aqui temos nós os Portuguezes muito de que nos envergonhar. Esta foi a insania militar que infamou Nino, e Alexandre, e perturbou a Asia; esta insania foi a que seduzio os Athenienses, e perturbou a Grecia; esta mesma deploravel insania foi a que inchou tanto os Romanos, e perturbou o mundo. Condillac, descrevendo o caracter dos Romanos, diz, que todos em hum só momento se achárão feitos Cidadãos, e que o Ladrão que os armou, inventá-

ra o nome de amor da Patria apenas tiverão alguma coisa que perder. Antes que existisse Nino, costumavão os Monarchas mais defender, que dilatar os confins do proprio Imperio. Cada Povo circunscrevia o seu Reino dentro dos limites da propria Patria. De Alexandre escreveo Seneca, que fôra hum ladrão illustre desde sua puericia, destruidor das gentes, e o flagello assolador de amigos, e de inimigos, julgando que o summo bem consistia em espantar, e atemorizar todos os outros mortaes, não se lembrando, que não sómente os mais ferozes, mas os mais tímidos animaes se podem tornar temiveis com o seu veneno. Na cabeça de Alexandre que existia na Galeria de Florença e agora existirá amontoada, e empilhada com outras preciosidades nos Salões do Latrocinio em París, se via maravilhosamente esculpida huma expressão de dor, e sentimento. Esta reflexão tenho eu do portentoso ex-Jesuita Roberti. Houve quem imaginou que as feridas recebidas em Oxidrace,

lhe tornavão o rosto consternado e afflicto. Outros conjecturarão que aquella tão expressiva tristeza, provinha da dor que lhe causava a memoria da morte que dera a seu amigo Clito. Adisson julga que esta malancolia provenha da afflicção que lhe causa a certeza de não ter mais Mundos que conquistar. Eu me compadeço de Alexandre, se elle chora porque chegando junto ao famoso túmulo se lembra que não tem hum cantor que celebre seus feitos como o tivera Achilles; mas se elle chora por não ter mais Mundos que conquistar, eu me rio delle. Costumava o Grande Alexandre, como contão seus Historiadores, embebedar-se não raras vezes; ora assim como os bebados costumão muitas vezes ver mais Sóes, e mais Luas, assim tambem elle podia, não com as armas, mas com o copo na mão, ver mais Mundos, conquistallos, e ficar satisfeito.

Lactancio hum dos homens mais eloquentes que tem existido, clama contra as injustas inquietação dos Con-

quistadores. Banida, diz elle, a concordia d'entre os homens, todas as virtudes se affugentão. Que coisa são os commodos da Patria, senão os incommodos, e as desgraças de outras Cidades, e de outras gentes? Que coisa he dilatar os limites de hum Reino, senão espancar seus antigos habitadores? Engrandecer a dominação, augmentar os tributos, não são virtudes, mas estragos, e pestes de todas as virtudes. Quem ama os Cidadãos e desama os estranhos, dizia Cicero, cuja moral até parecia boa ao mesmo Bayle, destroe, e desune a harmonia, e sociedade commum do Genero humano. E Lactancio, segundo Cicero, continúa dizendo, como póde ser justo aquelle que he causa de tantos damnos, que saquêa, que persegue, que mata? Tudo isto fazem aquelles que pertendem amar a Patria conquistando, e tyrannizando os Povos estranhos. Eu não sou tão idolatra da paz, que ignore haver circumstancias nas quaes seja concedido pelo Direito da Natureza, e das Gentes fazer guerra,

e conquistar. Com tudo se fosse obrigado a dar o meu parecer sobre o empenho de alguma guerra, que fosse do genero das conquistadoras, fallando na presença de algum Rei visivel, seria sem dúvida hum muito difficultoso approvador. Não quero disputar sobre hum caso particular quando seja equidade, ou iniquidade huma conquista, mas sempre digo levado da actual, funestissima experiencia, que huma intemperante vontade de conquistar he a maior desgraça que póde affligir o genero humano, e certos victoriosos celebrados por Semi-Deoses não me parecem mais que incommodos, e flagellos da terra. Algumas vezes, meu Attico, entre as sombras da minha habitual melancolia, se me figura estar em hum Gabinete Politico onde se delibera sobre o fazer, ou não fazer huma guerra, e me vem á fantasia estender enfaticamente huma daquellas arengas, que para exercicio de eloquencia estendia Tito Livio, ou daquellas que os nossos Historiadores, como Manoel de Faria, e

Jacintho Freire põe na boca dos nossos, ou dos Generaes inimigos; parece-me que a minha voz chegaria ás orelhas de alguns poucos taciturnos conselheiros que estivessem sentados em alto Parlamento, e depois de lhes mostrar as desgraças da Humanidade em o presente seculo, sobre tudo na consideração do miserando quadro da Hespanha, depois de lhe dizer que em huma só das batalhas que se tem dado ha vinte e hum annos, morrera mais gente que em todas as batalhas juntas da antiguidade, e as mais celebradas, como as de Issús, de Arbella, de Zama, de Farsalia, de Filippo, de Accio, eu apostrofaria desta maneira o Rei: »Senhor, vós sereis talvez a admiração dos Pósteros, que farão da relação das vossas batalhas, e das vossas marchas o divertimento do seu ocio, mas por certo sereis a afflicção de vossos vassallos, que gemerão debaixo do pezo dos tributos, e que ficarão despojados das proprias casas, e dos proprios campos. Se alguma nação por algum tempo illudida exalta

certos combatentes, e lhes chama Heróes, basta que Deos para punir está Nação oiça na sua colera os seus votos.» He certo que hum Reino notavel não póde permanecer por muito tempo sem guerra, mas eu quereria que as suas guerras fossem como as guerras de Roma no reinado de Numa Pompilio. Este Reinado de Numa durou quarenta e dois annos, tempo quieto, e seguro, e assim mesmo sem guerras, e conquistas teve grande augmento a potencia Romana; e se naquelles dias de prosperidade se ateou alguma guerra, não foi por desejo de fama, ou por capricho de engrandecer os proprios dominios, foi unicamente para conservar huma tranquilla independencia. A mim me parece mais appetecivel a condição de hum dominio mediocre, e tranquillo, que a condição de hum Imperio vastissimo, e turbulento. Por ventura não he melhor que he hum homem seja de mediocre estatura porém são, e bem organizado, do que ser hum gigante desmedido, porém doente, e sempre achaca-

do? Felizes os homens se conhecessem em todas as condições o bem da sufficiencia. Felizes os homens se não soubessem multiplicar as suas necessidades multiplicando seus desejos! E felizes os homens Reis, se amando como devem sua Patria, sua Nação, seu Throno, e sua mesma gloria se abstivessem da immensa cubiça de engrandecer, e dilatar seus dominios! A immensa potencia Romana cahio opprimida de seu mesmo pezo, e ficou esmagada e dividida debaixo da sua propria grandeza. Eis-aqui, meu Attico, que coisa he hum Patriotismo vicioso, longe de ser huma virtude he hum delicto atroz, e nós somos victimas, e o está sendo a Europa, e o Globo inteiro deste perniciossimo delirio que já não sabe o que quer, nem o que emprehende, senão he o muito louco empenho de dominar em huma vasta solidão, ou em hum universal Cemiterio. Luiz XIV., chamado o grande, se arrependeo no momento da morte de haver emprehendido muitas conquistas, e dado muitas batalhas; são

memoraveis as suas ultimas palavras:
,, Amei demaziado a guerra, ,, e morreo. Não ama a sua Patria quem quer a destruição dos seus similhantes.

CARTA XVI.

HE, meu Attico, tão importante, e de tanto momento esta materia no presente seculo, que todo sôa Patriotismo, que tenho de vos instruir mui longamente sobre ella. Talvez me digais que eu não posso deixar de louvar aquelles magnanimos que pela Patria perderão a propria existencia para gloria e conservação da mesma Patria. Por certo que algumas destas almas forão verdadeiramente fortes, mas outras, e talvez que aquellas que mais brado derão pela Historia forão verdadeiramente fanaticas. Para emprehender, e executar emprezas difficies e grandes, he necessario em todas as coisas algum enthusiasmo, se por enthusiasmo se entende o fervor das

imagens, a vibração dos espiritos, a elevação dos pensamentos, e a esperança das approvações; mas hum enthusiasmo, que offusca, e annuvîa todo o lume da razão sempre se transforma em furor. Horacio matou huma irmã, mulher de hum Curiacio Albano, sem outro crime mais que derramar algumas lagrimas sobre o marido morto: este tributo de pranto digno do amor nupcial era acaso hum delicto pelo qual hum irmão lhe devesse traspassar o peito com huma espada? Desculparei Horacio como hum soldado embriagado de gloria, mas não o recommendarei como hum Cidadão amante da equidade. Levantão-se estatuas a Scevola porque tentou apunhalar Porsena com traição: porém eu no pedestal da estatua não esculpiria outra inscripção mais do que esta: „ A Mucio Scevola, assasino de hum Rei. „ Bruto condemna á morte seu proprio filho, e Cicero que era homem de bom juizo, e melhor coração, disse, se Bruto o condemnou sem razão, eu não quereria ter sido fi-

lho de Bruto, pai importuno, e cruel: Talvez que Bruto tivesse motivos de o condemnar para confirmar a disciplina militar: seja assim, mas em quanto a mim, foi hum barbaro enthusiasmo não sahir do Tribunal depois de haver proferido a sentença de morte, conservando-se com o rosto inteiro, e os olhos fitos sobre o filho até que lhe vio saltar a cabeça dos hombros ao golpe do cutello do Algoz. Sessenta conjurados matão a Cesar inerme, e talvez talvez que muito necessario a Roma corrompida, a qual devia começar a servir, porque não sabia já commandar: o cabeça desta sanguinaria conjuração, estava cheio dos beneficios de Cesar, com tudo foi exaltado, e he ainda applaudido por seu sublime Patriotismo, e chamado com enfasi, até ao momento em que escrevo, o ultimo dos Romanos. Pausanias Espartano foi convencido de rebellião, acolheo-se ao Templo de Minerva abraçando o altar do Nume; para o arrancarem accenderão huma grande fogueira sobre o altar, e os Eforos de-

terminarão que se fechassem de pedra e cal as portas do Templo; a mãi de Pausanias foi a primeira que trouxe a primeira pedra, e he por isto exaltada como Heroina do Patriotismo. Devia, assim he, a mãi de Pausanias detestar o delicto do filho; mas devia esta abominavel velha fechar-se em casa, e gemer em silencio. Péricles, perdendo dois filhos, subio á Tribuna, e pronunciou huma eloquentissima oração. Se as circunstancias do Estado exigião aquella sessão de Parlamento, eu não o reprovo, mas porque motivo este pai orfão de dois unicos filhos hade apparecer na Tribuna coroado de flores na presença do povo d'Athenas? Podia prégar quanto quizesse, mas tinha necessidade de se coroar de flores? Interrogue-se a Natureza no coração paterno; poder a gloria da Patria extinguir alli de todo a mais terna, e a mais justa das affeições? O odio da Monarquia era depois dos Tarquinios a educação de Roma, a qual infiava e tremia com os decretos crueis de hum Dictador, contentando-se de lhe

não chamar Rei. Grande estampido tem isto feito pelo Mundo, e he esta razão porque tantas vezes tem subido á scena tantos Brutos, isto he, similhantes áquelle velho Bruto, sem fazerem o menor aballo em a inexoravel platéa. Em nossos dias hum pai por amor da Patria não mataria seus filhos, ou os desterraria, ou os fecharia em hum Castello com boa guarda: para que hum morto faça impressão nas taboas de hum palco, he preciso que excite a compaixão, e a compaixão não se despertará quando o espectador esteja persuadido, que similhantes horrores se executão com deliberada vontade e pleno conhecimento de causa, e que se podião obviar providenciando outros meios para conseguir o que se pertende. Talvez pareça estranho a algum escriptor de Tragedias que comette humicidios theatraes, que o espectador não chore, mas que ou boceje, ou durma. Ah! meu grande escriptor, lhe poderia eu dizer, vós podeis manejar os cadaveres como o divino Shaskepear, vós po-

deis matar todos sem deixar mais do que o Ponto, que dê a noticia ao auditorio, vós nada alcançareis do coração de vossos Tragicos escutadores, se os não preparais com ternas, e artificiosas circunstancias com as quaes aquelles attentados, ou aquellas magnanidades, não pareção caprichos do Poeta, ou golpes do theatro. Que dor posso eu sentir quando vejo huma Heroina vir caminhando pela scena com passos magestosos, e contados, trazendo na mão huma tigella de veneno para a beber de seu vagar diante dos espectadores? Que commoção posso eu sentir quando a vejo levar a peçonha aos sorvos como quem no seu gabinete toma huma chávena do chocolate? Mas que digressão he esta, meu Attico! Eu não devo querer entrar nas Officinas dos Rhetoricos, quando não devo sahir das palestras dos Filosofos. Não só ha hum Patriotismo furioso, mas ha tambem hum Patriotismo fraudulento.

Os estratagemas da guerra, dos quaes Grocio falla tão copiosamente,

podem ser licitos, mas por amor da Patria não se deve reccorrer nem á mentira, nem ao engano propriamente taes. E com tudo estão as Historias, e particularmente a do nosso seculo, cheias de pactos quebrantados, de promessas, e estipulações violadas, e de querellas reciprocas de immensos povos, por este motivo. Aristippo, por confissão dos Encyclopedistas, ensinava, que era bello, e licito commetter hum delicto por amor da Patria: este erro de Aristippo foi ha pouco renovado pelo author do Systema social: ,,Quem mente ou engana outro para salvar a sua Patria, ou os seus parentes, ou os seus amigos, só póde ser condemnado em o Tribunal de hum louco;,, e ainda em mais distinctas expressões dá a conhecer seus sentimentos. Pela mesma razão aquelle que para salvar a sua Patria empregasse a perfidia, a traição, o perjurio, o veneno, e o punhal, seria o Cidadão mais virtuoso. Aristides teve a honra de ver que seu nome se tomava como hum Synonimo da Justiça; mas se em

quando se considera a sua vida privada era hum homem justo, se se considera a sua vida publica era injustissimo. E com effeito quando hum dia se deliberou em Athenas hum negocio grave, e o Povo conhecia todo o horror de hum juramento falso: » Athenienses, exclamou elle, fazei cahir sobre mim todo o horror de hum perjurio, salvai a Patria. » Cicero era de huma moral mais honesta como se vê do terceiro livro das obrigações civís; e o Secretario de Florença Nicoláo Macchiavello, dizendo que a Patria se deve defender ou com gloria ou com ignominia, e que de qualquer destas maneiras he bem defendida, allega o exemplo do exercito Romano envolvido pelo exercito dos Samnites. Nestes termos os Consules ficarão attonitos, e Lucio Lentulo aconselhou que para salvar a Patria se não devia recusar partido algum. Macchiavello louva o parecer de Lentulo, dizendo, que para salvar a Patria não se devia fazer distincção alguma entre louvavel, e ignominoso, entre justo, e injusto,

sentença digna de Macchiavel, e de Cezar Borgia. Deixando estas épocas da Republica, e considerando os tempos dos Imperadores Gregos já no gremio do Christianismo, vejo que mais de hum Historiador condemna Anastacio por affirmar huma vez, que por qualquer razão de estado não estava obrigado a guardar hum juramento dado. Mas deixemos este homem na sua inquieta Constantinopla entre as facções do Circo pedir soluçando sem purpura e sem corôa perdão ao Povo por não haver protegido bem os seus Cocheiros.

Além deste Patriotismo fraudolento, eu descubro tambem hum Patriotismo cruel. Não espereis de mim, meu Attico, que me empregue em descripções luctuosas sobre o sangue derramado de tantas gentes para engrandecer mais o proprio paiz á custa dos outros. Isto he hum lugar commum, que eu deixo para os aprendizes de Rhetorica. Tambem não chorarei sobre huma tão grande porção da estirpe humana que se consome em

cavar a terra até ao centro para enriquecer com metaes hum erario. Quantos marinheiros não custa á humanidade o mesmo bacalháo penitencial, consumidos de escrobuto, e engolidos pelo naufragio! Tambem não vos alegarei exemplos antigos, nem exemplos muito modernos, porque os dos nossos dias são tão revoltantes, e as crueldades comettidas com o pretexto do Patriotismo são tão infernaes, que não me atrevo a deshonrar com ellas a minha penna. Será hum exemplo só, e tirado não da Historia de A'tila, mas da de Carlos XII. Steimbok General Sueco venceo a 20 de Dezembro de 1712 os Dinamarquezes, e Saxões diante de Altona. O feroz Steimbok intimou aos habitantes de Altona que se retirassem com os seus cabedaes e familias, porque queria queimar a Cidade. Os magistrados forão ajoelhar aos pés do Vandalo, e lhe offerecerão cem mil ducados, e elle lhe pedio duzentos mil, pedirão-lhe tempo para mandar a Hamburgo onde tinhão correspondentes, prometten-

do dar a somma pedida na manhã seguinte. Insistio o barbaro inexoravel que devião já ser pagos, e mandou lançar o fogo dando poucas horas para se evacuar a Cidade. Sahirão os miseraveis, e se arrastrarão até ás portas de Hamburgo pedindo os recolhessem; os de Hamburgo os não quizerão receber, nem se enternecerão com aquelle doloroso espectaculo; e a maior parte dos habitantes de Altona pereceo de fome, de frio, e de cansaço ante os olhos dos Hamburguezes. Este he o facto; façamos, meu Attico, sobre elle huma unica reflexão. Altona, pela protecção do Rei de Dinamarca, florescia em commercio, não sem ciume dos Hamburguezes, que receavão diminuição em seus negocios e julgando util a sua Patria a perda dos imaginados émulos, deixarão-nos perecer. Eis-aqui o misero, e deploravel effeito de hum falso Patriotismo disfarçado nas vantagens do commercio!

Ainda vou por diante com a classificação dos Patriotismos viciosos, porque esta he a mania do seculo, e he

tal a cegueira, que vos posso affiançar que apenas os Portuguezes em geral nas actuaes circunstancias conservão huma justa, e adequada idéa do Patriotismo. Em quasi todos os homens eu descubro (contemplando o grande quadro da Historia) hum Patriotismo vanglorioso. Contemplai os Athenienses. A vaidade deste paiz era excessiva; as mesmas revendonas da Praça não querião ceder em linguagem, e assento aos litteratos se erão estrangeiros. Póde ser que a velha vendedora de hortaliças tivesse razão quando reprehendeo Theofrasto. Este era o ar patriotico que se respira em Athenas, e eu creio que a atrevidissima velha se devia calar: mas esta vangloria patriotica chega a todos. Lî, não sei em que livro, que celebrando-se diante de huma matronaça de París os olhos formosos, serenos, e alegres de huma rapariga que tinha nascido longe de París, pronunciou gravemente que ella conhecia aquella rapariga, e que confessava que com effeito tinha bons olhos, mas que erão bons

quanto os póde ter bons hũma pessoa de Provincia: não cito o nome do livro, porque me não lembra, mas posso, meu Attico, certificar-vos que com effeito lî isto com estes meus dois olhos, que não tiverão a ventura de nascer em Lisboa, mas em Béja, e por isso ficão sendo dois olhos Provincianos. Deixemos ditos de mulheres dignas de figurar nas Comedias de Moliere; o que me impacienta he o célebre La Bruyere, que, em seus caracteres feitos para emendar os homens, censura as pessoas que nascerão nas Provincias, porque não tem a polidez, e luzente verniz das que nascerão em París. Jacques diz (e nisto tem razão) que quando ouvia contrastar hum Francez, ou hum Inglez qual fosse maior, ou mais povoada, se Londres, ou París, lhe parecia ouvir dois homens que disputavão qual dos dois paizes era mais mal governado. Elle Jacques protestava que, se estivesse em sua mão beneficiar a França, teria começado por demolir, e arrazar a sua Capital. Se ao menos do tempo de Jacques se fizes-

se isto, não teriamos chegado ao excesso de desgraças a que chegamos. Mas eu não dou ouvidos ás melancolias e extravagancias deste frenetico, ainda que vejo n'outros politicos, e economistas que não he justo, nem vantajoso á prosperidade de hum Estado, que as Capitáes sejão muito vastas, e populosas. Com tudo, as grandes Cidades terão sempre maiores vantagens, e prerogativas que as pequenas, e quem nasce no meio de huma populosa Corte acha de ordinario com mais facilidade preparados os meios para huma boa educação, e para o estudo das boas artes, e disciplinas. Mas porque vós nascestes em Lisboa, e eu em Béja, tendes acaso razão de vos entonar, e ensoberbecer pela magnificencia publica? Deveis acaso julgar-vos grande porque Lisboa tem grandes praças, grandes ruas, grandes Templos, e grandes Palacios? E eu, porque nasci em Béja, devo acaso reputar-me hum mesquinho mal olhado da ventura, porque permanecendo e vivendo naquelle sombrio municipio

Romano, não acordo alvoraçado depois da meia noite com o estrepito das carruagens dos que sahem do Theatro, ou porque não desperto sobresaltado de madrugada com o motim dos pregões, e borborinho da gente? E serão para mim sem sabor os passeios por aquelles extensos e despidos campos, porque huma onda de povo não me leva em si, e outra me traz contra minha vontade! E será para mim hum tormento não poder andar em huma sege sem o continuo receio de ser precipitado della pelo encontro de outra, e sem escutar os benemeritos bramidos, e circunspectas pragas de hum Lacaio!

Se os commodos com que qualquer gabasse a sua Patria fossem de coisas sólidas, isto he, se algum exaltasse a sua Patria porque era o berço de profundos entendimentos, das sciencias graves, das artes uteis, e liberaes, eu julgaria louvavel este sentimento patriotico; mas gabar sua Patria, e ufanar-se della, porque os Alfaiates são mais caprichosos, os cozinheiros mais

exquisitos, e os cabelleireiros mais elegantes, he hum Patriotismo não só vanglorioso, mas completamente louco. Que hum Povo, ou outro da Grecia se gabasse, lembrando-se dos trezentos das Termópylas, dos dez mil da Retirada, e das batalhas de Marathona, e de Salamina, de seus Homeros, dos seus Anacreontes, dos seus Epaminondas, Themistocles, e Milciades, ainda o Mundo applaudiria no dia de hoje o seu Patriotismo. Mas esta mesma Grecia se apouca ante meus olhos, quando a vejo dividida, inquieta, contenciosa, oppressa de dor, ou fanatica pelos jogos de suas carroças, e pelas suas lutas, e mais agitada ainda que no momento em que Xerxes se avisinhava ás suas portas. Ora este Patriotismo vaidoso, tambem he hum Patriotismo voluptuoso.

Muitos amão a sua Patria, porque lhes parece que nella se divertem mais á sua vontade. Tito Livio nos conta, que tratando-se de mandar huma Colonia para Ancio, apenas se encontrara quem quizesse dar o seu nome, e não

dá outra razão, senão porque em Roma os homens, e as mulheres se divertião mais. O gosto dos espectaculos fez tantos progressos entre os filhos de Quirino, que o Povo Romano se amotinou contra Augusto, por lhe haver degradado hum dançarino, e não fez as pazes com o Senhor do Mundo, senão quando o tornou a chamar do desterro. Athenas chegou a decretar, que fosse réo de morte quem se atrevesse a propor que se destinasse para a guerra aquelle dinheiro que estava depositado como em hum asylo sagrado, e que se applicava para as despezas do theatro, e isto em tempo em que a mesma Athenas estava em risco, pelas maquinações do não menos valoroso, que insidioso Filippe. Quando Lisboa se resolveo a dar vinte e quatro mil cruzados a hum Castrado, cantador de arias, ouvi eu dizer a hum que se prezava de Filosofia, que Lisboa sua Patria por esta acção se constituia a primeira cidade da Europa!

E não vedes, meu Attico, que este Patriotismo, que em si he huma

virtude, e huma grande virtude, se transforma em hum vicio, e vicio muito prejudicial por aquelles mesmos que com mais frequencia usurpão esta palavra dulcissima, e sagrada? Não basta, meu Attico, não basta, proferir, ou sentir qualquer especie de amor da Patria, para se lisongear, como faz a Seita dos Filosofos, de haver preenchido todos os deveres da justiça. Sabei que o Patriotismo em alguns não he mais que huma mistura de amor proprio, e de preoccupações.

CARTA XVII.

NÃo imagineis, meu Attico, que a perda dos commodos da vida, e dos meios necessarios para minha subsistencia possa ser jámais ressarcida pela faculdade de usar a meu arbitrio de huma Bibliotheca vasta, immensa, abundantissima. Não me digais tambem, que a dureza de minha situação enchendo-me o entendimento de sombras

hypocondriacas, me faz ver naquelle mesmo ardentissimo fóco de luzes hum confuso montão de destruições, e de estragos. Meu Attico, estas muito curtas idéas são por certo proprias de vossa inexperiencia, e nascem do prazer, ou novidade, que vos causão vossos noviços estudos. Em quanto se não conhece que a Terra he hum Globo, julga o homem que avança em quanto não faz mais que circular, ou andar volteando. Persuadis-vos sem duvida que todos estes innumeraveis volumes, contenhão idéas differentes, vistas particulares, e profundas, descobrimentos felizes, combinações sempre variadas para felicidade do genero humano. Ora sabei de antemão o que a experiencia muito depressa vos descobrirá. Todos estes livros entrão, ou se encontrão huns nos outros; se de cada hum se tirasse o que elle tirou de seus predecessores, e até de seus proprios contemporaneos, ver-se-hião reduzidos a muito poucas paginas. Sabei que as principaes idéas existem desde hum tempo immemorial,

e para fallar com mais pontualidade, as principaes idéas existirão sempre: não se tem feito mais que transmitillas de huma idade a outra com differente modificação, effeito natural das circumstancias diversas, e das diversas organizações dos homens; e se destas idéas se tirasse tudo que nellas ha vago, incerto, vacillante, a que ficarião reduzidas todas as vastas Bibliothecas da Europa? Nossos erros são sempre os mesmos; sem os deixar, os exhaurimos. Cada Author, cada Filosofo, apegado com pertinacia áquillo que elle chama sua opinião, julga bater sempre as estradas da verdade. Que diria elle, se antevisse como o tempo leva comsigo as opiniões, e os homens? Sabei, meu Attico, que não ha nos livros humanos huma só idéa, que não tenha sua contradicção, bem como os insectos que a Natureza produz sempre para se mutuamente destruirem. Não ha entre Filosofos huma proposição que não esteja combatida, huma questão em que o pró, e o contra não andem discutidos muitas vezes com igual vanta-

gem. Nesta terra que habitamos, a verdade está em toda a parte, e em parte nenhuma. Está em toda a parte, porque ha verdades até nos mesmos erros; mas neste mundo de illusões, e de prestigios, neste circulo vicioso dos homens Filosofos, não se acha inteira em parte alguma. De qualquer lado que olhemos nosso entendimento, sempre a nuvem da ignorancia o rodea, e absorve em si todos os raios de luz. Esta mistura incoherente faz que tudo se confunda no pelago das opiniões Filosoficas, e puramente humanas.

Talvez me queirais arguir desta maneira: Credes vós que o tempo possa atacar huns nomes taes como o de Aristoteles, de Platão, de Des-Cartes, de Montesquieu, de João Jacques! Sim, estes nomes subsistem, sim, e subsistirão; mas que he feito das coisas? Não tem já acabado em parte suas idéas? Que nos resta da Fysica de Aristoteles, e da Politica de Platão? Que nos resta dos Systemas de Des-Cartes, dos principios de Montesquieu, dos

Paradoxos de João Jacques? Estes estrondosos nomes permanecem, e sobrevivem aos edificios de suas idéas, como outras tantas columnas truncadas para attestação de sua antiga existencia, e ruina. O Tempo que conduzio novos erros, desenvolveo antigas verdades que estavão como incognitas, e nos escriptos destes homens separou o verdadeiro do falso. As verdades que elles disserão já existião no entendimento humano de quem são inseparaveis, porque são inherentes ás coisas. Todos estes homens escreverão conforme as disposições em que acharão os animos; removidas estas disposições, talvez escrevessem o contrario. Nunca devisareis nelles, nem imparcialidade absoluta, nem verdadeira moderação. Talvez vos persuadais que elles combatêrão abusos, e entre todos Jacques vos parecerá hum Paladino armado contra os abusos; pois sabei que elle não fez mais que exageral-los, levando o genero humano de hum extremo a outro. Não só em Filosofia, cujos principios deverião ser in-

variaveis, mas até nas boas Artes, tudo o que os homens tem feito, traz em si o ferrete do tempo, das circunstancias, e disposições em que os sabios compunhão. Corneille por sua linguagem tanto faz no dia de hoje rir, como chorar os Francezes. Racine deixou-se enganar pela mobilidade do gosto, e transportou ou apropriou o amor assucarado dos Francezes daquelle seculo aos Gregos, e aos Romanos, amor improprio do genio de huns, e da magestade dos outros. Voltaire assoalha pomposas maximas de moral e de politica entre os mesmos Turcos, que nós vemos solemnemente desmentidas no dia de hoje. Algumas glorias nos parecem mais sólidas, apadrinhadas pelo tempo, e defendidas do respeito que temos ás duas Linguas a que chamamos mortas; mas este mesmo tempo nos tem roubado as bellezas e encantos que ainda dizem nellas encontrar os commentadores. O Padre Homero, repetindo talvez os Poetas que o precederão, perdeo para nossos ouvidos as maravilhas, e mila-

gres d'harmonia de que lhe vinha seu principal mérito. Em fim, até a pura dicção de Virgilio nos deixa vêr as falhas e imperfeições que elle trata para lisongear os Romanos. Sem nos entranharmos tanto pelas sombras da antiguidade houve acaso homem de maior nomeada, e fama que Montesquieu? E que he feito de seu decantado Systema da influencia dos climas? Onde jaz seu outro Systema da divisão dos poderes? A experiencia mostrou que quando se dividem se oppoem huns aos outros, e seu buscado equilibrio não he mais que hum perigoso e desgraçado conflicto. Des-Cartes, cujo nome, e gloria ainda nos espanta depois da quéda de seu quimerico Universo, nos faz ver a futilidade da prematura admiração dos homens. Parece que Newton ainda está de pé, mas quem sabe o golpe, que ainda lhe reserva o futuro? Se elle descobrio o como das coisas, por certo nos não descobrio o porque. Por ventura não póde haver huma chave que abra muitas portas sem ser a verdadeira

chave? Leibnitz, tão profundo em todas as Sciencias como Newton em huma só, he o Genio mais espantoso que póde caber nos confins da fraqueza humana ... Com toda esta grandeza, os homens se esquecerão de seus Systemas sem os combaterem, ou destruirem. Não se lhe pôde jámais provar que suas idéas erão quimericas, ainda que por sua muita subtileza se pareção mui pouco com a verdade. Mas sempre vos affirmarei a respeito deste Alemão, que se acaso se enganou na estrada, por certo não se enganou no fim, ou no termo.

Tudo he vão, tudo he inutil, não ha esforço que nos baste para nos oppormos á torrente que nos arrebata. Quando o mais acreditado Filosofo sobrevive a si mesmo, por mais tempo se vê destruir, e sua gloria não faz mais que prolongar sua morte. Se acaso visse o destino de suas obras, que diria hum desses Genios que medirão o curso dos Astros, pezarão os Planetas, calcularão o vôo da luz, e sondarão nosso Ceo, e o que mais he,

nosso coração, sem despertar a indifferença de huma cega Posteridade, que deixa dormir na poeira das Bibliothecas, e no gelado esquecimento dos homens todo o fructo de seus trabalhos, e vigilias! E com tudo no meio de lições de tão espantosas ruinas, insectos efemeros se agitão ainda entre suas cinzas, e os seculos futuros a pezar de tantos exemplos, se cançarão debalde em perscrutar huma impenetravel, e sempre impenetravel Natureza. Vós, meu Attico, me direis que estou hoje possuido de huma atroz melancolia, e eu vos direi que sempre o estarei. Sou hypocondriaco, e não me quero persuadir que a verdadeira alegria nasce da ignorancia.

CARTA XVIII.

MUitas divisões, meu Attico, e muitas subdivisões se fazem, e tem feito da especie humana! Gigantes e annões, brancos e negros, selvagens e sociaes, bons e máos: resta huma divisão, sabios e ignorantes; a primeira classe chora, e tem dó da segunda, mas gratuitamente, porque a segunda não lhe pede similhante compaixão. Ora com effeito, os ignorantes tem sobre os sabios vantagens taes, que se sentem, conhecem, e continuamente saltão aos olhos. Ora fallar-vos-hei nesta carta destas vantagens, que são fisicas, moraes, e politicas, e o que he mais ainda, das recompensas que os esperão. O numero dos sabios parece á primeira vista prodigioso, e todos elles se arrogão o direito, ou de mofarem, ou de se compadecerem dos ignorantes. Ora

he preciso tirar do assombroso número dos sabios os que se persuadem que sabem, e os sabios que sabem mal; a experiencia quotidiana nos diz, e mostra que estas duas Tribus são mais numerosas que as dos Judeos. He preciso dizimar, maquiar ainda da grande lista os sabios que ignorão o que era preciso, e o que convinha saber, e os que sabem o que era melhor ignorar. Nesta classe existem aquelles que submettem e sugeitão nossas affeições á analyse, e nosso amor á Arithmetica, os que conhecem algumas estrellas mais, e algumas illusões menos. Os ignorantes nada tem que invejar a todos estes sabios. O maior sabio, quando tenha visto muito, lido muito, ouvido muito, meditado muito, deve-se fazer retratar com huma balança na mão, e dizer com o Calvo Montagne: Que sei eu? A Ignorancia, ou se deva a huma feliz disposição da Natureza, ou a hum raciocinio feito sobre a comparação do que sabe o homem mais instruido com o que lhe resta a saber; a Ignorancia,

e simples ignorancia não tem sectarios declarados, mas tem ao menos amigos vergonhosos, ou envergonhados. Talvez que as vantagens da ignorancia não possão ser conhecidas ao primeiro intuito; mas não deixão de ser sólidas, por deixarem de ser conhecidas. Sei que a Ignorancia tem por inimiga a Preoccupação, ou a Opinião, grande Legisladora; mas isto mesmo serve para fazer crer ao homem de sizo natural que se póde dizer alguma coisa a favor da Ignorancia. Quanto ás vantagens fysicas, he constante, que o segundo voto, propensão, ou pendor da Natureza he a conservação dos Seres: ora o cumprimento deste voto, ou indita inclinação, he hum dos beneficios que nos traz a ignorancia; porque ella he sempre conhecida no sugeito que possue este thesouro, pela serenidade e socego de semblante, pela paz da alma, e das faculdades intellectuaes, signaes visiveis de huma constituição que se não aparta, e desvia do melhor regimen, que he o repouso.

Todo o esforço que tende a perturbar a ignorancia, estado primitivo, altera huma das condições de nosso destino, desordenando, e perturbando o Systema animal. Se a lei se violou, o castigo não tarda. Vêde hum desgraçado obsesso, e possesso do Demonio da Poezia; não lhe foi possivel viver na ignorancia, e no repouso. Não se póde considerar, sem horror, em tudo o que este infeliz mortal he obrigado a saber, Geografia, Historia, Fysica, o Mundo conhecido, o Universo moral; e tudo isto he huma pequena parte do que deve saber, para que suas figuras ressaltem, e suas comparações não manquejem. A que Galé voluntariamente se condemna! Immovel em huma agonia muda, ou agitado, dando grandes passadas, como se algum remorso pungente, e vingador o perseguisse, e atormentasse; quem poderia adivinhar que este mesquinho corre apóz hum pensamento, e busca no Ceo Poetico a similhança de hum anão com hum Semi-Deos? Por quem he

habitado aquelle quarto sombrio, e armado de negro como hum cadafalso, onde o vislumbre de huma alampada, ou candêa funeral espanca igualmente o dia, e a noite? He por ventura habitado por Artemisia, que prantea sobre o tumulo de Mausolo? Não, aqui habita hum Poeta Tragico, o desgraçado Crebillon, por exemplo, victima voluntaria, de cujo atterrado cerebro, e cerebro atterrador sahe o Plano de Atreo, e de Radamisto. A Ignorancia colloca o homem que não tem esforço algum para o perder, naquelle equilibrio, fóra do qual somos o ludibrio de todas as impressões, e de todos os movimentos falsos, e inconsiderados de nossos habitos, e inclinações. Supponhamos, meu Attico, que nos Estados de El-Rei Hieronte havia hum vassallo muito ignorante, que debaixo do brilhante Ceo da Sicilia, ao pé da mesma fonte de Cyana, rodeado de arvores Papyrus, cujo uso se não conhecesse, passava serenos dias no repouso, considerando como o amavel louco Anacreonte a

sua amada Pomba, que vinha beber á sua mesma taça. Neste tempo hum sabio, geometrizando circulos, e angulos, corria pelas ruas de Syracusa bradando ... achei, achei... Era Archimedes que acabava de resolver hum problema em que havia muito meditava: o povo o teve por hum louco varrido. Ora dizei-me, meu Attico, por ventura decidiria que o mais sabio destes dois era o ignorante?

Que vos direi das vantagens politicas da ignorancia? Estas vantagens são constantes, e sabidas pelo que pertence a negocios de Estado, e he o meio de perder menos tempo. O conhecimento dos homens basta para os governar, este conhecimento nem se aprende, nem se adquire pelos livros. Ha poucos Capitães-Bachás, e Grãos-Visires que saibão lêr. Passemos dos Pastores aos rebanhos. Nem sempre o genero humano póde contar com hum Tito para Senhor, nem ainda com hum Tiberio; sim, hum Tiberio; porque não he o mais perverso entre os Reinantes aquelle que desta arte es-

crevia a hum Pro-consul do Egypto: =
,,Quero que se tosquiem as minhas ovelhas, mas não quero que as esfolem.,,
Ora nos ennevoados tempos em que reina hum Caligula, hum Christierno, hum Henrique VIII., o mais seguro salvo conducto, ou passaporte, he huma figura insignificante. A Ignorancia passa publicamente este salvo conducto. Estou persuadido, que em tempos difficeis e revoltosos quaes forão os annos de 1792, e 93 na Sentina de todos os crimes, París, se prenderia pelas feições tal, e tal homem de aspecto serio, de sobr'olho cahido, de olho encovado, e attento, de ar sombreado, e meditador; a desconfiança da Tyrannia o tomava por hum conspirador, huma vez que se persuadisse que era hum sabio. Ora em quanto ás relações da Ignorancia com a sociedade, eu respeito singularmente todos os que sabem d'onde vem, e para onde vai huma palavra, sobre tudo se elles nos instruem quando nós os interrogamos: por isto eu não digo que a Ignorancia, rigorosamente Ignorancia

seja de necessidade absoluta, mas por certo he de huma utilidade preciosa, e até mesmo deliciosa. Sempre ha prazer em se deixar ensinar o que se sabe por gente que o não sabe, sempre foi isto para mim de hum conhecido divertimento. A falsa ignorancia he a unica hypocrisia que se constitue na classe das boas qualidades sociaes. He hum dos meios recommendados na grande arte de agradar. Com isto se procura aos outros o prazer de se considerarem superiores a nós. Os amos folgão quando podem dizer a seus criados: A que tropel de bestas eu prezido! Mas custa muito a representar este papel aturadamente, e o meio mais seguro para representar bem o papel de ignorante, he ser ignorante. Quantos homens ha a quem isto custaria menos do que elles cuidão!

Eis-aqui, meu Attico, as vantagens da ignorancia por esta apressada analyse feita correndo para vos não fatigar. Resta-me só fallar-vos da recompensa que espera os ignorantes.

Bem clara se mostra ; se o maior bem da vida he a tranquillidade do animo, decidi vós onde mais facilmente se encontrará , no horrivel apparato das sciencias, ou na serenidade da ignorancia absoluta? Eu posso dizer que a verdadeira pobreza de espirito he a Ignorancia. No espirito do ignorante brilha huma luz mais pura despegada dos vapores do falso e enganoso saber, que he mais commum que o verdadeiro. Se a ignorancia he a verdadeira pobreza de espirito, dizei-me se he aos orgulhosos sabios a quem se prometteo o Reino dos Ceos?

C A R T A XIX.

MEu Attico , o conhecimento proprio he a mais util e necessaria de todas as sciencias, e póde ser que a mais desprezada, ou mais esquecida. Mas sendo tão util, e precisa esta sciencia, eu creio que he a mais difficultosa. Esta difficuldade nasce da

quasi impossibilidade em que estamos de nos comprehendermos, entendermos, e de explicarmos a nós mesmos o nosso ser. Se nós encontrassemos hum manuscripto em huma lingua inteiramente incognita, talvez que á força de observar, de comparar, de analysar os caracteres, viessemos por tempos a comprehender alguma coisa, e a decifrar algum sentido: mas desde a idade em que começão a se desenvolver as faculdades intellectuaes, todo o homem se observa, se segue a si mesmo, se lê, sem adquirir o mais pequeno vislumbre sobre sua significação. Entre os véos desta ignorancia, como poderá o homem adquirir huma exacta idéa de si mesmo? Levado sempre de sua indita, e natural vaidade, exagera, amplifica suas boas qualidades, e diminue seus defeitos. Temos mais amor proprio aos 25 annos de idade, que tinhamos aos 15. Se lemos aos 25 o que escrevemos aos 15 nos envergonhamos. Envergonhamo-nos de nossas acções passadas; se então nos vissemos com as mesmas

disposições da alma com que agora nos vemos estas acções, serião outras. Mas para que he retroceder tanto? Da noite para de manhã, de huma hora, de hum minuto para outro, mudamos de opinião, de sentimento, de resoluções. Queremos muitas vezes ir atraz da acção que fizemos para a desfazer, atraz das Letras que escrevemos para as apagar, atraz da Carta que mandamos para a rasgar. Todo nosso destino depende muitas vezes de huma idéa, que nos vem, ou nos não vem a tempo. Comprehendemos acaso claramente o verdadeiro motivo que nos obriga a decidirmos? Mil vezes somos hypocritas para nós mesmos; porém huma palavra, hum gesto só da mais indifferente pessoa, mudaria, e muda em hum instante a nossa mais seria determinação. Podemos acaso saber o que nós eramos, o que nós sentiamos ha dez annos? Tudo variou em nossas idéas, affeições, projectos, e até principios de nossa mesma saude, e conservação. O capricho, ou a necessidade da contradicção nos obri-

ga alternativamente a sustentar o pró e o contra, considerando huma mesma coisa agora boa, agora má. Huma distracção nos rouba a idéa mais util, e nos leva o pensamento mais levantado, e nos obriga até a dar, como dizem, com a cabeça pelas paredes. Eis-aqui, meu Attico, quem he o Ente que quer julgar, e governar o Universo!

Persuadimo-nos que conservamos, e seguimos as verdadeiras idéas de honra; muito bem; mas huma paixão imprevista nos desvia, dellas, e dellas nos esquecemos inteiramente. Poderiamos acaso gozar de nós mesmos em a solidão entretendo-nos em nossas proprias reflexões? Ah! A maior parte dos homens não cuidão mais que em se fugir a si mesmos, e encher os dias com occupações inuteis, ou ao menos desnecessarias. A vida he para nós hum pezo, e para alguns tão insupportavel que o arrojão de si pelo suicidio. Até por egoismo o homem foge de si, e o Inglez se mata. Todo o homem he levado, e guiado

pelo amor proprio, ou pelo amor de si. Eis-aqui o que eu não posso comprehender, e o de que me não posso persuadir. Se o homem tivesse muito amor proprio, elle o empregaria em objectos de preço, e de valor, seria consequente, e não se lançaria a miserias e vilipendios. Apegar-se-hia a cousas essenciaes, e não mudaria como huma grimpa. Se por este amor se levasse, buscaria seus verdadeiros interesses em lugar de se apartar deste caminho por frioleiras; teria huma vontade firme, e constante: mas quantas circumstancias imprevistas, quantas condescendencias indignas, dobrão, e tyrannizão esta mesma vontade que devia ser absoluta! Por fatalidade ninguem he Rei, ninguem he Senhor de si mesmo. He preciso compôr-se com suas proprias paixões, que são como outros tantos bandos, e facções da alma, combinando sempre os interesses presentes com os futuros. Raro poder, e Imperio no Mundo! Podemos, meu Attico, dizer que o homem se adora a si mesmo quando considera-

mos no bem que elle de si mesmo sente; mas quando imaginamos hum pouco no mal que a si mesmo se faz, podemos dizer que o homem se aborrece, e se detesta a si proprio.

Em que vos parece que se fundará este amor proprio? Por acaso nas vantagens que recebemos da Natureza, da Fortuna, ou da Sociedade? Mas nisto mesmo nada somos. Acaso em nossas idéas, e conhecimentos? Ah! se restituissemos a cada pessoa, a cada livro o que delles temos, muito pouco nos ficaria. Acaso sobre nosso theor de vida, ou acções? Se disto tirarmos o que devemos aos exemplos, aos conselhos, e considerações que nos arrastrão, veremos quão pequena parte ha de nós em tudo isto. Com effeito, que he o que nós em nós mesmos amamos? Que nos prende a este montão de qualidades boas, e defeitos palpaveis que constituem nosso ser? He preciso não crer que o amor proprio nos dissimula sempre nossos defeitos. Debalde buscamos o motivo deste desordenado amor; eu não encon-

tro outra razão mais que o habito. Ainda quando nos quizeramos separar de nós mesmos, estou persuadido que a coisa que o homem mais teme, he este divorcio. Que vos parece, meu Attico? Vede se podeis conceber até que ponto o homem se ignore a si mesmo, até que ponto se seja estranho! Ah! Eis-aqui todos os fructos de meus dilatados estudos ajudados com a observação, e experiencia de tantos annos: A coisa mais incomprehensivel para o homem, he o homem.

CARTA XX.

SEneca, e Young, são dois homens que me agradão, e que me aborrecem. Agrada-me Seneca por sua eloquencia penetrante, e pela incomprehensivel fertilidade de suas idéas. Não ha campo por esteril que seja de que não saiba tirar copiosissimos fructos: em hum Tratado, cujo titulo he o mais simples, - Dos Beneficios -, tem mais

idéas, e ajunta mais conhecimentos do que em si contém, juntas, todas as obras dos Filosofos Gregos, e Romanos; mas este portentoso Genio, he portentosamente caustico; rara, e mui rara he a pagina de Seneca onde se não encontre a amarga Satyra do Genero humano, que parece fugir diante do Filosofo, acossado com a terrivel tempestade de suas sentenças, tão bastas, e amiudadas, que parecem huma violenta chuva de pedra. O outro homem admirado, e aborrecido he, como vos disse, o Misantropo Ilheo, chamado Young. Parece hum derramado, ou marfado contra tudo; as suas nocturnas Elegias, são outros tantos ultrages da Natureza, e não ha nellas hum só verso que não seja hum acto de odio, e de desprezo contra a humanidade, não ha acção que lhe não pareça hum crime, e quer que o homem ácinte aborreça tudo quanto o cerca. Quer que atormente suas mais innocentes inclinações, que suspire como hum desgraçado no centro da prosperidade. Maximas goticas, loucas,

dignas, ou do seculo da barbaridade, ou da nebulosa e melancolica athmosfera de Londres, onde o suicidio he divertimento, e onde no meio da opulencia, e de apparente liberdade, que consiste alli em gritar, vestir, e beber sem constrangimento, apparece a imagem da melancolia em todos os semblantes. Vós sabeis, meu Attico, que eu amo a Filosofia, e detesto o Filosofismo; e á luz da verdadeira Filosofia, conheço que os dois mencionados Sabios Moralistas são solemnissimos furiosos. A verdadeira Filosofia regeita, e reprova as encarecidas maximas de ambos como inimigas da constituição natural do homem. A verdadeira Filosofia não póde julgar com Seneca, e Young, que o verdadeiro uso das paixões he oppollas humas ás outras para as destruir todas em viva guerra, não póde julgar que o melhor uso da razão he o desprezo continuo das opiniões humanas, e que o melhor uso de nossas faculdades he aborrecer nossos similhantes, e desdenhar esta terra, que o Omni-

potente nos deo por morada, murmurando assim indirectamente da sua sabia Providencia. A verdadeira Filosofia proscreve sem piedade e altamente despreza o cidadão atrabiliario que não quer viver senão para si mesmo, e que demasiado amador da propria existencia, foge do trabalho, e se esconde quando sente aproximar-se o perigo, e vem depois do combate aproveitar-se com os que pelijárão dos despojos da victoria. Porque motivo havemos prostituir o sagrado titulo de virtuoso ao homem brusco, feroz, e insociavel? Dizei a Seneca, ou a Young, que cinjão a espada para defender a Patria; aturdir-vos-hão com huma declamação Estoica, allegar-vos-hão duas tiradas de Zeno, e de Cleantes, para vos mostrar que o sabio nunca he offendido, e que superior aos estragos, á ruina, e a escravidão de sua mesma Patria, retirado ao sanctuario de sua alma, vive comsigo, e com Jove. Não me posso conter quando leio estes solemnes disparates! He possivel que o Mundo te-

nha applaudido tanto, e reputado humas divindades estes loucos, ou estes monstros de egoismo, e insensibilidade! Por ventura foi-nos dada a vida para vegetar? Que coisa he viver? Não he dar calor e movimento a todas as partes de nós mesmos pelas quaes se póde avivar e exaltar o sentimento de nossa existencia? Não he fazer uso, a beneficio dos homens, de todas as faculdades que nos deo a Natureza? O verdadeiro Filosofo não se queixa nem da morte, nem da vida nem dos máos, nem dos desassizados; vive sempre attento ao movimento, geral busca seu posto, estuda seu papel, e representa-o o melhor que póde, anima com a palavra, e com o exemplo seus similhantes, e encosta-se com toda a a confiança no seio da Providencia. A virtude, dizem Seneca, e Young, he só a immortalidade. Eis-aqui, meu Attico, huma difinição que eu não entendo. A virtude, a meu ver, he a beneficencia, a humanidade, o patriotismo; eis-aqui não só o dictame da Natureza, porém o da Religião. A virtude

he o espirito de benevolencia, e sociabilidade, he o espirito de Justiça, e para me explicar melhor, he a consciencia escutada, e obedecida, he a vontade animosa, e permanente de cumprir o homem seus deveres a respeito de Deos e de seus similhantes. Esta separação em que o Elegiaco Insular quer que o homem permaneça com tudo o que o cerca, he para mim hum opprobrio, e a reputo huma injuria. Eu fujo quanto em mim cabe os prazeres solitarios. Se eu fôra capaz de julgar mal de hum homem, seria daquelle Mizantropo que aborrece o estado em que a Providencia o constituio. He certo que a Meditação Filosofica pertence exclusivamente á solidão; mas nem sempre se deve estar meditando filosoficamente, a sociedade humana tem mais nessecidade de acção, que de contemplação.

A virtude pois, não consiste em se ver só a si mesmo debaixo deste Ceo que nos cobre: não consiste em ser inutil ao Mundo, pezado á sua Patria, intoleravel a si mesmo, insen-

sivel á honra, á gloria, aos prazeres suavissimos que a acompanhão, em fim a virtude não consiste em declarar como Seneca, e Young, guerra ao genero humano. Não consiste a virtude em regeitar ingratamente os bens que a Providencia nos dá, para nos lisongearmos, como hum certo Crates, de superioridade de animo, a que eu chamo fructo perigoso de huma imaginação desordenada, de huma misantropia exaltada, reprovadas pela razão, pela experiencia, e pela Natureza. O Creador nos pôz sobre esta terra para gozarmos della, para isso a tornou fertil, abundante, riquissima, e formosa. Quem ouvir os dois Moralistas, em prosa hum, e outro em verso, persuadir-se-ha que he huma desventura lastimosa ter sentidos, e paixões. A sensibilidade, virtude sublime, virtude tão necessaria, he para estes dois ingratos, e fanaticos hum dom funesto; quasi que criminão a Divina Sabedoria pela haver participado a nossos corações. O Sabio dos Estoicos julga degradar-se da Jerar-

quia de cepo, ou de pedra que tanto affecta, quando se condóe das desgraças alheias.

O homem, meu Attico, he demasiadamente pobre, muito miseravel para aspirar, como querem estes dois misantrópos, ao heroismo do desinteresse absoluto. As necessidades que sentimos nos apertão muito para nos contentarmos da gloria imaginaria de huma quimerica independencia. Para que havemos de suppôr o homem mais animoso, mais forte, mais perfeito do que o soffre a fragilidade e miseria de sua natural constituição? Onde he que existe o mortal tão vigoroso, que possa arrastrar por meio seculo a cadêa de seus deveres sem outro estimulo mais que a esperança? Para que nos quer Young roubar soccorros tão sabiamente conformes á natureza de nossas precisões? Quem nos poderá embaraçar que, em o caminho penoso da vida, não colhamos os fructos que parecem offerecidos pela Providencia para nos refrigerarmos? Porque motivo estes dois injustos Censores da hu-

manidade hão de arrancar das mãos do Publico o prazer de conferir ao merito as honras pelas quaes o mesmo merito tanto suspira? Querem estes dois eloquentissimos inimigos roubar ao merito o thesouro mais precioso, ou a fonte mais abundante de suas riquezas, que he a opinião, thesouro que quanto mais se espalha, menos se diminue ou se desfalca, recompensa tão honrosa para a virtude que a adquire, como para o reconhecimento que a concede. Dizei, meu Attico, ao Filosofo Romano, e ao Inglez Jeremias, dizei com outro menos furioso misantropo, que he Pascal, que o homem se distingue dos brutos, em buscar anciosamente a approvação de seus similhantes. Que importão ao Ente Supremo as estereis elevações, e inuteis Pindaricos vôos de Young, quando os miseraveis na terra implorão nossos soccorros contra a fome que os atormenta, contra a nudez que os envergonha, e contra a injustiça que os persegue, contra a enfermidade que os acaba, e definha? Estado infeliz que rouba seus braços

á Patria, sua alma á razão, seus sentidos á Natureza! Esteja Seneca em hum Muzeo como huma especie de maravilha para se contemplar, e não para se imitar, e seguir, e deixai, meu Attico, que entre a sombria Albion, e regelada Calidonia continue o Youguismo a fazer os estragos que até agora tem feito; e vós, vivei conforme a razão, e a Natureza, vivireis feliz.

CARTA XXI.

MEu Attico, ainda que todas as Disciplinas, e Artes pertenção ao homem, porque todas conspirão em sua felicidade, em quanto humas cultivão, e aperfeiçoão seu espirito, outras sárão seu corpo, e o tornão melhor, e mais robusto; todavia, a sciencia que se póde chamar particular, ou peculiar ao homem he a que contém o conhecimento do homem, e o encaminha para a felicidade. Tenho visto, meu Attico, que vos apraz por ex-

tremo a theoria dos circulos e quadrados, e das outras estereis figuras Geometricas, que vós tambem combinais, comparais entre si. Conheço que sabeis calcular a utilidade das producções da Arte, e da Natureza, que julgais indispensavel o exacto computo dos tempos, e a miudissima, e impertinente descripção da terra que habitamos, e que reconheceis como hum alicerce da vossa vida civil o estado da Historia do Mundo que como huma tocha acceza deve ir diante de todo o homem bem educado. Mas todos estes conhecimentos, e estudos, de que estais enriquecido serião no todo, ou em parte vãos, se vós os não tivesseis como enxertado no fructifero tronco da Filosofia Moral. Separados desta, serião outros tantos ossos de hum esqueleto sem polpa, e outras tantas maquinas sem movimento. Esta Moral Filosofia lhes dá alma, e força, e as torna uteis, e necessarias á medida que servem de soccorro ao homem. Eis-aqui porque depois de vos haverdes dado incançavelmente ás Mathe-

maticas, sciencias naturaes, filologias, e antiguidades, com incrivel deleite meu vos vejo, como Socrates, tornar aos braços desta só util Filosofia, como a hum paternal, e mui seguro asylo. Ora na verdade, meu Attico, se lanço os olhos para o nascimento do homem, vejo que elle rompe do utero envolto em ignorancia, com o animo informe, que apenas dá signaes de movimentos fisicos. Dahi a pouco se torna tão offuscado pelas falsas preoccupações de que seu peito se embebe pela roim educação, que lhe podemos chamar antes hum tronco animado, que hum animal discursivo. Ainda avulta pouco, e he pequeno de estatura, mas já he gigante em os males. Ainda que seja dotado de razão, de nenhum soccorro lhe serve, porque esta, como adormecida em seu mesmo throno, lá vive fechada; porque em fim ainda está desprovida de idéas, que ajunte, que separe, que combine, que disponha, que clasifique, e que dellas tire justas consequencias, ou luminosas verdades. En-

tra finalmente neste sanctuario da alma a Filosofia Moral, e assim como hum pedaço de marmore se torna estimavel, e appreciavel á proporção que Bernini, ou Girardon, ou Canóva o haja acepilhado, e affeiçoado, assim tambem á proporção que a Filosofia Moral começa a cancelar, e apagar as desordenadas impressões, a arrancar as falsas preoccupações, a emendar, e encaminhar as desviadas, e errantes inclinações, e apenas começa a imprimir sentimentos de honestidade, de justiça, de prudencia, de Religião, e de sólida sabedoria, o homem se torna justo, virtuoso, politico, sabio, e erudito.

Em segundo lugar, entre todos os Seres animaes só o homem he susceptivel de beatitude, como o unico, entre todos, dotado de razão. Porém esta beatitude depende necessariamente da prática dos deveres, e para cumprir com estes deveres, he indispensavel o conhecimento, que considera por todos os lados estes mesmos deveres: este conhecimento só pó-

de ser dado pela sciencia dos costumes. A primeira inferencia que podeis fazer he esta, que a sciencia dos costumes nos póde tornar felizes, porque contrapeza nossas acções, analyse nossos juizos, e examina seriamente nossos desejos. Ella nos ensina a conhecer, e a refrear o desgraçado pendor que nos leva para o mal, a remover tantos obstaculos que retardão nossos passos pelos caminhos da virtude, ella finalmente nos adéstra a prezarmos mais o espirito que o corpo, mais a virtude que o prazer caduco e momentaneo, mais a Religião que a vida mortal, mais o Ente Supremo, que a nós mesmos. Juntai a isto, meu Attico, a lembrança de que o homem possue a grande arte de se mascarar, e de apparecer ao Mundo como de facto não he. Oh quantas máscaras tenho conhecido, e ainda conheço, e vós conheceis tambem, porque observais de perto este vastissimo Theatro! Só o conhecedor, o possuidor da sciencia moral, sabe levantar estas máscaras, sabe lêr nestas

superficies. Assim como hum perito Architeto á vista de hum só pedaço de edificio sobrevivente ás injurias do tempo, expõe só com aquella despresada antigalha todo o desenho, ordem, e disposição do destruido edificio: assim tambem do semblante, da circulação do sangue, das compâpanhias, da applicação, do estudo, do fallar, e do escrever de hum homem, o estudioso da sciencia moral, chega a conceber no animo o plano inteiro da vida de outro homem, e a debuxar exactamente os lineamentos, os contornos, e as feições mais miudas, e escondidas. Por ventura não distinguimos nós mesmos nesta corte com huma simples vista do ar, e do vestido, ó Alemão do Inglez, o Arabe do Moscovita, o Hespanhol do Italiano. O mais insignificante mestre de dança, entre huma mascarada, ou encamizada, como dizião nossos bons Avós, distingue o Inglez do saltante Francez no vortice tremendo de huma contradança. Não terá pois trabalho algum o Filosofo Moralista em reconhecer pe-

los signaes exteriores o coração humano. Vós sabeis que hum agudo Fisionomico, como ha pouco forão Lavater, e Gall, taxou a Socrates de lascivo, e sabeis que Pirro, Rei dos Epirotas, mais conheceo o valor Romano da attitude, e sito dos cadaveres, que de ter com elles combatido; e Sallustio, escrevendo dos sequazes de Catilina, disse: - Acabada a batalha; era notavel vêr com quanta audacia; com quanta força tinha pelejado o exercito de Catilina. - Este mesmo Catilina muito longe dos seus, foi achado entre os cadaveres dos inimigos: ainda respirava hum pouco, conservando no defunto semblante a mesma ferocidade de animo que se lhe havia observado em vida. Ainda que Tiberio se occultasse aos olhos dos Romanos para se não dar a conhecer por aquella raposa politica, que na verdade era, não se occultou aos olhos do lince Tacito, que de longe, e já tão longe, vio mais, que seus mais intimos, e confidentes Cortezãos? Disto podeis concluir, que o estudo Moral

he utilissimo ao theor de nossa mesma vida.

Mas não são só estas as vantagens, e as qualidades deste estudo: eu me persuado que he necessario e indispensavel para todas as outras artes, e sciencias, isto he para as conhecer, e exercitar com perfeição; e começando pela Poezia, quem não sabe, que os Poetas especulando a natureza das coisas, dirigindo os costumes, refreando os appetites desordenados, expondo mysteriosos segredos, engenhosos symbolos, e dando mui doutas, e salutiferas lições, estudão a sciencia Moral, e lhe misturão seus dictames com huma força, e artificio tal, que sempre agrada a hum animo bem disposto? Este he o motivo porque Solon, Lycurgo, e Dracon, quizerão dictar, e promulgar suas leis em versos. A obra de Homero não he tanto hum Poema, quanto hum admiravel composto, e engenhosa têa de preceitos moraes. Grande parte da Santa Escriptura está escripta em versos. Os bons Poetas pois, embriagados, (dai

venia a esta expressão) de hum certo furor divino, ou extase, quasi se levantão sobre a materia, e reunidos a seu primeiro principio, dão, poetando, preceitos moraes, com tão admiravel maneira, que arrebatão, ou transportão docemente quem os escuta, ou os estuda. Muito mais dado a esta sciencia deve ser dado o Orador, de tal maneira que os antigos julgavão a Oratoria, e a Moral huma unica sciencia, com tão estreita alliança entre si, que jámais se podião separar; e dizer Orador, e homem de bem, era dizer a mesma coisa. Assim o julgou Demetrio Falereo, assim Pericles, assim Demosthenes, assim Isocrates. O mesmo Tullio, que tanto soube, e tanto escreveo em ambas as sciencias, ingenuamente confessou que toda a sua eloquencia fôra por elle adquirida não em as officinas dos Rhetoricos, porém nos Salões da Académia; preguem-me embóra quanto quizerem, e venha mais zeloso Orador invectivar contra meus appetites, e depravadas inclinações, se elle

não começar de filosofar sobre suas causas fisicas, e de expor a maneira porque se irritão, e accendem, e qual seja sua influencia no moral, e no fisico do homem, poderá mui bem aturdir-me os ouvidos, mas não me convencerá a razão. Direis, meu Attico, que he hum grande absurdo prégar do homem sem haver estudado o homem, e eu respondo, que na verdade he hum grande absurdo, mas he o que eu com mais frequencia encontro. Querer prégar do homem sem lhe conhecer a Natureza, e as causas, e irritamentos fisicos de suas funestas paixões, he o mesmo que querer curar a febre sem se chegar ao doente, e sem lhe tactear o pulso.

Em quanto ás leis, vós sabeis que ellas são huma applicação do direito da Natureza, e que he indispensavel o conhecimento da Natureza humana para o conhecimento, e estudo da Legislação. Ora, meu Attico, na Terra não ha coisa mais divina que a Razão humana, a qual engrandecida e illustrada merece com justiça o titulo,

e o nome de sapiencia. Nella se contém os germes de todas as sciencias, e as leis não são outra coisa mais que o desenvolvimento da sabedoria. Disto podeis inferir com segurança, que todos os Seres pensantes são outros tantos Legisladores. Esta razão rectificada seria por si só capaz de tornar feliz o homem, se elle vivesse solitario. Porém como os homens se virão obrigados a deixar este estado, e a se juntar em sociedade, vivem em huma continua guerra nascida, e ateada da interminavel desigualdade de suas forças naturaes, e adquiridas. Para impedir, ou acabar esta guerra se tem formado tantos direitos os quaes não são mais que diversas modificações, cujo tronco he a lei da Natureza ou a mesma razão. Esta razão fixa, e determina os interesses em todos, inculcando, e insinuando no estado civil a união, e conformidade das vontades, no estado politico a pontual observancia dos pactos reciprocos; e quando se trata do direito das Gentes, manda esta razão, que na

paz se faça o maior bem, e na guerra o minimo mal. Todos os Povos da Terra se governão pela razão, e as leis politicas, civís, e das gentes só se devem derivar da razão. Daqui se segue que, variando o fisico e moral quasi infinitamente em toda a Terra, devem muitas leis ser relativas ao clima, ao terreno, ao sitio, á população, ao methodo ou genero de vida, ou exercicio, e devem referir-se tambem aos gráos da liberdade civil, ao Governo, ao commercio, e até ás mesmas preoccupações nacionaes. Eis-aqui porque, sem lerdes Montesquieu, podeis saber, que o conhecimento do homem deve ser a primeira, e he a mais segura baze da sciencia da Legislação.

E indo avante com este meu raciocinio, acho que os verdadeiros Medicos devem possuir em gráo supremo esta sciencia, porque a maior parte das doenças perigosas nascem das intensas paixões do animo. Quantos tem morrido abrazados, suffocados em intenso, e repentino fogo de colera? A quantos tem dado a morte a desmedida avare-

za, a ambição a intemperança, e hum amor mal logrado, e mal correspondido? A quantos tem acabado huma profunda tristeza! De mim vos sei dizer, que encaneci prematurissimamente por hum excesso de melancolia em que me lançou o estado de cruelissimas privações, estado que eu podia julgar commum com muita gente; mas se me era igual na desgraça, talvez não o fosse na sensibilidade. Deixemos isto, que a ninguem interessa. Os bons Medicos tem cuidado de expiar attenta, e agudamente as qualidades moraes dos enfermos. Hypocrates foi reprehendido acremente por Antifanes, porque se attinha unicamente a curar as dores do corpo, sem livrar primeiro o animo de toda a angustia, soltando-o das pezadissimas cadêas das amotinadas paixões; parece-me que com muito acerto disse a simbolisadora antiguidade, que Apollo tinha mandado Esculapio á Terra para curar o corpo, e a Platão, agudissimo Moralista, para curar o animo.

Para abranger tudo, eu vos direi

francamente, meu Attico, que o estudo do homem he essencialmente necessario áquella parte dos Theologos que se chamão Casuistas, que, com tanto escandalo dos bons costumes, e com tanto detrimento da sã consciencia, se hão dividido em tantos bandos e facções. Ainda que o primeiro fundamento de suas regras deve ser a Revelação, o segundo deve ser tambem o claro conhecimento moral do homem. Mas este estudo se desconhece, e se despreza, e se lhe substitue a authoridade, e o maior numero dos que decidem. E se Athenas disse, que, excepto os Medicos, não havia no Mundo coisa mais louca que os Grammaticos, eu direi, que, excepto os Grammaticos, não ha coisa mais ridicula no Mundo que os Probabilistas.

Huma igual necessidade deste estudo eu vos poderei mostrar na Historia civil, a qual he huma verdadeira escóla prática de Moral, de Economia, e de Politica. Tambem direi que he immensa a influencia deste estudo em quem quer exercitar com glo-

ria a Pintura, e Esculptura, à Architectura. Os melhores Pintores, e Esculptores se derão incessantemente a este estudo. E na verdade como poderia Parrazio pintar sem hum profundo conhecimento do homem o genio dos Athenienses, sempre vario, colerico, injusto, instavel, vacilante, clemente, piedoso, altivo, ambicioso, manso, feroz, e medroso a hum mesmo tempo? E deixando os antigos para quem só os antigos são homens, existem ainda agora, posto que roubadas, portentosas obras dos Pintores, e Esculptores Italianos que o attestão, e confirmão. Existem, sim, obras dos Rafaeis, dos Guidorenos, dos Salvadores Rosa, dos quaes se póde dizer, *sculpta putes, quae picta vides*. Existem obras dos Migueis Anjos, dos Berninis, que fallão aos olhos, ás paixões, ao coração; muitos delles parece que tem vencido a mesma Arte, e a mesma Natureza. Outro tanto se póde dizer da Architectura, a qual com a diversidade de suas ordens nos faz conhecer melhor a na-

tureza das coisas que se querem exprimir. E com effeito Vitruvio observou, que na construcção dos Templos se seguia a ordem que melhor representava o caracter da Divindade a quem erão dedicados. Taes são, meu Attico, os altos predicados daquelle estudo do Homem Moral, que tanto vos recommendo como o unico, que envolve em si os germes, e os principios de todas as sciencias, e artes; estudo no qual achareis sempre, e invariavelmente, não só hum sobrehumano deleite, mas huma sólida, e segura utilidade.

CARTA XXII.

MEu Attico, tendo-vos fallado do estudo do homem, he justo que vos falle do thesouro mais precioso que o homem possue que he a razão. Eis-aqui o dote que o faz grande, nobre, respeitavel, e, seja licita a hum Filosofo huma só hyperbole, quasi di-

vino. Quem diz razão no homem, não diz mais que calculo, e quem calcula não faz mais que combinar as causas, as relações, os effeitos, os fins, e as forças dos objectos que se apresentão a nossos sentidos; e quem combina estes objectos investiga a verdade: este he o objecto de todas as nossas indagações; porque eu entendo, que entendimento, ou razão, he aquella força da alma, com a qual, e pela qual se investigão as verdades. Ora pois, ainda que esta seja em Filosofia a materia mais abstracta, com tudo, eu me persuado que chegarei pela analyse, sem enfase mathematico, a tornar-vos muito perceptivel esta tão abstrusa, e recondita materia, e para isto he preciso começar pela consideração dos actos da mesma razão, ou entendimento. Quando medito seriamente em a natureza da alma, não posso duvidar, que ella consista na perenne cogitação, assim como a essencia do corpo consiste na extensão sólida; e estou convencido, que, assim como as diversas figuras do cor-

po são outras tantas diversas modificações da extensão sólida do mesmo corpo, assim tambem o julgar, o inferir em silogismo, o reflectir, compor, abstrahir, ordenar, querer, são outras tantas como modificações do pensamento. Ora assim como he impossivel conceber huma materia sem extensão, assim repugna (confundão-se os Filosofantes da escóla Sceptico-Encyclopedista) querer idear hum espirito sem cogitação; e assim como não póde existir variedade alguma nas fórmas sem movimento, da mesma maneira todo o acto da alma, sem a vontade, seria inutil; a vontade os fixa, a vontade os torna uteis, e lucrativos. De tudo isto se deduz que a marcha do entendimento na indagação da verdade he esta, primeiro hum acto da vontade determinante, e com este conhecer as coisas como são em si, depois conhecer seus resultados, depois combinallos entre si, e com outros objectos. O primeiro acto chama-se perceber, o segundo julgar, o terceiro discorrer. Em tudo isto se

póde proceder ou das idéas claras, faceis, e simplices, ás difficeis, vagas, e compostas, ou pelo contrario; o primeiro passo se chama ordem analitica, o segundo sinthetica. Supponde, meu Attico, que tendes para analysar o fisico do homem; começais a descrever por miudo hum a hum todos os seus fluidos, depois todos os seus sólidos, classificando-os segundo sua varia consistencia, e concluiz finalmente, que a inteira maquina do homem consta, ou he composta de fluidos, e de sólidos juntamente. O outro methodo chama-se sinthetico, quando vós dizeis, querendo conhecer o homem, a structura humana se reduz á theoria dos fluidos, e dos sólidos, e depois ides passo a passo enumerando, e classificando estes mesmos fluidos, e estes mesmos sólidos. Daqui podeis concluir, que o methodo não he outra coisa mais que o meio de que a alma lança mão para chegar ao conhecimento de qualquer verdade. Além destes actos ainda descubro n'alma outra faculdade mais, com a

qual procede em suas ingadações que he separar as idéas que são de sua natureza unidas, e unir aquellas que são de sua natureza separadas; dizendo: a celeridade do globo A he o triplo da celeridade do globo B, ou a Dialetica de Cicero he maior que a de Chrysippo. Formo huma idéa de bruto e homem e toiro, homem e ave, mulher e peixe, e formo o Minotauro, o Hyppogryfo, e a Serea dos Poetas. Aqui tendes, meu Attico, a que se reduzem quantas Logicas tem pejado a Republica das letras. A alma, o entendimento, o espirito produz estes actos em todas as suas funcções, e piza estes caminhos na indagação da verdade, que he o seu unico termo. Isto está dito, e mil vezes dito em sempiternos volumes desde que as letras começarão seu florescente Imperio na Grecia, e acabarão nas mãos dos exterminadores Francezes. Eu devo escrever-vos coisas não escriptas; sabei, meu Attico, que este Entendimento que produz tantos actos, he a coisa mais debil, e apoucada que tem

o Universo; esta debilidade he huma condição de nossa natureza, não ha coisa mais fraca na verdade, e vós o podeis conhecer pelo trabalho, e afan que sente para conseguir as sciencias, e as artes: e ainda o conhecereis melhor pelo interminavel numero de coisas duvidosas, e falsas que ha, pois vos digo, meu Attico, como fructo de meus estudos e teimosas applicações que em Filosofia não ha mais que hypotheses, e opiniões. Na terra, não ha nada positivo, senão o que he revelado. O sabio, isto he, o Filosofo verdadeiro, encontra em tudo obstaculos insuperaveis, e soffre continuas alienações quanto mais se applica. Vós podeis ainda reconhecer a pequenez do Entendimento quando reflectirdes que o que se diz o maior homem apenas basta para huma sciencia, ou para hum só genero de saber, e muito melhor o conhecereis, se quizerdes attender para a summa difficuldade que ha em perceber todas as relações, todos os fins, todos os absurdos das coisas, todas as repartições,

contradicções, e enganos que ha nos mais exactos calculos. Finalmente, conhece-se a fraqueza do Entendimento pela sobeja miudeza com que se demonstrão as coisas conhecidas, pela multiplicidade dos Systemas incapazes, e insufficientes para explicar com clareza, e com certeza qualquer fenomeno, pela ambiguidade e incerza das experiencias, pela difficuldade em comprehender, e pelos estreitos limites do nosso decantado saber, que por toda a parte tópa com barreiras inaccesiveis, que fixão columnas intransgrediveis aos nossos Hercules pensadores.

Ha gravissimas difficuldades nas linguas mortas, e vivas, na Geografia, e na Chronologia. Encontrão-se duvidas irresolviveis na Critica, na Diplomacia. Tem seus nós indissoluveis a Historia. Nada direi da Sciencia Medica; tomara na verdade que chegasse ás mãos de todos o gravissimo Tratado de Leonardo de Capua, no qual mostra, até á saciedade, que nada ha demonstrado, nem certo em

a Medicina. Ora assim como a Sciencia do Arcano entre os antigos Sacerdotes Egypcios não se communicava senão aos iniciados, e incircuncisos; assim só he dado unicamente aos pensadores pacientes devisar ao longe o inaccessivel das sciencias. E com effeito, meu Attico, filosofica, e humanamente fallando, quem soube até agora qual seja a natureza da nossa alma? Sabemos que he indestructivel, porque no-lo diz a Religião: *Animam autem non possunt occidere.* Quem soube até agora a maneira porque pensa, discorre, entende, e busca o bello, a estima, e a felicidade? Quem soube até agora, como sendo o espirito immaterial occupa hum espaço no corpo, e recebe as impressões externas? Quem póde assignalar a causa porque siga as alterações do seu fysico instrumento, que he o corpo? Como entrando a informar a materia appareça distincto, e diverso em tantos milhões de Seres viventes? E sem sahir do homem, quem expôz até agora com clareza a conceição do fe-

to? Nasce, e procede acaso este feto da mistura de ambos os spermas, ou sómente nasce do sperma do homem? Quem sabe se no ovo esteja encerrado hum homunculosinho, e neste o germen, ou a semente de outro até ao infinito, assim como nas sementes das plantas? Tem acaso o sperma força de arrancar, ou despegar o ovo do ovario, ou sómente o galla, e o fecunda? O sperma entremettido nas partes interiores do ovo, o coagúla, ou só dá movimento ao coração para que oscille? Finalmente, faz-se, ou não se faz huma nova digestão no feto? Deixo outras duvidas ainda mais insupeveis no fysico do homem.

Remonto-me, ou levanto-me a coisas mais arduas, onde vereis desmaiar a Filosofia sem os soccorros da Revelação. Quem soube até agora conciliar a liberdade com a Providencia Divina? Quem soube fixar, e determinar filosoficamente a origem dos males, ou dar huma idéa clara do justo, e do injusto, ou assignalar a precisa época do principio, ou origem das so-

ciedades civis ? Concluamos pois , meu Attico , que o Entendimento he de sua natureza debil , e limitado. Esta , e não outra , he a causa porque vive sugeito a tantos erros , os quaes ainda que muitos , e graves , se reduzem aos males originaes da ignorancia e das paixões. Em o seio da Natureza , quasi todas as coisas são complicadas, e por isto he preciso considera-las debaixo de todos os aspectos. Vós chamais grandes a Cesar, e Alexandre; como homens sociaes , são nocivos. Vós admirais Vasco da Gama , e Fernando de Magalhães como dois famosos descubridores ; mas como navegantes são dois solemnissimos temerarios. Ha summa difficuldade em considerar hum objecto debaixo de todos os aspectos, e muito maior difficuldade ha ainda em achar hum homem, que, como eu, esteja seriamente convencido da propria fraqueza. Quasi todos os homens, em vendo hum objecto julgão ter visto tudo quanto se póde ver , eis-aqui porque se enganão ; estes enganos não tem outra fonte mais que a ignoran-

cia. Eis-aqui porque a maior parte dos homens, sem se embaraçar com a legitimidade das premissas, chega subitamente aos resultados. Falla-se, por exemplo, de algum ajuntamento, ou congresso de homens: porque hum he discolo, ignorante, e impostor, logo todos os outros são impostores, ignorantes, e discolos. Pelo contrario, se se conhece hum mediocremente instruido, honesto, retirado, logo todos os outros são sabios, e irreprehensiveis. Basta, meu Attico; estas materias não são para o tempo, isto era só bom lá para aquelles que tinhão vontade de se entisicar com profundas meditações, isto era bom para aquelles Genios avessos que querião chegar pela analyse ao intimo conhecimento do homem: vá fechar-se Des-Cartes em huma casa ao pé de Amsterdão, e Espinosa em outra nos suburbios da Haya, quebrem lá as cabeças para resolverem taes problemas. Agora ha outra sciencia mais vasta, que comprehende muito mais; e quem a possue, possue todas as sciencias, e he capaz

de ser Legislador do Mundo, analysador das Leis, como Montesquieu, e Filangieri, General de Exercitos como Eugenio, e Montecúculi, Moralista como Montagne, Filologo como Justo Lipsio. Sabeis, meu Attico, que sciencia he esta? Não he o portentoso Systema scientifico de João Baptista Vico, he a Gazeta. Não vos assombreis. Se em huma sociedade mostrardes huma milagrosa comprehensão, e derramardes rios de erudição, sereis tido por hum ignorante importuno; mas sereis levado a ferir os astros com a sublime cabeça, se vós disserdes em tom enfatico: - A guerrilha do Chaleco matou sete, a do Caracol matou nove, a do Cura retrogradou, e tomou posições, esperão-se os *detalhes.* Consumadissimo litterato! Ouvireis dizer de toda a parte. Os calculos deste profundo Genio destróem as debilidades Peninsulares! Que lastima! Ah meu Attico, meu Attico, eu farei que não morrão as sciencias ás mãos das barbaras Gazetas! (*Estas Cartas forão escritas de* 1809 *a* 1812.)

CARTA XXIII.

SIm, meu Attico, he preciso salvar as sciencias do cahos em que as querem fazer entrar; ao menos sustentar, conservar dellas algum vislumbre entre tão espessas trévas da ignorancia, que vão pousando na terra, e saiba ainda algum dia a Posteridade que na epoca do grande Diluvio das Gazetas houve hum Noé que se escapou do universal naufragio no meio do Oceano sem margens da Estupidez. Eu vos vou tratar materias que occupárão vantajosamente os homens antes deste Diluvio. Sabei, meu Attico, que sempre se deo o especioso titulo de Genio nobre a Pithagoras, a Socrates, a Platão, a Aristoteles, a Epicuro, a Cicero, a Seneca, a Tacito entre os antigos, e á Bacon, a Grocio, a Hobbes, a Puffendorfio, a Des-Cartes, a Galilêo, a Locke, a Leibnitz, a Newton, a Bayle, a Montesquieu, entre

os modernos, não porque em suas obras houve aquelle fogo, aquelle enthusiasmo, aquelle sopro divino que anima os Poetas, os Pintores, e ainda os Historiadores, que fazem fallar os objectos de que tratão; más porque forão grandes pensadores, e porque ou creárão, ou milhorárão muitas coisas scientificas. O vocabulo genio, vem de gerar, produzir, crear, e aquelles, por haverem produzido coisas novas, se chamão homens de grande genio. Mas acaso todo o inventor merece este titulo? Não. Os inventores do papel, da prensa, da polvora, da bussola, dos telescopios, não se devem reputar outros tantos homens de genio, como os Archimedes, Architas Galileos, Torricelis; porque taes invenções, como fortuitas, e casuaes, não merecem ser comparadas com partos mais prodigiosos do engenho humano. Daqui se segue, que não basta que os partos sejão novos e peregrinos, he preciso que tragão comsigo o interesse publico. Não me digais: Pois houve coisa mais util que

a prensa, que a bussola, que a enxada, que o moinho? Sim, são coisas uteis, mas são filhas do mero acaso, e posto que os grandes genios que vos digo não inventassem todas as coisas de que tratarão, sempre vos posso dizer que as fizerão novas pelo modo com que as exprimirão, e exposerão. Desde o tempo de Platão, os Aristotelicos, e os Estoicos se dividião em bandos, disputando que se não podia representar coisa alguma no entendimento, sem que ao mesmo entendimento fosse communicada pelos sentidos. Mas esta proposição tratada nestes ultimos tempos por Locke recebeo tanta clareza, tanta formosura, tanta valentia que se póde reputar huma coisa inteiramente nova, e que torna a defeza absoluta das idéas innatas coisa não só pueril, mas vergonhosissima. Kepler achou as léis da gravitação dos corpos, Newton, applicando-as ao Systema Celeste, as revestio de tanta novidade que lhes pôde chamar privativamente suas. Outro tanto se póde dizer de Copernico, e

do immortal Galilêo. O primeiro tirou felizmente a nova luz, a já como amortecida opinião de Nicetas Siracusano sobre a mobilidade ou movimento da Terra á roda do Sol; mas esta mesma opinião sendo magistralmente tratada por Galilêo, recebeo tanta força, tanta actividade de movimento em seus dialogos, que fazendo-a sua, creio que com ella continuará a Terra a mover-se sempre. Eis-aqui porque Locke, Newton, Copernico, Galilêo, tomando entre mãos argumentos não novos, pela nobreza, e elevação de seus discursos, pela facilidade de se exprimirem se tornarão dignos de fazer época, e dignos de se contarem no catalogo dos grandes, e portentosos genios. De tudo isto, meu Attico, podeis inferir, que se póde fazer época em qualquer sciencia, e arte; porque entrando em cada huma dellas a invenção, a melhoria, a perfeição, e a viveza em exprimir-se, em cada huma dellas póde haver celebradissimos Professores. Tem homens de genio a Filosofia, a Historia, a Poesia, e a

Mathematica , e finalmente tudo o que se chama boas Artes. Até se chega a fazer época com alguns gráos progressivos que se ajuntem ao já inventado; porque sendo os principios das coisas em si rudes , e imperfeitos , não podérão seus inventores fazer época , porque com os principios só , não se tornárão insuperaveis; taes forão Hypocrates , Cicero , e Grocio. Eis-aqui o motivo porque para se fazer singular he preciso que a razão se eleve a hum certo gráo de perfeição , ao qual nem sempre , nem a todos he dado subir. A razão entre os Romanos foi tenra, ou nasceo com Remulo; mas passo a passo se foi engrandecendo , e subindo no tempo dos Reis , e muito mais subio no tempo dos Consules , até que no seculo de Augusto chegou ao maior cumulo de possivel esplendor : dalli a pouco começou outra vez a descer , e por mais de mil annos jazeo embrutecida , e barbara , porém começou de novo a romper das sombras , e a fulgurar em o seculo 13.º para o 14.º, e fez até á época do gran-

de Diluvio das Gazetas incomprehensiveis, e pasmosos vôos por toda a Europa culta, e hoje depois do tal Diluvio semi-barbara. Persuadi-vos, meu Attico, que alterando se continuamente os gráos da razão, como se alterão os do Barometro, nem em todos os tempos póde haver homens, que se chamem de genio. Para que hum se distingua entre muitos, necessita de huma extraordinaria concorrencia de circunstáncias, e porque nem todas podem concorrer em todos os estudiosos das Sciencias, e Artes, por isso se devem esperar em todos os seculos muito poucos homens que fação época. Com tudo, tem apparecido tempos felizes nos quaes os grandes genios tem sobresahido nas producçóes, e em o numero; taes forão os tempos de Augusto, os dos Medicis em Florença, os de Luiz 14.° em França, e até na enregeleda Moscovia os de Pedro o Grande; e em Portugal?.. Não sei. Conhecei igualmente, meu Attico, que hum mesmo, e unico homem não póde fazer época em muitas sci-

encias, e artes simultaneamente, ou porque lhe falte o engenho, e attenção em todas, ou porque se ache privado dos necessarios soccorros. Pompeo foi grande Capitão, mas não foi litterato; Leão X. foi hum grande Principe, mas não foi hum grande Papa. Com tudo temos visto Cicero grande Orador, grande Filosofo, grande Estadista; Cesar summo Capitão, e summo Litterato; Leibnitz singular Filosofo, prodigioso Mathematico, grande Historiador, inaccessivel Methafisico; Ganganelli incomparavel Pontifice, sapientissimo Monarca: e nas artes hum Miguel Angelo Buonarota, o qual, sem que vos lembre que foi, escrevendo, hum excellente prozador, e Poeta, foi admiravel Architeto, pasmoso Pintor, e Esculptor. Finalmente, meu Attico, sabei, que todos os grandes genios são outros tantos effeitos de huma fortissima paixão, a qual como os raios do Sol encerrados no fóco do espelho ustorio, congregados em hum só ponto de actividade, constituem o homem no estado

de levar mais avante os gráos dos conhecimentos humanos, e quanto mais cresce a intensidade de huma paixão, tanto mais se augmenta a grandeza dos genios. Dai-me hum homem com disposições bastantes para a Poezia, mas disposições verdadeiras, e não caprichos de vontade, possuido, e dominado de huma violenta, e extraordinaria paixão de gloria, dar-vos-hei hum Poema de hum genero novo com toda a sua possivel perfectibilidade.

CARTA XXIV.

VO's, meu Attico, não só encontrareis a cada pagina dos livros que lerdes, a palavra - Gosto, e bom Gosto, mas a ouvireis frequentemente em qualquer conversação familiar. Há Tratados expressamente feitos sobre esta materia, tão varios, e tão oppostos entre si, quanto he varia a accepção, ou significação, que se dá a este termo - Gosto. Creio que na sua mais ex-

tensa significação denota tudo aquillo que merece estima entre a maxima parte dos homens cultos, e eruditos. Porque Leão X. foi homem de grande gosto nas coisas scientificas, e até nas artes, podereis dizer que Leão X. possuira a grande arte de saber escolher, e determinar quanto de melhor nellas se encontre, estimando só o que nas mesmas artes he nobre, he peregrino, he inimitavel. Dizei pois que os homens de gosto, de bom gosto, de optimo gosto, não são mais que outros tantos diversos gráos de saber entre gentes instruidas nas sciencias, e artes, os quaes tem o conhecimento do verdadeiro bello, do bello absoluto conseguido com longo estudo e fadigas sobre as obras, e producções dos antigos. Isto he n'algumas Sciencias, e Artes, como Pintura, Esculptura, e Architetura. Mas não he o mesmo nos Poemas, nas Tragedias, nas Comedias, na Musica, e mais ainda nos Dircursos Politicos em que por certo não se corre após os Antigos, tidos por Caraíbas, ou Topinambas

nesta parte; mas após a moda, e após aquillo que he mais da paixão do seculo. O homem de gosto em Lima, será julgado agora em París por hum Samoiéda, e tambem o homem de París agora parecerá barbaro aos Hottentotes. Conta Montel Gazeteiro de Filadelfia, que estando hum dia entre os Caraíbas ouvira dois velhos que se queixavão, que a sua Nação estava perdida; e degenerada, e que se parecia já com a Nação Européa. Os meios para chegar a este conhecimento são dois; o primeiro se chama mecanico, qual he o dos Histriões ou Comicos, o segundo he scientifico, e racional, que nasce da analyse profunda que se faz de todos os antigos, e modernos escriptores, e artifices; da analyse, e confrontação de huns com outros, resulta o gosto de julgar bem das obras originaes. Assim como o primeiro he o habito dos movimentos corporeos, o segundo se fórma de hum longo estudo daquellas materias em que se pertende adquirir bom gosto, e para isto he preciso ser dotado de

huma grande felicidade de engenho, e que se haja por muito tempo empregado, e trabalhado sobre hum mesmo objecto. E quanto custa na verdade adquirir hum sólido, e bom gosto nas Linguas mortas, e vivas, na Critica, na Eloquencia, na Poezia, e em todas as materias scientificas! E sendo esta a verdadeira idéa do bom gosto, facilmente podeis conhecer, meu Attico, que se não póde dar hum engenho de hum gosto universal, porque não ha homem que se possa dar todo a todas as materias. Quando pondero esta palavra - Engenho, vejo que quer dizer faculdade de calcular, de combinar, de inventar, e este he o motivo porque huns homens se dizem de engenho, e outros não. Ordinariamente condecoramos com este titulo hum Espinosa, hum Des-Cartes, hum Galileo, e para não fallar nestes senhores só, hum Bourdalue, hum Boileau, hum Pope, e para entrarem ellas tambem, mais que todos estes merecem este titulo huma Laura Bassi, huma Theresa Bandetini, não por-

que hajão inventado coisas novas, porém porque, conhecida a verdade de tantos factos ignotos, tiverão o animo de a exporem com franqueza, e magestade, e porque com suas obras interessarão o publico, e apertarão mais os laços da sociedade. Ora quando se diz engenho penetrante, e engenho profundo, parece que se diz huma mesma coisa, mas se meditarmos mais sobre estes vocabulos, acharemos que são entre si differentes, e sua differença se mede sobre a intensidade das mesmas coisas: eu me explico, chama-se penetrante hum engenho, quando claramente, e depressa concebe huma idéa ainda que seja subtil, vaga, e complicada. Ora assim como o engenho he penetrante quando depressa comprehende, o mesmo engenho he profundo quando concebe todas as relações de huma coisa, mediante huma analyse que reduz tudo a idéas simplicissimas, claras, e distinctas. Se hum homem chegasse a conhecer até que ponto podem todos os outros homens chegar com es-

ta analyse, este homem conheceria toda a força, toda a profundidade dos engenhos humanos. Profundos forão entre os antigos, Platão, Aristoteles, Cicero, Horacio, e Tacito, e depois de renascidas as letras, Bacon, Des-Cartes, Galileo, Locke, Catk, Bolimbroke, Bayle, Leibinitz, e Vico. tudo isto nasce da grandeza, e vastidão de seus entendimentos creadores; e por esta mesma razão se chama profundo aquelle dito que em poucas expressões comprehende, e encerra muitas idéas, por exemplo, he profundo aquelle dito de Tacito, quando escrevendo de Galba disse, seria digno do Imperio se não imperasse. Nestes ditos profundos o mais admiravel de todos os Historiadores he Floro. Representou todas as acções de Annibal em poucas palavras quando disse, que, podendo servir-se da victoria, antes quiz gozar da mesma victoria. Em hum pequeno quadro representou toda a vida de Scipião quando, escrevendo da sua infancia disse, que elle crescia para a a destruição de Cathargo: *Hic erit*

Scipio, qui in exitium Africae crescit. E finalmente fez ver o grande caracter de Annibal, a situação do Universo, e a Grandeza Romana, quando disse, que Annibal fugitivo buscava por todo o Universo hum inimigo para o Povo Romano: *Qui prófugus ex Africa, hostem Populo Romano toto orbe quaebat.* Eis-aqui, meu Attico, a que se chama engenho profundo, e nesta repartição, hoje tão rara na Terra, eu vos posso dizer com verdade, que nós os Portuguezes não cedemos a nenhuma das Nações que se dizem mais cultas, e litteratas.

Rematarei estas reflexões sobre as varias qualidades, ou propriedades do engenho humano, fallando-vos de huma coisa a que neste seculo, e no passado se começou a chamar espirito forte. Commummente se dá hoje este epitheto de espirito forte, a todos aquelles que promoverem o scepticismo, muito particularmente em materia de Religião. Taes são os Scepticos, Pantheistas, e Atheos, taes são outros de menos polpa chamados In-

differentistas, e Epicureos, estes dois ultimos bandos são immensos. Eu não pertendo instituir huma formal disputa; sempre vos digo que estes campiões, mais se devem chamar espiritos fracos e debeis, que espiritos fortes. Como he possivel que se chamem espiritos fortes huns homens que á vista da Natureza, onde reluz, e fulgura omnipotencia, sapiencia, symetria, immensidade, ordem, e exactissima proporção entre os meios, e os fins, se atrevem a negar seu Artifice, e a calumniallo, despojando-o de seus necessarios attributos? Merecem acaso o nome de fortes porque á vista de tanta evidencia, tem o descaramento de parecerem freneticos, negando, porque querem negar? Estes mentecaptos, como apostatas da Natureza, não merecem similhante nome. Meu Attico, o espirito verdadeiramente forte he aquelle, que he sempre, e verdadeiramente grande. Eu chamarei espirito forte a Cicero, por exemplo, entre os antigos, porque não teve igual na elevação dos pensamentos, na ma-

neira de os exprimir, e na igualdade de eloquencia que em toda a parte faz apparecer e brilhar, não havendo huma só pagina em suas obras em que se não mostre grande; dizei o mesmo de Tacito, e quasi o mesmo de Seneca; e onde encontrardes hum homem grande, chamai-lhe hum espirito verdadeiramente forte, e não deis este titulo a esses pigmeos duvidadores, que nem dizem, nem sabem a razão porque duvidão.

CARTA XXV.

Muito feliz, meu Attico, he o tempo de nossa infancia! Sua mesma uniformidade fórma, e constitue sua maior ventura. Mas ah! quanto he rapido este tempo! Como foge de pressa, e como está já distante de nós! Porque razão nossa apoquentada vida se não deveria passar na ignorancia absoluta de tudo aquillo que nunca chegamos a saber, e a comprehender

bem, e de tudo aquillo que nunca podemos cabalmente evitar? Neste feliz tempo he a nossa alma como hum papel em branco que o entendimento não manchou ainda com a sua tinta, nem o vicio enxovalhou, nem as magoas, e os pezares ou dividirão, ou rasgarão! A indifferença he a base da ventura daquelles preciosos momentos, então se goza, e se possue huma fe-lecidade invisivel. Quando huma paixão occupa, e tyranniza o coração eclipsa tudo aquillo que he estranho a seu objecto; o amor, por exemplo, nos priva de todos os prazeres que elle não dá. Pelo contrario, a indifferença nos deixa gozar de tudo. Quando nos não predomina appetite algum tyrrannico, e violento, tudo nos convém. As potencias da alma estão como divididas, e espalhadas, e se atem a todos os objectos que se lhes offerecem, em quanto algum sentimento profundo as não absorve, para as reunir em hum só ponto. Mas he coisa triste, meu Attico, que perdida que seja huma vez esta indifferença de que

vos fallo, nunca mais torna, nunca mais a podemos encontrar. O vacuo que succede ás paixões não he o da calma, e do socego, a apathia da fraqueza, não he a paz, e equilibrio da saude, o Sol que nos abraza na Canicula, não he o que produz as flores. Entre quantas qualidades, e virtudes tem a indifferença hum lugar muito respeitavel, e necessario? A mesma razão exige certo cabedal ou fundo de indifferença, a qual está tão distante das paixões, quanto a fleuma do animo está longe da embriaguez, e efervercencia da colera. A Justiça que se não póde desunir da razão, tambem não deve excluir huma especie de indifferença. Que coisa he, meu Attico, huma assizada Filosofia, senão huma nobre indifferença sobre todas as fortunas, e sobre todas as situações? Nesta indifferença consiste a honesta liberdade moral, e o imperio sobre o proprio coração. O animo, o heroismo, a fortaleza, he verdadeiramente a indifferença a respeito da vida. A indifferença he hum meio indispensavel pa-

ra chegar á sabedoria, e conseguilla. Quando o coração não está equilibrado, e tranquillo, a alma não póde livremente usar de todas as suas faculdades. Todo este largo, e longo tecido de exagerações insignificantes, de palavras occas, que se escutão sempre nas conversações, e no ordinario commercio da vida, todo este eterno aranzel de comprimentos que com reciprocos tregeitos se fazem os homens huns aos outros, sem que jámais acreditem huns o que os outros dizem; esta politica, ou urbanidade, que desde o berço se começa a ensinar por principios e regras, a que os estupidos pedantes chamão com seu costumado enfasi hum curso de educação moral; todo o apparato das ociosas cartas de hum tal Lord em que ensina a seu filho a maneira de se apresentar na sociedade com empertigado toitiço, e hum tal garbo que consiste em franzir os cantos da boca para mostrar os dentes risonhos: tudo isto não he mais que a indifferença fallando em tom de benevolencia, at-

tenção, e interesse que nunca houve. Sem este capital de indifferença, dizia o tal Lord ao filho que viajava, não podereis nem entrar, nem brilhar na sociedade, e ainda que vosso coração se leve, e cative ou do merito, ou da virtude, ou da formosura, he preciso mostrar a todos huma absoluta indifferença; porque apenas quizerdes dar preferencia a alguma pessoa, não sereis bem visto das outras todas. Diz-se nos annaes da frioleira Franceza, que Fontenelle chegara a ser amavel aos cem annos de idade, porque nunca amara ninguem; e que não póde haver coisa mais ridicula que mostrar inclinação a qualquer objecto em particular, e que o melhor meio de se fazer estimar, he chegar tarde. A mesma altivez, e orgulho da jerarquia que se occupa, pede huma especie de indifferença, ao menos apparente, porque he hum véo seguro para encobrir sempre os proprios sentimentos. O que nos torna agradaveis, até na conversação familiar, he, parecermos indifferentes sobre nós mesmos, e a

maior lisonja do amor proprio he saber escondello, ou desprezallo. Tudo isto, meu Attico, são principios da escóla do tal Lord, aprendidos pelas universidades das companhias do grande Mundo de París, como elle nos protesta, chegando a tanto a manía do indifferentismo artificial, que até diz que he indispensavel no estado de matrimonio; porque, diz elle, o mais poderoso motivo de se amarem dois esposos por muito tempo, he amarem-se pouco. Ora, se na juventude aquella sensibilidade que nos faz gozar de tudo, tornando-nos tudo amavel, se funda sobre a indifferença natural, e que não póde existir senão antes de huma paixão verdadeira, tambem a velhice deve buscar sua ventura, ou tranquillidade pela indifferença. He a qualidade mais util para a velhice; o velho consola-se em se desapegar com absoluta indifferença de todos os objectos de que não póde gozar, que vai progressivamente perdendo, ou que lhe fogem sobre as ligeiras azas do tempo. Qual será o velho

que possa sem esta apathia, suportar por muito tempo o jugo pezado, ou a interminavel cadêa de dores que o vai arrastrando para a sepultura. Meu Attico, ha muitos annos que he este o poderosissimo remedio que eu opponho aos golpes profundissimos que tenho recebido das mãos da Fortuna, em minha sempre, incommoda, e trabalhosa situação. Nesta triste, e miseravel vida, o maior bem, depois do somno, he aquelle bem que mais com o somno se parece.

CARTA XXVI.

NO's sentimos, meu Attico, em nós mesmos humas inclinações, pendores, ou tendencias taes, que lhe podemos chamar outras tantas propriedades, ou qualidades emanantes da propria constituição ou natureza humana. Ora como o homem he hum composto de corpo, e de espirito, para vos tratar destas tendencias, ou

inclinações, he preciso classificallas, ou dividillas, e assim sem grande apparato de analyse, eu vos posso dizer, que humas são privativamente do corpo, outras privativamente do espirito: tratarei primeiro das do corpo, e depois vos instruirei das do espirito. Primeiramente qualquer coisa existe em quanto he huma, e deixando de ser huma, já deixa de existir. Parti ao meio huma Esfera, teremos não huma Esfera mas duas partes da Esfera. Toda a Natureza se empenha em conservar a unidade, por isso os corpos resistem ás impressões exteriores; e as partes que os compõe se unem estreitissimamente. O ar, a agoa, o fogo, e os outros fluidos, ainda que com facilidade se deixem dividir, tornão por natural tendencia á sua primitiva união. O mesmo se observa nos animaes, nas plantas, e nos metaes. A conservação de si mesmo he huma lei inalteravel em a Natureza. Este he o motivo porque, em todos os semoventes, ha huma mecanica para discernir o util do nocivo, e huma

tendencia para buscar o primeiro, e esquivar-se ao segundo, hum grande impeto, no estado da fome, e da sede para comer, e beber, para amar o deleite, e aborrecer a dor. Outra tendencia conservão os semoventes, que he a procreação da prole: porque como todas as coisas caminhão ao acabamento, e destruição, a todos foi dado o impulso de se reproduzir, e esta varía em todas as especies de Seres, tanto sensitivos, vegetaes, como inertes. Esta natural tendencia seria inutil, se, depois de crearem a prole, a abandonassem, e deixassem; eis-aqui porque vemos em os pais sempre accezo hum fogo inextinguivel de amor para com os filhos: por isso o amor de prole he a terceira impulsão, que a Natureza communicou a todos os Seres animaes semoventes. Nos brutos dura este impulso até ao bastante crescimento, e vigor da prole, nos homens he inextinguivel. Eis-aqui, meu Attico, quaes e quantas sejão as tendencias fisicas.

Entre as do espirito, a primeira he o desejo de saber, o qual parece dotado de huma divina força, que nos arrebata. Com effeito, que ardor de saber, e de instruir-se não devemos suppor em Thales, em Democrito, em Platão, em Anaxagoras, em Archimedes! Muitos destes longamente peregrinarão, outros deixarão o proprio patrimonio, outros renunciarão o throno, outros até não curarão da propria vida. Daqui podemos concluir, ue a Natureza depositava em nossos corações, o germe excellente das virtudes, as quaes, segundo a opinião de Platão, se accendem, e inflammão á vista dos objectos externos, quando a doutrina, e o estudo lhe communica seus poderosos impulsos. Após o desejo de saber, e de indagar, e achar a verdade, vai o desejo da liberdade; e deste tronco rebentão dois ramos, que vem a ser, não querer sugeitar-se a pessoa alguma no Mundo, e querer sugeitar a si todos os seus similhantes; o primeiro nasce do sentimento de igualdade em que nos pôz a Nature-

za, o segundo, nasce do orgulho, ou da de demazia do amor proprio, porque julgamos felicidade sobresahirmos a nossos similhantes. Deste segundo impulso nascem, e procedem todos aquelles que opprimem a humanidade e dimanão todas as guerras civis, a escravidão, e o ridiculo pondonor que senão apagão senão com o sangue das innocentes victimas humanas, tornando muito, e muito verdadeiro aquelle verso proverbial: *Quidquid delirant Reges, plectuntur Achivi.* Temos hum terceiro impulso, pelo qual nos deleita tudo o que he belleza, ainda que até agora se não saiba que coisa seja belleza, e em que consista. Platão a considera como hum lume, hum esplendor da bondade; outros a fazem unicamente consistir na symetria das partes, outros nas fórmas das coisas, outros naquillo que he analogo ás nossas faculdades, outros, finalmente, na variedade reduzida a unidade. Mas o que mais me admira nestas discordantes theorias, he, como a belleza, a qual nasce das Sy-

metrias materiaes, se applique ás moraes, porque muitas vezes dizemos, que huma oração he bella, que são bellas a virtude, e a sciencia, etc. Mas de que maneira, meu Attico, sendo os espiritos simplicissimos de sua nareza, não são todos da mesma tempera? De que modo varião segundo os tempos, os climas, os genios, os sexos, a idade, e a educação? Como são differentes os seus juizos a respeito da belleza quando nos parece que devião ser conformes? Sendo huma a belleza, porque razão varia nos homens até ao infinito seu gosto, e sua idéa? As soluções destes problemas são superiores á minha curtissima intelligencia. Mas seja embora intrincada a idéa da belleza, basta que vos diga que entre todos os animaes só o homem se enamora da medida, da symetria, da conveniencia que as coisas entre si conservão. Finalmente, meu Attico, entre estas affeições, inclinações, ou tendencias d'alma, eu considero em ultimo lugar aquella pela qual o homem busca a sociedade. A origem des-

ta affeição he huma força primittiva, a qual reune tudo em a Natureza, como se vê nos animaes e nas plantas, as quaes nascem em certos, e determinados lugares, onde parece que vivem em sociedade; nasce igualmente da faculdade de fallar, pois foi dada ao homem a palavra para exprimir os seus conceitos, ou pensamentos, sendo-lhe precisa a sociedade para viver feliz; sem ella o homem não poderia subsistir longo tempo. *Fac nos singulos*, dizia Seneca, *quid sumus*, *nisi praeda animalium.*

Destas propriedades de nosso espirito vem a constante força com que buscamos os bens, e fugimos dos males. Chamo bem a tudo aquillo que se encaminha a nosso melhoramento, e perfeição; chamo mal a tudo o que tende á nossa destruição, e conspira em nossa ruina. Porque a inimizade he hum mal, e a amizade hum bem, nós queremos reciprocamente amar; he este hum tão precioso bem, que sem elle toda a nossa ventura, e até a mesma virtude, ficaria aviltada.

Destas primarias inclinações nascem outras que podereis chamar secundarias, como, a inclinação que temos ao justo, ao honesto, ás dignidades, ás riquezas, ás distincções, á felicidade; esta inclinação he a mais activa, e a esta só se reduzem todas as outras. Eu posso dizer-vos, que assim como pegar no arado, romper a terra, formar as leivas, espalhar o grão, mondar a seara, ceifalla, debulhalla, moella, amassalla, cozella, se encerra tudo no unico intuito, ou fim de nos sustentarmos, que he o fim principal; da mesma maneira, a investigação da verdade, o amor da belleza, a liberdade, o dominio, a conversação, a amizade, o desejo de enriquecer, de ser honrado temido, tudo se encaminha a hum unico fim, que he tornar nossa vida ditosa, e bemaventurada. De tudo o que vos tenho dito, podeis inferir, que todas as affeições do espirito se reduzem a duas, a existencia, e a felicidade. E todas as affeições do corpo se referem á procreação da prole, ao amor para com ella, á satis-

fação da fome, e da sede, e ao desejo da commodidade, e do repouso. A's affeições do espirito se referem o desejo de saber, de ser livre, de senhorear os outros, de se aprazer do bello, de ser, ou de parecer honesto, honrado, justo, rico, e distincto. Cuidai, meu Attico, de promover ambas as disposições do espirito, e corpo; porque, sem o prazer da existencia, não se póde viver seguro, e são; e a vida sem tranquillidade, he hum continuo expirar de tédio, e de tormento. Taes são as modalidades da materia, e taes as do espirito. Adverti com tudo que estas expressões - modalidades, - não se devem tomar em todo o seu rigor; porque, sendo o homem, hum ser mixto, não he nem todo corpo, nem todo espirito, compõe-se de ambos elles, he hum ser de huma duplice substancia, ou de duas substancias unidas entre si. Logo no homem não se póde conceber modalidade no corpo separada inteiramente do espirito, nem modalidade do espirito separada do corpo em quan-

to ambos existem nesta união, que se chama vida.

CARTA XXVII.

AOs 49 annos da minha idade, querendo, como costumão fazer todas as semanas os avaros mercadores, dar balanço aos meus conhecimentos, e saber, depois de tantos trabalhos, a fazenda com que me achava, e reconhecer o gráo de opulencia a que tinha chegado, depois da mais escrupulosa resenha, vî que eu tinha corrido hum perfeito circulo, e que me achava precisa, e exactamente, naquelle mesmissimo ponto de que tinha partido, que vem a ser a absoluta ignorancia em materias da Filosofia, a que Kant se lembrou de chamar transcendental. Depois do principio de minha carreira, e quasi até ao fim, eu me persuadi que sabia cousas que eu queria saber; agora vejo que as ignoro tanto, quanto as ignorava,

quando comecei de as estudar. Aprazme ir fazendo hum exacto, e circunstanciado rol de todas ellas, e esta minha ingenua confissão, obrigará talvez aos que forem ingenuos, e sinceros a confessar, ou concordar comigo nesta tristissima verdade: Somos condemnados a huma absoluta ignorancia a respeito de certos objectos cujo conhecimento reservou para si seu autor, e supremo Creador de todas as cousas: ou mais intelligivelmente fallando: O maior Filosofo he hum pedaço d'asno sobre certos objectos de que mais se tem escrito, fallado, e disputado. Newton, e hum Cabreiro são a mesma coisa; Leibnitz, e minha avó são gemeos em conhecimentos de coisas em que a todos os momentos se falla, e se disputa. Eu começo affoito este portentoso rol. Nem eu, nem ninguem saberá jámais que coisa seja *Espaço*. Sim, *Espaço*. Dois homens, tão abalisados em Filosofia como Clarke, e Leibnitz se descompozerão regateiralmente sobre este objecto, e ficarão na mesma ignorancia

em que eu, elles, e hum rebatedor de bilhetes estaráõ em quanto viverem sobre esta materia. Todas as suas indagações tiverão por seu resultado esta difinição. O Espaço, considerado *in abstracto*, he hum mero nada; e considerado nos corpos, e em torno dos corpos, he o mesmo, que dizermos huma extensão, em parte vacua, em parte cheia de materia. Ora depois deste resultado dos mais laboriosos estudos, eu torno a perguntarme. Que coisa he *Espaço*? Fico da mesma sorte, e na mesmissima ignorancia. Newton o Grande, tão solemnemente asneou, que veio a dar com suas imaginações sobre a natureza do *Espaço* em hum perfeito Spinozismo. Não pareça isto huma calumnia, e por isto he preciso entranharmo-nos nesta materia horrendamente abstracta. Segundo Newton, a propriedade que constitue a essencia da materia, he a impenetrabilidade, ou a solidez; està propriedade a distingue do Espaço immaterial, que o mesmo Filosofo considera como o receptaculo de

tudo o que existe, e quer que este Espaço (eis-aqui o que me deixou aturdido) seja infinito, e que seja huma propriedade da Divindade. Chama-se a isto Spinozismo em bom Portuguez. Eu peço licença aos Inglezes para impugnar Newton, porque creio que não he hum attentado contra o seu absoluto senhorio dos mares; e digo: O Espaço infinito não he hum attributo da Divindade. Se o Espaço infinito fosse a mesma coisa, que a Immensidade Divina, se a presença de Deos em todo o lugar constituisse o Espaço infinito, em huma palavra, se este Espaço infinito, e mobil, e indivisivel fosse hum attributo do Ser Supremo, Deos então existiria por extensão local, e difusiva, posto que indivisivel. Ora, se a essencia Divina existisse assim por difusão, he evidente que existiria mais em hum grande Espaço, que em hum pequeno, e nós a poderiamos distinguir, e medir por partes mais ou menos grandes. Se a essencia Divina he localmente extensa, deve ser tão impenetravel co-

mo a materia, porque huma substancia real, que se estende por difusão occupa inteiramente seu lugar, e não poderia admittir em sua extensão outras substancias igualmente extensas; a idéa de sua substancia extensa, e comtudo penetravel, he contradictoria, porque só a extensão na materia he que a torna impenetravel. Por indivisivel, por immobil, por infinita que seja a Essencia Divina, he preciso que ella seja impenetravel, se acaso existe por extensão local; e se o Espaço infinito, ou extensão sem limites he huma de suas propriedades, então não póde haver outra substantancia mais que a de Deos. Chama-se a isto rigoroso Spinozismo, e tenha Sir Izaac Newton santa paciencia. Por esta razão Spinoza sustentava, e defendia a unidade de huma unica substancia universal, e concebeo todos os seres creados como outras tantas fórmas, ou modificações, ou idéas consubstanciaes da Essencia Divina. Os mesmos principios da Doutrina Eleática que enganarão Spinosa, en-

ganarão Newton, e estes absurdos se evitarião se ambos elles tivessem huma idéa adequada da natureza do Espaço, enigma incognito a elles, a mim, e a todos os mais Senhores Filosofantes. Mais: se hum espirito finito fosse extenso, seria não sómente impenetravel, mas conservaria todas as mais propriedades da materia: seria figurado, porque teria huma extensão limitada; seria movel, porque podederia ser transportado de hum lugar a outro; seria divisivel, e Deos poderia anniquilar metade de sua extensão, e conservar a outra metade. He preciso concluir destes evidentes principios que Locke, Newton, e seu discipulo Clarke, dão, sem o querer dar, hum corpo á Divindade, quando confundem sua immensidade com a extensão infinita, e a eternidade com a successão infinita. O Espaço, o Tempo, a Extensão, e successão são propriedades dos corpos, ou dos seres finitos. A Materia existe com extensão, e os seres finitos existem por successão: Eis-aqui a origem da idéa do Espa-

ço, e do Tempo. Quando se diz que Deos he o lugar commum de todos os seres que tudo *existe*, *vive*, *e se move em Deos*; isto quer dizer, que tudo existe em Deos por dependencia, porque todas as coisas devem a Deos a existencia, a conservação, e o ser. Isto não póde ser entendido em hum sentido material, e grosseiro, como se todos os corpos, e todos os seres creados nadassem na substancia Divina como os peixes nadão em o mar. Se o Grande Newton filosofava assim, segue-se que não destróe a materia subtil de Des-Cartes, mas elle substitue a huma materia creada divisivel, movel, e limitada, huma materia increada, indivisivel, movel, e infinita; e a transforma em a natureza espiritual de Deos, e tornando esta extensão intelligente, e activa por si mesmo, cahe miseravelmente no tão condemnado Spinozismo. He preciso alevantarmo-nos acima dos proprios sentidos, e suspendermos os impetos, ou vôos de huma imaginação limitada, e lembrarmo-nos sempre, que a ignorancia

he a condição, ou herança da mortalidade. Os mesmos Newtonianos mais devotos, conhecerão e confessarão por absurda a idéa de seu mestre, que julga que o inintelligivel Espaço he hum attributo da Divindade. Clarke confessa no seu tratado contra Spinosa, que esta expressão não he propria, mas que tudo o que por ella se entende he huma idéa abstracta, ou parcial, idéa de huma qualidade, que necessariamente deve existir, que ainda que não seja huma substancia, presuppõe huma substancia necessariamente existente, e sem isto não poderia existir. Esta quartada do bom Clarke ainda nos deixa envoltos em mais espessas sombras. Keil diz, que se não attreve, nem affoita a determinar se o Espaço he hum ser positivo que tenha as tres dimensões, ou se he huma capacidade, huma possibilidade, ou interpossibilidade, que deva considerar-se na mesma classe da mobilidade, e contiguidade. Este mesmo Filosofo não se attreve a decidir se o Espaço he coisa creada, ou in-

dependente de Deos. Que discursos! Que expressões em Filosofos da primeira magnitude! A que apertos, e extremos se achão reduzidos os mais profundos espiritos, quando adoptão hum principio sem preverem suas absurdas consequencias!

F I M.

INDICE.

CARTA I. *Sobre os bens da Fortuna.* Pag. 3
——— II. *Sobre o Suicidio.* 19
——— III. *Sobre a Filosofia de Mendelson.* 31
——— IV. *Sobre o Bello.* 46
——— V. *Sobre a Exageração dos males da Sociedade.* 58
——— VI. *Sobre o Sublime* (1.) 66
——— VII. *Sobre o Sublime* (2.) 77
——— VIII. *Sobre o ser a ignorancia mais conducente para a felicidade, do que a Sciencia. (Sustenta-se este paradoxo.)* 94
——— IX. *Continúa o assumpto da precedente.* 110
——— X. *Sobre o modo de ser eloquente.* 131
——— XI. *Sobre o Estylo, etc.* 154
——— XII. *Sobre as Bellas Artes.* 164

——— XIII. *Sobre a Poesia em relação com a Musica.* 172
——— XIV. *Sobre o Desterro.* 184
——— XV. *Sobre o Patriotismo.* 200
——— XVI. *Sobre o mesmo assumpto da precedente.* 213
——— XVII. *Sobre o assumpto de que a maior Bibliotheca não he mais que hum só Livro. (Sustenta-se este paradoxo.)* 230
——— XVIII. *Sobre o assumpto das Cartas 8., e 9.* 239
——— XIX. *Sobre ser o homem o objecto mais ignorado pelo mesmo homem.* 274
——— XX. *Sobre Seneca e Young serem dois Escritores prejudiciaes.* 253
——— XXI. *Sobre não haver Sciencia sem a Sciencia moral.* 262
——— XXII. *Sobre as operações do entendimento.* 277
——— XXIII. *Sobre o Genio.* 289
——— XXIV. *Sobre o Gosto.* 296
——— XXV. *Sobre a Indifferença, etc.* 304

——— XXVI. *Sobre as inclinações fysicas e espirituaes.* 310
——— XXVII. *Sobre os poucos conhecimentos do homem.* 319

CATALOGO

DAS

OBRAS DO R. P.

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

Que se vendem na Loja de João Henriques, na Rua Augusta N.° 1.

Cartas Filosoficas a Attico. 1 vol. broch. - - - - - 480

Refutação dos Principios Methafisicos, e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados. 1 vol. encad. - - - - - 600

O Homem, ou os Limites da Razão; Tentativa Filosofica, broch. - - - - - 320

O Couto, Resposta ao Folheto = Regras da Oratoria da Cadeira, broch. - - - 300

Analyse Analysada, Resposta a A. M. do Couto - - 100

A Verdade, broch. - - 300
O Oriente, Poema Epico, 2 vol. encad. - - - - 1440
———, melhor Encadernação. 2 vol. - - - 1800
Newton, Poema Filosofico. - 240
———, Segunda Edição, com 1 Estampa. broch. - - 400
A Meditação, Poema Filosofico (de que restão mui poucos exemplares) 1 vol. - - 600
O Argunauta, Poemeto. - - 240
Ode a Lord Wellington. - - 60
—— A Alexandre Imperador da Russia. (1.ª) - - - 100
—— Ao Mesmo. (2.ª) - - 80
—— A' Ambição de Bonaparte. - - - - - 80
—— Ao General Kutusow. - 80
Epistola a Lord Wellington. - 80
——— A's Nações Alliadas na passagem do Rheno. - - 80
O Voto, Elogio Dramatico. - 80
Epistola em resposta a outra de Maio e Lima. - - - 80
Os Sebastianistas, 1.ª, e 2.ª parte. - - - - - 600

Mais Logica. - - - 50
Justa Defeza do Livro intitulado = Os Sebastianistas. = - 80
A Senhora Maria. - - - 80
Inventario de Sandices. - - 240
Exame Examinado, resposta a Rocha e Pato. - - - 240
Considerações Christans, e Politicas sobre os Libellos Infamatorios. - - - - 120
Considerações Mansas sobre o 4.° tomo das Obras de Bocage. - - - - - - 120
Carta que escreveo o Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, sobre huma Comedia que víra representar em Lisboa intitulada = *A Preta de Talentos.* - - - - - 120
—— (2.ª) escrita pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, em que lhe dá noticia de outra Comedia que víra representar intitulada = *Adelli.* - - 160
—— de Fogaça, ou Historia

do Cerco de Saragoça, segundo a vio representar em huma Comedia o Doutor Manoel Mendes Fogaça, que a descreve ao seu amigo Trasmontano, no estilo de seu quinto avô Fernão Mendes. - 200

—— de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigio Antonio Maria do Couto intitulada = *O Doutor Haliday em Lisboa impugnado até a evidencia.* - - - 120

Carta escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e víra huma vez representar intitulada = *Manoel Mendes.* = - - - 160

—— sobre o Episodio do Adamastor. - - - - 120

—— de hum Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbra. - - - - 120

Resposta aos dois do Investigador. - - - - - 120

As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas. - - - - - 300
Motim Litterario. 4 vol. - 2400
Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o PRINCIPE REGENTE N. S., que, por voto seu particular, mandou festejar o mesmo Santo. 160
Sermão das Dores de N. Senhora, prégado na Real Capella dos Passos de Queluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, viuva, no anno de 1803. - - - - 120
Sermão de Quarta feira de Cinza, prégado na Santa Igreja da Misericordia de Lisboa a 3 de Março de 1813. - 120
——— de Acção de Graças pelo Milagroso beneficio da Paz Geral da Europa, prégado na Igreja de S. Julião a 22 de

Junho de 1814, na grande Festividade, que o Juiz do Povo, e Casa dos vinte e quatro da Cidade de Lisboa celebrárão, a que assistírão os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, a Nobreza, e pessoas de distincção de todas as Classes. - - 160

——— de Acção de Graças pelo milagroso Restabelecimento da Felicidade da Europa, prégado na Real Casa de Santo Antonio, na pomposa Solemnidade que fez o Senado da Camera de Lisboa, no dia 2 de Maio do anno de 1814. 160

Sermão de Preces pelo bom successo das nossas Armas, contra as do Tyranno Bonaparte, na terceira invasão neste Reino, prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres a 31 de Agosto á Noite, na entrada da solemne Procissão de Penitencia, que fez a exemplar Irmandade de N. Senhora de Jezus. - - - 120

——— prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres a 23 de Novembro de 1808 por occasião de Festividade na Feliz Restauração deste Reino. - - - - - 120

——— de Acção de Graças ao Omnipotente pelo beneficio da Paz Geral, prégado na Igreja de S. Paulo de Lisboa no dia 14 de Fevereiro de 1802. 100

——— contra o Filosofismo do Seculo XIX., prégado na Igreja de S. Julião de Lisboa na quinta Dominga de Quaresma do anno de 1811. - - 200

——— sobre o espirito da Seita Dominante no Seculo XIX. 160

Ha mais algumas Obras em prosa, e em verso na Collecção do *Semanario de Instrucção e Recreio*, 52 *N.os em 2 volumes*, que tambem se vendem na mesma Loja: assim como tambem ha outras obras do mesmo Author impressas, de que he raro apparecer algum

exemplar; taes são: As Odes de Horacio, traduzidas em verso; os Epicedios na morte do Principal Mello, do Conde de S. Lourenço, e de Bocage; a Epistola ao Capitão Lunardi, etc. etc.